



Joana Rita
Felgueiras Viana

À procura de uma Educação Intercultural através da
construção de um Kamishibai Plurilingue com alunos do 1.º
CEB



Joana Rita
Felgueiras Viana

À procura de uma Educação Intercultural através da construção de um Kamishibai Plurilingue com alunos do 1.º CEB

Relatório de Estágio apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.ºCiclo do Ensino Básico, realizada sob a orientação científica da Doutora Ana Carlota Teixeira de Vasconcelos Lloyd Braga Fernandes Tomaz, Professora auxiliar do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho à minha família.

o júri

Presidente

Professora Doutora Filomena Rosinda de Oliveira Martins
Professora Auxiliar, Universidade de Aveiro

Professora Doutora Ana Isabel De Oliveira Andrade
Professora Associada com Agregação, Universidade de Aveiro

Professora Doutora Ana Carlota Teixeira de Vasconcelos Lloyd Braga Fernandes
Tomaz
Professora Auxiliar, Universidade de Aveiro

agradecimentos

Após a conclusão de mais um capítulo na minha vida, tenho de agradecer a todos aqueles que estiveram envolvidos no meu crescimento profissional e pessoal:

À Doutora Ana Carlota Fernandes Tomaz que tanto me orientou e apoiou ao longo do ano. Agradeço por toda a disponibilidade, por todas as reuniões semanais que nos permitiram sentir que o apoio era constante e por podermos contar com a sua ajuda para ultrapassar todos os obstáculos. “Apesar do medo”, agora acredito em mim, graças a si!

Agradeço ao grupo de SOE, composto pelos colegas de estágio Paulo, Andreia, Ana Marta, Sofia e Clara, bem como às Doutoradas Filomena Martins e Rosa Faneca, que me ajudaram e me aconselharam nas reuniões que mantivemos constantes ao longo do ano.

Agradeço todo o apoio e orientação, por toda a partilha de palavras sábias, assim como pelas “dicas” e pela preocupação para connosco por parte dos nossos orientadores cooperantes. Agradeço, principalmente, por terem permitido que esta experiência fosse tão extraordinária.

Agradeço a todos os alunos dos dois contextos que foram sempre tão carinhosos e tão prestáveis ao longo deste ano e que tornaram este ano tão especial.

Agradeço aos pais que participaram no projeto, pelo seu importante contributo na realização do mesmo.

Tenho a agradecer à minha colega da diáde, Rita Cardoso, por me ajudar nos momentos mais difíceis e por me ajudar a ultrapassar os obstáculos estando sempre ao meu lado com uma palavra amiga. Agradeço à Rita pela sua grande amizade.

Por último, mas não menos importante, agradeço à minha família e ao Telmo por toda a confiança que depositaram em mim e por se mostrarem orgulhosos deste percurso que optei por seguir, apesar de muitos outros duvidarem desta profissão como a melhor opção para mim. “Quem corre por gosto não cansa”.

palavras-chave

Diversidade; educação intercultural; kamishibai plurilingue; conhecimento profissional

O presente Relatório Final de Estágio foi realizado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de português e história e geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Face ao fenómeno da globalização as sociedades tornaram-se cada vez mais plurais a diferentes níveis, seja a nível económico, social e religioso, seja a nível linguístico e cultural. Enquanto futuro profissional de educação importa-nos saber lidar com esta pluralidade de identidades, assim como, desenvolver nos nossos alunos a capacidade para lidar com a mesma, de modo a formarmos cidadãos responsáveis e respeitadores da diversidade existente no mundo – objetivos da Educação Global e Intercultural. Estes objetivos estão estipulados na Declaração de Incheon para a Educação 2030 (UNESCO, 2016), e constituem-se como um grande desafio para os professores que queiram educar no século XXI e para a construção do seu conhecimento profissional.

Assim, face a esta problemática implementámos um projeto de intervenção e de investigação numa turma do 2.º ano do 1.º CEB, que durou 6 semanas, e no qual procurámos lidar com a diversidade linguística e cultural do contexto em torno da construção de um Kamishibai Plurilingue. Deste modo, é neste Relatório que apresentamos o projeto de intervenção e de investigação realizado de forma colaborativa e desenvolvido na componente de formação de Prática Pedagógica Supervisionada e que visou, simultaneamente (i) compreender quais as potencialidades da construção de um Kamishibai Plurilingue na promoção de uma Educação Intercultural num contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico e (ii) refletir sobre o conhecimento profissional construído a partir das atividades desenvolvidas em torno do Kamishibai Plurilingue e do ano letivo. Para atingirmos estes objetivos realizámos um estudo de natureza qualitativa e exploratória com características de investigação-ação.

No processo de recolha de dados para nossa investigação recorreremos, no início do projeto, a um inquérito por questionário aos Encarregados de Educação. No decurso do projeto optámos pela observação participante através das notas de campo e das áudio e vídeo gravação das atividades desenvolvidas e que se constituíram como fontes de informação complementar. No final do projeto, optámos pelo inquérito por entrevista realizado à orientadora cooperante e às crianças (grupos focais) como fontes de informação principal. As transcrições das entrevistas constituíram-se como o nosso *corpus* de análise.

O nosso *corpus* documental foi sujeito à técnica de análise de conteúdo de modo a analisarmos e interpretarmos os dados recolhidos a fim de atingirmos o primeiro objetivo anteriormente referido. Definimos duas categorias de análise (Educação culturalmente responsiva a todos e Competências Interculturais) e as respetivas subcategorias, sendo que analisámos os dados de forma integrada (a perspetiva dos alunos confrontada com a perspetiva da Orientadora Cooperante).

Os resultados da nossa investigação permitiram-nos concluir que a construção do Kamishibai Plurilingue e as atividades desenvolvidas em torno desta construção criaram ambientes propícios à promoção de uma Educação Intercultural, no sentido em que, permitiu a valorização das identidades culturais de todos os alunos bem como fomentou o desenvolvimento de competências interculturais nos mesmos.

Para além disso, o desenvolvimento deste projeto de intervenção e de investigação contribuiu para a construção do nosso conhecimento profissional e para o nosso desenvolvimento pessoal e (pré)profissional.

keywords

Diversity; intercultural education; kamishibai plurilingue; professional knowledge

This Final Internship Report was carried out to fulfill the necessary requirements to obtain the degree of master's in teaching of the 1st Cycle of Basic Education and of Portuguese and History and Geography of Portugal in the 2nd Cycle of Basic Education.

Because of the globalization, societies have become increasingly plural at different levels, economically, socially, religiously or linguistically and culturally. As a future teacher, we need to know how to deal with this plurality of identities, as well as to develop in our students the ability to deal with them in order to form responsible citizens who are respectful of the diversity in the world - goals of Global Education and Intercultural. These goals are set out in the 2030 Incheon Declaration for Education (UNESCO, 2016), and constitute a major challenge for teachers wishing to educate in the 21st century and for the construction of their professional knowledge.

Thus, in view of this problem, we implemented an intervention and research project in a class of the 2nd year of the 1st Cycle of Basic education, during 6 weeks, in which we tried to deal with the linguistic and cultural diversity of the context around the construction of a multilingual Kamishibai. Thus, it is in this Report that we present the collaborative intervention and research project developed in the Supervised Pedagogical Practice training component and aimed at simultaneously (i) understanding the potentialities of building a Multilingual Kamishibai in the promotion of Intercultural Education in the context of the 1st Cycle of Basic Education and (ii) reflect on the professional knowledge built from the activities developed around the Plurilingual Kamishibai. To achieve these objectives, we conducted a qualitative and exploratory study with action research characteristics.

In the process of collecting data for our investigation we used, at the beginning of the project, a questionnaire survey of the kids' guardians. In the course of the project we opted for participant observation through the field notes and the audio and video recording of the activities developed and constituted as sources of complementary information. At the end of the project, we did an interview with the cooperating mentor and children (focus groups) as the main sources of information. The transcripts of the interviews were our corpus of analysis.

Our main corpus was subjected to the technique of content analysis in order to analyze and interpret the data collected so we could answer or get clues for the first objective mentioned above. We defined two categories of analysis (Culturally Responsive Education for All and Intercultural Competences) and their subcategories, and we analyzed the data in an integrated manner (the students' perspective compared to the Cooperative Advisor's perspective). The results of our research allowed us to conclude that the construction of the Kamishibai Plurilingual and the activities developed around this construction created favorable environments for the promotion of an Intercultural Education, because it allowed the appreciation of the cultural identities of all students as well as fostered the development of intercultural competences in them.

In addition, the development of this intervention and research project contributed to the construction of our professional knowledge and to our personal and (pre) professional development.

Índice

Introdução geral	3
Identificação e delimitação do problema	4
Organização do trabalho	6
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	9
Introdução.....	11
1. Da Educação Global à Educação Intercultural	11
1.1 Educação Global	11
1.2 Educação Intercultural.....	15
1.2.1 Os dispositivos didáticos numa Educação Intercultural: o Kamishibai Plurilingue.	20
2. Desafios que se colocam à escola e aos professores	24
2.1 A profissionalidade docente e o conhecimento profissional.....	24
2.1.1 A competência reflexiva	27
2.2 A gestão do currículo na Educação Intercultural	28
PARTE II – APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO E DE INVESTIGAÇÃO E ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS.....	31
Introdução.....	33
1. Apresentação do projeto de intervenção e de investigação	33
1.1 Caracterização da realidade pedagógica	33
1.2 Descrição do projeto de intervenção e de investigação	36
2. Orientações metodológicas e técnicas e instrumentos de recolha de dados	47
2.1 Metodologia: Investigação-ação.....	47
2.2 Técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	49
PARTE III – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	57
Introdução.....	59
1. Técnica de análise de dados: análise de conteúdo	59
2. Apresentação, análise e interpretação dos dados	63
3. Reflexão sobre o conhecimento profissional construído a longo do projeto e do ano letivo	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
ANEXOS	96
Anexo 1 – Questionário dirigido aos Encarregados de Educação	98
Anexo 2 – Kamishibai Plurilingue.....	102
Anexo 3 – Pedido de Autorização	107
Anexo 4 – Guião de entrevista semiestruturada à Orientadora Cooperante	111
Anexo 5 – Guião de entrevista (grupos focais) aos alunos	118

Anexo 6 – Transcrição da entrevista à Orientadora Cooperante	122
Anexo 7 – Transcrição dos grupos focais dos alunos	130
Anexo 8 – Unidades de Registo por Categoria/Subcategoria	164

Introdução geral

O presente Relatório de Estágio realizou-se no âmbito da componente de formação de Prática Pedagógica Supervisionada, inserida no Curso de Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico. O projeto de intervenção e de investigação que apresentamos no atual Relatório Estágio foi um projeto anual, desenvolvido por duas díades, sendo que cada díade trabalhou durante um semestre inteiro (no 1.º semestre a díade composta por Joana Viana, a autora do presente Relatório de Estágio, e Rita Santos Cardoso¹ e, no 2.º semestre, a díade composta por Clara Pinto Valente² e Ana Sofia Santos Martins³). No primeiro semestre foram desenvolvidas atividades em torno da construção do Kamishibai Plurilingue e no segundo semestre foram desenvolvidas atividades em torno da organização da apresentação do Kamishibai Plurilingue aos pais.

Este Relatório de Estágio, de acordo com o artigo 16.º do Regulamento das Unidades Curriculares de Prática de Ensino Supervisionada e de Seminário dos Ciclos de Estudos Conducentes ao Grau de Mestre em Ensino da Universidade de Aveiro⁴, contempla a “[...] identificação e caracterização de [uma] problemática [...] educativa [...], diretamente associada [...] às áreas de especialização e/ou nível ou níveis de ensino do Curso em que o estudante estagiário se insere, com recurso a investigação educacional [...]” (alínea a do ponto 1 do art.º 16.º) e ainda a “[...] reflexão sobre a prática de ensino, evidenciando a compreensão do papel do professor na escola, o envolvimento em atividades educativas e o desenvolvimento pessoal e (pré) profissional do futuro educador/professor” (alínea b do ponto 1 do art.º 16.º). Assim, e tendo por base o preceituado no referido regulamento, neste relatório apresentamos, analisamos e refletimos sobre o projeto de intervenção e de investigação que desenvolvemos no âmbito da Prática Pedagógica Supervisionada.

¹ Autora do relatório de estágio intitulado “Potencialidades da construção do Kamishibai Plurilingue no desenvolvimento de um currículo com enfoque globalizador no 1.º CEB”.

² Autora do relatório de estágio intitulado “O Kamishibai Plurilingue e a relação escola-família: 1.º CEB”.

³ Autora do relatório de estágio intitulado “Kamishibai Plurilingue: sensibilização à diversidade linguística e aprendizagens”.

⁴ Diário da República, 2.ª série — N.º 227 — 26 de novembro de 2018.

Identificação e delimitação do problema

Nos nossos dias, vivemos na era da globalização em que o contacto com a pluralidade de línguas e culturas é cada vez mais frequente. Com o aumento das migrações e com o desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação a nível internacional, a frequência do contacto com o Outro, linguística e culturalmente diferente, tornou-se cada vez maior e mais visível, inclusive nas estruturas educativas, as quais têm vindo a acolher uma crescente diversidade cultural e linguística. Contudo, o contacto com o Outro é, muitas vezes, conflituoso, podendo contribuir para a sua marginalização. Cabe, então, às estruturas educativas criar ambientes propícios à reflexão e ao desenvolvimento de competências dos seus alunos que permitam prevenir os conflitos derivados do contacto intercultural, promovendo a integração de todos os cidadãos na sociedade para uma maior coesão e justiça social.

Esta pluralidade de culturas e línguas presente na escola vem colocar aos professores novos desafios. Ao lidar com a crescente diversidade humana nas suas salas de aula, os professores devem adaptar as suas metodologias, as suas estratégias, a sua prática pedagógica no âmbito da promoção de uma Educação Intercultural, contribuindo para a construção de um mundo mais coeso, mais justo, mais unido, através da formação de cidadãos que sejam participativos na vida democrática local e global e, ao mesmo tempo, capazes de olhar para a diversidade como algo que os enriquece. Para reafirmar a importância de uma Educação Intercultural e do papel do professor na sua promoção, citamos Lourenço e colaboradores (2017, p. 82), que afirmam que o desempenho profissional docente deve basear-se na

“[...] consciencialização sobre o papel da educação linguístico-comunicativa no processo de desenvolvimento humano, incluindo a compreensão da necessidade de contribuir para uma maior justiça social e solidariedade entre os sujeitos e as comunidades pelo reconhecimento do igual valor de todas as línguas e culturas, das vantagens do diálogo intercultural e pelo comprometimento na sua efetivação”.

Para além disso, para que seja possível educar para a Interculturalidade, é necessário trabalhar através de uma gestão flexível do currículo. É necessário a integração de todos, não só na escola, mas, principalmente, no processo de ensino aprendizagem. É essencial tomar consciência de que as crianças crescem e desenvolvem-se a ritmos diferentes, que os alunos não são um todo homogéneo, que também têm ritmos diferentes de aprendizagem. É fundamental uma escola flexível que permita ao professor planear, criar estratégias e projetos, adaptar a sua prática de acordo com a diversidade com a qual se confronta, de forma a contemplar essa mesma variedade de identidades em todo o processo de ensino aprendizagem.

O Decreto-Lei 55/2018 surge exatamente nesta lógica e defende que as práticas educativas sejam adaptadas à realidade com a qual o professor interage e às necessidades dos alunos, podendo ‘manusear’ o currículo de forma flexível e autónoma, tal como se pode ler na alínea c) do Artigo 4.º do mesmo decreto-lei, na qual se refere que uma escola inclusiva é uma escola que

“[...] promove a igualdade e a não discriminação, cuja diversidade, flexibilidade, inovação e personalização respondem à heterogeneidade dos alunos, eliminando obstáculos e estereótipos no acesso ao currículo e às aprendizagens, assente numa abordagem multinível, que integra medidas universais, seletivas e adicionais de suporte à aprendizagem e à inclusão”.

Ao iniciar a Prática Pedagógica Supervisionada surgiu a oportunidade de participar no concurso internacional Kamishibai Plurilingue (também designado por KP) organizado pelo Laboratório Aberto para a Aprendizagem de Línguas Estrangeiras (LALE), integrado no Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF), por sua vez, sediado no Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro “[...] [que teve] como objetivo incentivar os atores educativos a desenvolver projetos abertos à diversidade linguística e cultural por meio da criação de pranchas de um kamishibai [...] plurilingue”⁵. Este concurso, organizado pela primeira vez pelas

⁵ Para mais informações sobre o concurso, consultar <https://www.ua.pt/cidtff/lale/page/24228>.

estruturas educativas portuguesas, teve como ponto de partida a frase: “Da minha janela para o mundo”, de Fernando Pessoa.

Ao observar o contexto educativo no qual iríamos realizar a prática pedagógica supervisionada, no 1.º semestre, constatámos que estávamos perante um contexto culturalmente diversificado, uma vez que na turma havia alunos migrantes, alunos com pais de nacionalidades diferentes e uma aluna de outra nacionalidade. Assim, em conjunto com as crianças, decidimos participar no concurso, realizando um projeto de intervenção e de investigação numa turma de 2.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico com o título “Viajar sem sair do lugar!”, com o qual se pretendeu compreender as potencialidades da construção de um Kamishibai Plurilingue na promoção de uma Educação Intercultural.

Ao nível da dimensão interventiva, as atividades desenvolvidas em torno da construção do Kamishibai Plurilingue visaram os seguintes objetivos pedagógico-didáticos:

- I. Dar a conhecer aos alunos as características de um Kamishibai Plurilingue;
- II. Promover atitudes de interesse e curiosidade face a outras culturas e línguas através de atividades desenvolvidas em torno da construção de um KP;
- III. Motivar as famílias para participarem no desenvolvimento das atividades;
- IV. Construir um KP mobilizando os conhecimentos adquiridos ao longo do projeto;
- V. Incentivar a participação dos alunos na construção das suas próprias aprendizagens.

Ao nível da dimensão investigativa, com o desenvolvimento deste projeto, procurámos compreender de que forma as atividades realizadas em torno da construção do Kamishibai Plurilingue contribuiu para a promoção de uma Educação Intercultural, em crianças do 2.º ano do 1.º CEB e, por outro lado, refletir sobre o conhecimento profissional construído a partir das atividades desenvolvidas em torno do Kamishibai Plurilingue e do ano letivo.

Organização do trabalho

Este Relatório de Estágio encontra-se organizado em três partes: enquadramento teórico (Parte I); apresentação do projeto de intervenção e de investigação e orientações metodológicas (Parte II); apresentação, análise e interpretação dos dados (Parte III).

Na Parte I percorremos o caminho da Educação Global à Educação Intercultural, estabelecendo a relação entre ambas e fundamentando a importância de cada uma. Deste modo, afunilamos o nosso olhar para a importância de se adotar uma Educação Intercultural nos dias de hoje, salientando aquilo que preconiza a Educação Intercultural. Ainda dentro deste contexto de educação, destacamos os dispositivos didáticos que nela são trabalhados, salientando o Kamishibai Plurilingue como ferramenta que potencia a sua promoção. No segundo ponto desta primeira parte, apresentamos, ainda, os desafios que se colocam à escola e aos professores, abordando aspectos como a profissionalidade docente e a construção de conhecimento profissional, salientando a importância da competência reflexiva nos professores e refletindo sobre o papel destes na gestão do currículo na Educação Intercultural.

Na Parte II, caracterizamos a realidade pedagógica onde estivemos inseridas, fundamentando a pertinência da realização do nosso projeto. Assim, partimos para a descrição do projeto de intervenção e de investigação, fundamentando, num segundo ponto, a metodologia que seguimos, identificando as técnicas e os instrumentos de recolha de dados que foram utilizados ao longo do projeto.

Relativamente à Parte III, apresentamos, analisamos e interpretamos os dados recolhidos no fim do projeto, tendo em conta o primeiro objetivo de investigação, de acordo com as categorias de análise criadas: (1) Educação culturalmente responsiva a todos e (2) Competências Interculturais; (2.1) Conhecimentos de outras línguas e culturas; (2.2) Reconhecimento da importância das línguas; (2.3) Interesse, curiosidade em conhecer outras línguas e culturas; (2.4) Dar-se a conhecer, refletindo, no final, sobre os resultados obtidos.

Num segundo momento da Parte III, procuramos responder ao segundo objetivo de investigação, articulando com uma reflexão global sobre o nosso percurso de desenvolvimento pessoal e pré-profissional.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Introdução

Na primeira parte deste Relatório de Estágio apresentamos a fundamentação teórica da nossa problemática. Assim, e num primeiro momento, começamos por refletir sobre a Educação Global (1.1), salientando a sua importância no contexto atual, bem como os seus princípios e finalidades. Considerando que a Educação Global visa, entre outros objetivos, ajudar os alunos a lidarem com a diversidade cultural e linguística para alcançarem uma melhor compreensão mútua (Silva, 2010), pretendemos no enquadramento teórico focar o nosso olhar na Educação Intercultural, enquanto parte integrante da Educação Global.

Desta forma, num segundo momento, fundamentamos a importância de se promover em contextos educativos uma Educação Intercultural (1.2), tendo por base as orientações contempladas em documentos realizados por organizações internacionais, especificando as competências (conhecimentos, capacidades, atitudes e valores) a desenvolver nas crianças dentro desta abordagem e, por outro lado, a necessidade de os professores conceberem ambientes de ensino-aprendizagem e dispositivos didáticos que permitam o desenvolvimento dessas competências. Neste âmbito, daremos particular destaque ao dispositivo didático Kamishibai Plurilingue (1.2.1).

Num último momento, iremos apresentar os desafios que se colocam à escola e aos professores face à crescente complexidade e heterogeneidade existente nas salas de aula (2), salientando as implicações que se colocam à profissionalidade docente e relacionando com as dimensões do conhecimento profissional dos professores.

1. Da Educação Global à Educação Intercultural

1.1 Educação Global

Vivemos num mundo marcado pela globalização que, para Lourenço (2018, p. 1), citando Giddens (2000), é o processo de ampliação, aprofundamento e aceleração da interconexão mundial nas várias dimensões inerentes à sociedade (social, económica, política, cultural), uma consequência do rápido avanço das tecnologias, das comunicações e das migrações.

Hoje em dia, há um maior e mais rápido acesso à informação e conhecimento, uma maior possibilidade de mobilidade, permitindo um contacto com pessoas, línguas e culturas diferentes mais elevado, havendo ainda, um maior avanço tecnológico em vários campos, como na saúde, nos meios de comunicação e de transporte. No entanto, se por um lado, a globalização trouxe novas oportunidades, por outro, também trouxe alguns desafios às sociedades do século XXI: as alterações climáticas, os conflitos entre povos e nações, o aumento das desigualdades sociais, a pobreza, o desemprego à escala global, as migrações forçadas, entre outros.

Ora, de acordo com a Oxfam (2015), as oportunidades e os desafios que resultam da globalização requerem que as pessoas se tornem cidadãos globais e que desenvolvam competências comunicativas e colaborativas, que sejam capazes de pensar criticamente, que desenvolvam responsabilidades a nível local e global, que valorizem a diversidade existente no mundo e que promovam a justiça social. Estas competências são as aprendizagens que a Educação Global pretende promover com a finalidade de formar cidadãos ativos, participativos e responsáveis na vida democrática local e global. Conforme podemos ler no Guia Prático para a Educação Global (Silva, 2010), esta “é uma perspectiva educativa que decorre da constatação de que os povos contemporâneos vivem e interagem num mundo cada vez mais globalizado [...]”, sendo que, o objetivo é que os aprendentes compreendam e discutam “as relações complexas entre questões sociais, ecológicas, políticas e económicas que a todos dizem respeito, permitindo-lhes descobrir novas formas de pensar e de agir” (p. 10).

Olhando agora para o panorama nacional, verificamos que também já existem documentos orientadores da ação educativa dos professores, na mesma linha. Assim, e de acordo com a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC, 2017), a Educação para a Cidadania visa abordar

“[...] os direitos e deveres que devem estar presentes na formação cidadã das crianças e dos jovens portugueses, para que no futuro sejam adultos e adultas com uma conduta cívica que privilegie a igualdade nas relações interpessoais, a

integração da diferença, o respeito pelos Direitos Humanos e a valorização de conceitos e valores de cidadania democrática” (p. 3).

Efetivamente, os Direitos Humanos têm sido alvo de atenção por parte de várias entidades ao longo das últimas décadas e a importância do respeito destes tem sido cada vez mais salientada. Sabe-se que um dos maiores desafios decorrentes do fenómeno da globalização é a grande desigualdade no acesso aos bens e aos direitos fundamentais do Homem nas sociedades. As repercussões deste fenómeno são cada vez mais visíveis, principalmente nos países mais pobres e nas culturas minoritárias que veem os seus direitos desrespeitados de forma constante. Neste seguimento, os objetivos a alcançar no âmbito da Educação para a Cidadania Democrática e da Educação para os Direitos Humanos, conforme estipulado na Carta do Conselho da Europa (2015), vão ao encontro dos objetivos da Educação Global. Com efeito, um dos objetivos comuns a estas três abordagens educativas é tentar capacitar os jovens cidadãos “para o exercício e a defesa dos direitos e deveres democráticos, para a valorização da diversidade e para o desempenho de um papel ativo na vida democrática, a fim de promover e proteger a democracia e o primado do direito” (Conselho da Europa, 2015, p. 41). Assim, através de uma Educação Global poder-se-á formar cidadãos que sejam capazes de combater estas desigualdades sociais ao transformarem-se em defensores e respeitadores dos Direitos Humanos, de modo a promover o desenvolvimento sustentável e inclusivo nas sociedades a nível global.

Entendemos, então, que uma educação de qualidade é aquela que promove a inclusão de todos os cidadãos e o respeito pelos direitos humanos, assim como, a participação na vida democrática local e global. A Declaração de Incheon para a Educação 2030 (UNESCO, 2016) surge neste contexto, estabelecendo uma nova visão para a educação até ao fim da próxima década e defendendo o papel fundamental da educação enquanto transformadora de vidas e impulsionadora do desenvolvimento. Nesta Declaração, consta que uma das metas é a de “garantir um lugar de destaque na Educação 2030 para o fortalecimento das contribuições da educação à realização dos direitos humanos, da paz e da cidadania responsável – do âmbito local ao global [...]” (UNESCO, 2016, p. 21).

Deste modo, e de acordo com o Conselho da Europa, no Guia Prático para a Educação Global (Silva, 2010) considera-se que uma Educação Global deve incorporar quatro áreas principais da arte de saber viver em conjunto no mundo:

“a. Educação para a Empatia *(aprender a compreender os outros, a colocarmo-nos no seu lugar, a ver os problemas com os seus olhos, a ser empáticos com os outros)*

b. Educação para a Solidariedade *(desenvolver um sentido de comunidade que transcende os limites do grupo, Estado ou raça, para trabalhar/fazer campanha contra a desigualdade e a injustiça social)*

c. Educação para o Respeito mútuo e a compreensão *(abrir-se a outras áreas culturais/mundos, convidar os outros a participarem/integrarem (n)a nossa própria cultura)*

d. Educação contra o nacionalismo *(abrir-se a outras nações, comunicar, evitar atitudes/expressões/comportamentos fundados no preconceito e estereótipos)”*
(pp. 79-80).

Podemos dizer, então, que a Educação Global pretende ainda atuar na área do relacionamento social e na dimensão intercultural, pois visa fomentar o respeito pela diversidade cultural, linguística e religiosa, entre outras, uma vez que, o respeito pela diversidade é uma das variáveis com mais peso na equação para alcançar a coesão e a justiça social de todas as sociedades.

Face à grande mobilidade de pessoas e à crescente diversidade linguística e cultural presente nas sociedades do século XXI, entendemos que este trabalho no campo do relacionamento intercultural pela Educação Global seja, com efeito, uma chave fundamental para a promoção do bem-estar de todos. Assim, sendo figurativamente a Educação Global uma árvore, consideramos que um dos seus ramos é a Educação

Intercultural. Este ramo partilha as mesmas raízes (ideais) mas direciona-se para o trabalho de competências que promovam um contacto intercultural harmonioso, concebendo o mesmo fruto: o bom funcionamento democrático local e global das sociedades. É, assim, dentro da Educação Global, que surge a importância de se promover uma educação mais específica que engloba os mesmos ideais, mas que afunila o seu olhar nas relações interpessoais – a Educação Intercultural.

1.2 Educação Intercultural

De acordo com o artigo 1.º, da Declaração Universal da Diversidade Cultural, a diversidade cultural é a “[...] originalidade e [a] pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade”, sendo entendida como “fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade” e “é, para o género humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza” (UNESCO, 2002). Nesta declaração, a diversidade cultural é considerada como património comum da humanidade, devendo ser valorizada, reconhecida e preservada para o benefício das gerações presentes e futuras. É ainda defendido que esta pluralidade de identidades culturais deva ser entendida como um fator de desenvolvimento e de enriquecimento de uma dada sociedade, não só a nível “[...] económico, mas também como meio de acesso a uma existência intelectual, afetiva, moral e espiritual satisfatória” (UNESCO, 2002, p. 3).

Ao falarmos sobre a diversidade cultural não podemos ignorar as relações que daqui advêm: as relações entre os diferentes indivíduos ou grupos que proporcionam um contacto estruturado ou não, pacífico ou conflituoso. Como Ramos (2007) defende, é necessário gerir esta diversidade cultural, gerindo os conflitos e a comunicação para promover interações harmoniosas entre o Eu e o Outro. Ou seja, ao abordar o contacto intercultural é necessário ter em conta as duas posições que daqui resultam, como refere Ramos (2007), o Eu e o Outro. Estas duas posições parecem ser distantes, mas, no nosso entender, devem funcionar numa relação dialogal e de compreensão mútua. Este Eu e o Outro, apesar de diferentes nas suas características individuais, são vistos como iguais quando se trata de direitos fundamentais do Homem: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos [...] sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem

nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação [...]”. Esta afirmação, presente nos artigos 1.º e 2.º da Declaração Universal dos Direitos do Homem, foi, de facto, uma conquista civilizacional que moldou o quotidiano das sociedades dos séculos XX e XXI.

Ainda assim, é necessário ter em conta que poderão surgir reações adversas que nascem do contacto com a diversidade cultural, originando, por vezes, reações preconceituosas, discriminatórias, estereotipadas e de intolerância entre o Eu e o Outro. Por consequência, o Outro acaba por não ser integrado na sociedade, sendo alvo de exclusão social e de discriminação, o que resulta numa falta de respeito para com os seus direitos.

Deste modo, e segundo a UNESCO (2016), no documento intitulado “Repensar a Educação: rumo a um bem comum mundial” que contribui para uma nova “visão da educação num mundo em mudança” (p. 18), é defendido que a vertente humanística e holística do desenvolvimento humano tem de estar inerente à educação, pois esta deve ser centrada na pessoa e na dignidade humana. De facto, é necessário adotar uma educação que seja capaz de acabar com “a violência, a intolerância, a discriminação e a exclusão” (UNESCO, 2016, p. 9), presentes nas sociedades e que desenvolva estas capacidades nos alunos, no sentido de potenciar a criação de relações harmoniosas entre indivíduos, promovendo a coesão e a justiça social. Neste sentido, a UNESCO (2006), num documento que apresenta os princípios da Educação Intercultural – “Guidelines on Intercultural Education” – defende que esta coesão e justiça social possam ser promovidas através de programas que encorajem o diálogo entre estudantes com culturas, princípios, valores e religiões diferentes.

Também as salas de aula de hoje em dia são marcadas, cada vez mais, por uma crescente diversidade linguística e cultural, sendo, por isso, necessário realçar ainda mais a importância de se adotar uma Educação Intercultural. Esta educação, de acordo com a UNESCO (2006)⁶, pretende ir além da coexistência passiva, alcançando uma convivência multicultural numa base de compreensão mútua, respeito e diálogo entre diferentes grupos. Na prática, é pelo diálogo intercultural “que se promove o entendimento entre

⁶ No original, “[...] aims to go beyond passive coexistence, to achieve a developing and sustainable way of living together in multicultural societies through the creation of understanding, of respect for and dialogue between the different cultural groups” (UNESCO, 2006, p. 18).

peças e povos, se cultivam e desenvolvem os benefícios da diversidade cultural” e que “se reanima uma cidadania [...]” (Côrte-Real, 2017, p. 13).

Sabemos que a base da educação deve estar assente em quatro pilares, de acordo com o Relatório “Educação: Um tesouro a descobrir” da UNESCO (1998, p. 101), nomeadamente “**aprender a conhecer, aprender a ser, aprender a fazer, aprender a viver juntos**”, dos quais destacamos este último por considerarmos ser o mais relevante para o nosso trabalho. Neste relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI defende-se que a educação é essencial “[...] no desenvolvimento contínuo, tanto das pessoas como das sociedades” (1998, p. 11) e, portanto, a UNESCO defende que aprender a viver juntos requer que o indivíduo compreenda o Outro, perceção as interdependências e que saiba gerir os conflitos que possam surgir dessa convivência. Este pilar baseia-se no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz. Isto implica, no contexto escolar, a criação de um ambiente propício ao desenvolvimento de conhecimentos, de capacidades, de atitudes e valores nas crianças, de modo a prepará-las para conviver num mundo intercultural. Na verdade, como Coelho (2007, p. 23) afirma, a “[...] criança conhecedora de outras línguas e culturas desenvolve as suas capacidades de atenção e agilidade intelectual, bem como alarga o seu horizonte cultural, construindo sentimentos de respeito, tolerância, compreensão e curiosidade em relação ao Outro e a si próprio”.

Posto isto, devido aos riscos que ainda crescem da tensão originada no contacto entre culturas, é mais que relevante promover nas crianças, desde os primeiros anos, a consciencialização da existência do Outro, numa base educacional que promova atitudes de abertura e curiosidade, não só para conhecer o Outro, mas também para desenvolver o autoconhecimento e a autocompreensão do próprio Eu. Neste sentido, Coppete (2012) afirma que a Educação Intercultural traz implicações para as crianças em vários campos. A autora afirma que o objetivo da Educação Intercultural é ajudar os indivíduos a apropriarem-se de um código (conhecimentos, capacidades, atitudes e valores) que possibilite aceder ao universo do Outro, contactando com os seus valores, a sua língua, a sua religião, a sua raiz histórica, a sua maneira de pensar e viver, a sua alimentação e música e, ao aceder a estas referências, pretende-se que o indivíduo possa retornar ao seu universo e enriquecê-lo, potencializando o seu próprio desenvolvimento. Segundo Coppete et. al. (2012), isto implica mudanças a nível cognitivo e a nível emocional, uma

vez que, potencializa uma visão do mundo diferente, permite a compreensão da diferença e a sua própria valorização, permite ser sensível, ou seja, porque permite conviver com a diferença de forma harmoniosa e respeitadora.

Neste sentido, para que estas mudanças sejam realizadas, a UNESCO (2006) propõe três grandes princípios que são intrínsecos a uma Educação Intercultural:

1. A Educação Intercultural respeita a identidade cultural do aluno, mediante a oferta de uma educação de qualidade para todos e culturalmente relevante.
2. A Educação Intercultural desenvolve em cada aluno o conhecimento cultural, as atitudes e as competências necessárias a uma participação ativa na vida da sociedade.
3. A Educação Intercultural garante a todos os alunos a aquisição dos conhecimentos, atitudes e competências que os capacitam a contribuir para o respeito, a compreensão e a solidariedade entre indivíduos, grupos étnicos, sociais e religiosos, e nações.

Estas competências, de acordo com Ramos (2011, pp. 194-195), pertencem a três campos: individuais, interculturais e de cidadania. A autora (2011) afirma que as três áreas se complementam, mas cada uma requer a sua especificidade: as competências individuais visam criar no indivíduo condições cognitivas e emocionais que permitam criar relações interpessoais harmoniosas, que promovam um afastamento etnocêntrico evitando atitudes de discriminação, de intolerância; nas competências interculturais, a autora refere que a aptidão comunicativa, aliada à sensibilidade e ao interesse para com o Outro, permite uma maior consciencialização cultural e uma melhor comunicação intercultural; já as competências de cidadania são as que permitem o bom funcionamento democrático das sociedades e das instituições. As três áreas conjugadas pressupõem um conjunto de princípios (representados no quadro 1) que se devem ter em conta no desenvolvimento do domínio Intercultural.

Os princípios do domínio Intercultural
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento sobre si mesmo e do Outro; • Descoberta e compreensão das normas e valores diferentes como igualmente aceitáveis; • Tolerância e abertura a novas aprendizagens; • Empatia, colocando-se no lugar do Outro; • Comunicação noutras línguas; • Interesse por todos e integração de todos; • Consciencialização cultural; • Respeito pelos Direitos Humanos; • Descentralização do Eu; • Rejeição de estereótipos e ideias pré-concebidas sobre o Outro; • ...

Quadro 1 – Princípios do domínio intercultural (adaptado de Ramos, 2011, p. 196)

Estes princípios podem ser transformados em competências que se enquadram em quatro categorias: valores, atitudes, capacidades e conhecimentos, como se apresenta no quadro 2, adaptado do Conselho da Europa (2016, p.7). O desenvolvimento destas competências permitirá que um indivíduo participe de maneira efetiva e adequada numa cultura democrática:

Competências que permitem um indivíduo participar de maneira efetiva e adequada numa cultura de democracia	
Valores: <ul style="list-style-type: none"> • Valorização da dignidade humana e dos direitos humanos; • Valorização da diversidade cultural; • Valorização da democracia, da justiça, da equidade e igualdade. 	Atitudes: <ul style="list-style-type: none"> • Abertura à alteridade cultural, a crenças, a visões do mundo e práticas diferentes; • Respeito; • Espírito cívico; • Responsabilidade; • Tolerância de ambiguidade.
Capacidades: <ul style="list-style-type: none"> • Aprender de forma autónoma; • Analisar e de refletir criticamente; • Escutar e observar; • Criar empatia; • Ser flexível e saber adaptar; • Desenvolver competências linguísticas, comunicativas e plurilingues; • Cooperar; • Resolver conflitos. 	Conhecimentos: <ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento e compreensão de si mesmo; • Conhecimento e compreensão crítica de linguagem e comunicação; • Conhecimento e compreensão crítica do mundo nos vários campos: política, justiça, direitos humanos, culturas, religiões, história, media, economias, ambiente, desenvolvimento sustentável.

Quadro 2 – Competências para participar de maneira efetiva e adequada numa cultura de democracia (Fonte: Conselho da Europa, 2016, p.7)

Perante o exposto, a implementação de projetos educativos interculturais deve assentar no desenvolvimento das competências acima apresentadas. Ou seja, o aprendente, que está a ser alvo de uma Educação Intercultural, e relacionando com o pilar da educação referido anteriormente – aprender a viver juntos –, precisa de desenvolver conhecimentos, capacidades, atitudes e valores que contribuam para um espírito de “solidariedade e cooperação entre diferentes indivíduos e entre grupos em sociedade” (UNESCO, 2006, p. 20)⁷.

É neste contexto que surge a necessidade de desenvolver dispositivos didáticos que promovam estas competências, de forma a tornar mais efetivo o alcance dos objetivos de uma Educação Intercultural, como defendemos no subponto seguinte.

1.2.1 Os dispositivos didáticos numa Educação Intercultural: o Kamishibai Plurilingue

O desenvolvimento das competências referidas anteriormente (cf. Quadro 2) nas crianças passa pelas mãos dos profissionais de educação que, de acordo com Ramos (2011), no seu processo de formação devem, também eles, desenvolver estratégias educacionais e psicossociais do domínio intercultural, de modo a conhecer a sua própria cultura e as culturas que o rodeiam e, assim, tornarem-se capazes de desenvolver projetos de educação que incluam essa diversidade e que trabalhem estas competências articuladas com os objetivos da Educação Intercultural.

Efetivamente, tal como afirmam Silva e Rebolo (2017, p. 181), as diferenças culturais “devem estar «dentro da escola» como parte integrante das relações interpessoais e das práticas pedagógicas no âmbito do ambiente escolar, e é nesse caminho que se deve pensar as ações educativas”. No entanto, pensamos que ainda há um grande caminho a percorrer para que a escola consiga lidar com a heterogeneidade cultural, uma vez que grande parte da população docente se encontra na fase de desinvestimento da carreira, o que resulta num olhar menos atento face às novas exigências e às novas características das sociedades. O grande desafio para as escolas, segundo as autoras, passa pelo desenvolvimento de um trabalho que inclua a diversidade através de dispositivos didáticos, para transformar a escola num lugar onde se atue de forma ativa com a heterogeneidade, no sentido de incluir as diferenças, isto é, de valorizar outro.

⁷ No original: “solidarity and co-operation among diverse individuals and groups in society” (UNESCO, 2006, p. 20).

Podemos assumir, portanto, e de acordo com Côrte-Real (2017), que na Educação Intercultural é esperado que a prática pedagógica dos professores tenha ênfase na pessoa e na sua relação com o outro, sendo que compete às escolas dotarem-se de equipas pedagógicas que sejam capazes de implementar estratégias e utilizar dispositivos didáticos, com a finalidade de promover o desenvolvimento de competências interculturais nos alunos, com vista à formação de cidadãos exemplares e implicados na vida democrática das sociedades.

Um dos materiais didáticos que está muito presente na prática dos professores são os livros de histórias. Sabemos que a escola é, para muitos, o único lugar de contacto com os livros e com a leitura. Os livros de histórias poderão ser encarados como um dispositivo gerador de conhecimentos, capacidades, atitudes e valores no âmbito da interculturalidade, uma vez que, as narrativas ficcionadas, ou não, de acordo com Morgado (2019, p. 142), “são estruturas ideológicas ou estratégias utilizadas para construir a realidade, recordar o passado, apresentar quem somos (a(s) nossa(s) identidade(s)), os modos culturalmente próprios de nos entendermos e de nos recriarmos, aos outros e ao mundo”.

O Kamishibai surge então neste seguimento de ideias. O Kamishibai é uma técnica cativante de contar histórias, originária da tradição oral no Japão e que significa “teatro de papel”, sendo que, de acordo com aquilo que temos vindo a defender, acreditamos que possa ser uma ferramenta do domínio intercultural.

De acordo com Moriki e Franca (2017) o Kamishibai

“Consiste em uma caixa de madeira na qual o contador insere e remove cartões ilustrados à medida que expõe a narrativa [...] que são compostos por duas partes. No anverso, há uma ilustração, que diz respeito a alguma parte da história. No verso da ilustração, tem-se trechos da narrativa, que podem ser utilizados como um guia” (p. 176).

De acordo com Vernetto (2018), o Kamishibai enquanto forma de contar histórias, tem essencialmente três características:

- Simplicidade do texto:
 - Os autores vão ao essencial da história;
 - Há um pequeno número de personagens (humanos ou animais);
 - São contos simples, simplificados de tudo o que não é narrativo (descrições ou pensamentos dos personagens);
 - São textos claros e diretos, apostando em frases curtas e formas verbais simples com diálogos proeminentes.
- Simplicidade da imagem:
 - As cenas também são simples e procuram destacar os personagens, recorrendo ao uso de diferentes planos de fundo;
 - O uso da cor está a serviço do tema da história e dos sentimentos dos personagens;
 - Texto e imagem estão intimamente relacionados: a correspondência deve ser completa, uma vez que o público vê e escuta simultaneamente a história.
- Simplicidade de uso:
 - É uma pequena pasta que o contador de histórias pode instalar em qualquer lugar, a qualquer momento.

De acordo com Vernetto (2018), o Kamishibai é uma fonte de enriquecimento cultural e de desenvolvimento cognitivo que serve para o aluno trabalhar a concentração, a observação e a imaginação. O Kamishibai potencia o trabalho da ordenação de sequências narrativas e de desenvolvimento de estratégias de oralidade; potencia, ainda, o desenvolvimento da capacidade de reflexão crítica e a autoconfiança.

A particularidade de ser plurilingue surgiu, como já referimos anteriormente, do concurso organizado pelo LALE, no qual participámos e que requeria que o Kamishibai a construir contemplasse na sua narrativa quatro ou mais línguas. Deste modo, consideramos que este Kamishibai se transforma numa ferramenta educacional à volta da qual se podem desenvolver projetos que combinem a narrativa, as artes visuais e a diversidade linguística e cultural, do micro ao macro contexto – da diversidade existente na sala de aula à diversidade existente no mundo – constituindo-se, simultaneamente, como um dispositivo potenciador de uma Educação Intercultural. A solicitação do

concurso em incluir quatro ou mais línguas veio possibilitar o trabalho à volta da pluralidade existente no contexto local e global, o que, para Vernetto (2018)⁸, favorece a sensibilização à diversidade linguística e cultural e a abertura face ao Outro, favorece a integração positiva do plurilinguismo dos alunos e a representação de si como um ser plural e favorece, ainda, o desenvolvimento da consciência linguística.

Assim, o Kamishibai Plurilingue promove os princípios da Educação Intercultural:

- promove o respeito pela identidade cultural de todos através de atividades ou narrativas que contemplem as identidades culturais de todos (através, por exemplo, da contemplação das línguas maternas dos alunos da turma ou que façam parte da biografia linguística dos alunos);
- promove o conhecimento cultural, atitudes e capacidades nos alunos que são necessárias para desenvolver a narrativa;
- promove atividades que trabalhem o respeito, a compreensão e a solidariedade entre os alunos e entre os diferentes grupos étnicos, sociais, culturais e religiosos que possam existir no contexto da comunidade educativa, com vista a promover a coesão social, trabalhando estas dimensões na temática da narrativa, nas ilustrações e na própria construção do Kamishibai Plurilingue.

Sintetizando, o Kamishibai Plurilingue pode ser entendido como um dispositivo didático que se inscreve no domínio intercultural, uma vez que reforça o valor da diversidade linguística e cultural, potencia a inclusão entre todos, assim como, o trabalho das relacionais entre os alunos e o mundo.

Ora, tendo em conta estes requisitos e este tipo de projetos, assim como a diversidade que cada vez mais caracteriza as realidades educativas, colocam-se novos desafios à escola e aos professores com implicações para a profissionalidade docente, pelo que, no ponto seguinte aprofundaremos estas questões.

⁸ No original: “la sensibilisation à la diversité des langues et des cultures et l’ouverture sur l’autre, l’intégration positive du plurilinguisme des élèves, la représentation de soi comme pluriel; le développement de la conscience linguistique” (Vernetto, 2018, p. 18).

2. Desafios que se colocam à escola e aos professores

Entendemos que a qualidade do ensino é fundamental para melhorar a aprendizagem dos alunos. Neste sentido, importa refletir sobre a formação que o profissional de educação deve ter e o conhecimento profissional que deve construir para lidar com as exigências do século XXI. As sociedades tornaram-se mais complexas e mais heterogêneas, o que coloca desafios à profissionalidade docente e à forma de construir conhecimento profissional. Assim, neste ponto, iremos refletir sobre o que é ser professor, o que é esperado deste e quais são as competências que o professor deve ter e desenvolver face à nova realidade.

2.1 A profissionalidade docente e o conhecimento profissional

Como sabemos, educar é uma prática que está em permanente mudança e, graças ao fenómeno da globalização, em mudança crescente, afetando a vida profissional dos professores. Colocam-se, deste modo, novos desafios à profissionalidade docente.

De acordo com Gorzoni e Davis (2017), a profissionalidade docente é entendida como o conjunto de vários aspetos que a tornam única, como por exemplo, o conhecimento profissional específico, o desempenho da ação do professor, o desenvolvimento de uma identidade profissional construída nas ações do professor face aos desafios e exigências sociais internas e externas à escola, a construção de competências e o desenvolvimento de habilidades próprias do ato de ensinar conquistadas durante a formação inicial e/ou contínua e também ao longo das experiências vividas pelo professor. Já nas palavras de Roldão et. al. (2009, p. 142), a profissionalidade docente, entendida como a função de ensinar, é perspectivada mais especificamente como a “*acção especializada de promover a aprendizagem e apropriação de saberes por outros*”, o que coloca no centro da profissionalidade docente “a acção adequada ao aprendente e ilumina a necessidade de um saber compósito e complexo [...] que articula e integra uma variedade de saberes e lhes dá sentido ao transformá-los em *acto* face a cada situação de ensino concreta”.

Compreendemos, assim, que a profissionalidade docente pode ser entendida como a forma como um professor utiliza o seu conjunto de saberes específicos e os articula com a sua experiência e com as competências que tem em si desenvolvidas em contextos

pedagógicos. Gorzoni e Davias (2017), citando Gimeno Sacristán (1995), afirmam que o professor deve valorizar a prática, mas sem desvalorizar a teoria, “pois a primeira é transmissora da segunda ao fundamentar os pressupostos da ação” (p. 1400). Nesse sentido, consideramos que o conhecimento sobre ensinar (teoria) deve determinar a forma eficiente de agir na sala de aula (mobilização da teoria para a prática), de acordo com o conhecimento próprio pessoal e prático do professor e, ainda, face ao contexto, ao currículo e aos aprendentes (Borges, 2014). Entendemos, assim, que a profissionalidade docente é mutável no tempo porque aquilo que se esperava dos professores ou aquilo que era ensinar há um século atrás é diferente daquilo que se espera hoje de um professor, ou do que se esperará daqui a algumas décadas.

Face ao desafio de saber lidar com o futuro que é tão imprevisível e face à realidade que é cada vez mais complexa e heterogênea, Perrenoud (2004), afirma que a profissionalidade docente requer, hoje em dia, práticas reflexivas, formação, trabalho em equipa e por projetos, autonomia e responsabilidade ampliadas, gestão da diversidade, ênfase nos dispositivos didáticos e nas situações de aprendizagem, e a sensibilidade para com o conhecimento e para com a lei. Para isso, Perrenoud (2004) afirma que para ensinar no século XXI, o professor deve desenvolver as seguintes competências, para além do conhecimento de conteúdos: organizar e dirigir situações de aprendizagem; administrar a progressão de aprendizagens; elaborar e fazer progredir os dispositivos de diferenciação; envolver os alunos nas suas aprendizagens e no seu trabalho; trabalhar em equipa; participar na gestão da escola; informar e envolver os pais; utilizar as novas tecnologias; enfrentar os dilemas e os deveres éticos da profissão; administrar a sua própria formação contínua. Verificamos, assim, que os requisitos de um professor que eduque para o século XXI pressupõem um conjunto de competências de natureza diversa, nomeadamente, competências relacionais, técnicas, científicas, comunicativas, críticas, éticas e reflexivas que, conjugadas, requerem um olhar profundo sobre os contextos e sobre os programas, de modo a gerir ambos numa lógica educacional que permita o sucesso escolar de **todos** os alunos.

Na verdade, importa que o professor desenvolva competências que o permitam lidar com a complexidade existente, o que, por si só, já implica transformações na profissionalidade docente: na forma como se ensina, no conhecimento profissional que se possui e, por consequência, na atitude reflexiva. De acordo com Borges (2014, p. 41),

referindo-se a vários autores, o conhecimento prático do professor deve ser “adquirido e construído na ação; ser orientado para a ação; ser contextualizado; ser de natureza ética; ser tácito e implícito; ser integrador e ser marcado por crença”.

No que respeita à valorização e inclusão da diversidade no sistema educativo, e considerando que a escola não é uma ilha isolada da comunidade, pensamos ser, ainda, necessário que o professor nas suas competências identifique e respeite todos os membros da comunidade educativa, valorizando e integrando os diferentes saberes e culturas da comunidade escolar, evitando atitudes de exclusão e de discriminação. Esta dimensão do desempenho docente está prevista na alínea e) da dimensão profissional, social e ética do Decreto-Lei n.º 240/2001, relativamente ao perfil de desempenho profissional dos professores, e como tal, é fundamental que os professores estejam conscientes desta dimensão inerente à sua ação profissional, pois, e tal como é referido na Declaração de Incheon para a Educação 2030, uma educação inclusiva e de qualidade pressupõe que haja políticas que transformem o sistema educacional, de modo a lidar da melhor forma possível com a diversidade existente na escola e no mundo e para responder às necessidades de **todos** os alunos.

É esperado, então, que os professores desenvolvam competências não só durante sua formação inicial e contínua, mas também ao longo da sua prática, de modo a serem capazes de lutar e criar condições para que o “direito à educação com igualdade” seja concretizado, o qual está relacionado, não só com o acesso à educação por todos, mas também com o direito “à **participação e ao sucesso de todos os alunos**” (UNESCO, 2016, p. 18).

Tal como Borges (2014, p. 40) afirma “[...] os docentes passam a ser entendidos como profissionais reflexivos intervenientes no processo de produção de conhecimento sobre o ensinar e, conseqüentemente, sobre o seu conhecimento profissional [...]”. Deste modo, de acordo com afirmações de Eraut (1994, citado por Borges, 2014, p. 41), “ser um professor (competente) significa, fundamentalmente, ter e desenvolver capacidades de autodesenvolvimento reflexivo”. Assim, entendemos que à profissionalidade docente está inerente a reflexividade sobre, para e na ação, de modo responder aos desafios que surgem da complexidade e da imprevisibilidade das situações educativas como de seguida iremos aprofundar.

2.1.1 A competência reflexiva

Para Perrenoud et. al. (2002) um professor que se perspetive como um mediador intercultural, deve, acima de tudo, assumir duas posturas fundamentais: uma postura crítica e uma postura reflexiva relativamente à sua prática. Realçamos esta atitude reflexiva visto que, indo ao encontro das palavras dos autores (2002), estamos perante sociedades complexas e em constante transformação, sendo que a capacidade de inovar, negociar e regular a prática é decisiva e só é possível se o docente refletir sobre a sua prática e para a sua prática de forma crítica e num processo de investigação-ação-formação.

Importa, ainda, que o professor seja um agente também ele de mudança e promotor de mudança. De acordo com Pimenta (2002), “[...] o professor é uma chave definitiva e importante para a mudança e a melhoria da escola” (p.11). A mesma autora, com a qual concordamos, acredita também que o professor tem de estar em constante formação, visto que, surgem, tanto na sala de aula como na escola em si, questões para as quais o professor ainda não tem resposta imediata. Deste modo, e de acordo com Tomaz (2007), apoiada em Sá-Chaves (1994/2002a), torna-se então necessário que o professor desenvolva competências reflexivas para, sobre e na sua ação, de modo a gerir de forma mais inteligente e estrategicamente cada situação-problema com a qual se confronta.

A componente reflexiva é assim fundamental na formação de professores para que estes possam promover uma educação de qualidade, visando o sucesso educativo dos alunos, excluindo desta forma processos de uniformização e de homogeneização. Pimenta (2002) defende que a formação do professor requer, então, um investimento pessoal, institucional, público, político e social e defende ainda que o professor “[...] não é um mero executor, mas sim um intelectual capaz de tornar a sua prática objeto de investigação, estudando-a e problematizando-a perante as exigências que a sociedade coloca” (p. 17). Por isso, consideramos importante que no âmbito da Prática Pedagógica Supervisionada se desenvolvam projetos com características de investigação-ação, considerando, assim, que a componente reflexiva deve ser alvo de atenção desde a formação inicial, sendo contemplada continuamente durante toda a vida profissional docente. Ao encontro do que temos vindo a defender até agora, citamos Borges (2014, p. 42) que afirma que “[...] aprender a ser professor não decorre de uma acumulação de cursos, de conhecimentos ou de técnicas, mas de um trabalho de reflexividade crítica

sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade pessoal e profissional”.

Esta atitude reflexiva vem contrariar a concepção do professor como técnico e aplicador de “[...] saberes científicos, cabendo-lhe o papel de gestor de comportamentos e de organização dos processos de ensino-aprendizagem dos alunos” (Borges, 2014, p.40), adotando-se agora uma nova e importante visão do professor como agente dotado de recursos cognitivos e sociais específicos e que gere o currículo face às possibilidades do contexto no qual está inserido (Borges, 2014). Efetivamente, o docente do século XXI deve possuir conhecimento para além dos conteúdos, deve possuir, principalmente, conhecimento sobre o contexto e os seus aprendentes, adotando uma postura reflexiva que lhe permita adequar a prática à realidade com a qual se confronta, implicando uma gestão flexível do currículo, como de seguida abordaremos.

2.2 A gestão do currículo na Educação Intercultural

Como temos vindo a realçar, atualmente é esperado que um professor seja um mediador e um investigador reflexivo, mas é também esperado que este seja um agente capaz de gerir o currículo conforme a realidade com a qual se confronta. Isto implica, como já referimos anteriormente, por parte do professor, um conhecimento próprio do currículo, do contexto local e global e uma postura crítico-reflexiva. Atualmente, espera-se que este participe ativamente na escola e que se relacione com a comunidade, que seja capaz de intervir no seu contexto, visando a sua transformação.

De acordo com Coppete et. al. (2012), apoiada em Fleuri (1999), um dos desafios e ao mesmo tempo um dos princípios de uma Educação Intercultural é a transformação da prática educativa tendo em conta o contexto onde se dá essa prática para assegurar igualdade de oportunidades a todos os alunos no acesso à educação e na participação plena na vida comum. O desenvolvimento e planificação dos processos educativos, metodologias e dispositivos didáticos, como destaca a autora, devem basear-se no respeito e no reconhecimento da diversidade e dos diversos pontos de vista dos sujeitos, para que sejam “suficientemente capazes de abarcar a complexidade das relações humanas estabelecidas entre indivíduos e culturas diferentes” (p. 249). Para isso, consideramos que a prática do professor tem de ter como base, entre outros, o

conhecimento sobre as línguas e culturas e o conhecimento dos aprendentes que, de acordo com Lourenço et. al. (2017, p. 81), se referem, respetivamente, “aos conhecimentos específicos sobre as línguas e as culturas, bem como sobre a diversidade linguística e cultural do mundo de hoje [...]” e ao “conhecimento das crianças, dos alunos, do seu percurso e das suas características por forma a compreender o que podem desenvolver e/ou aprender”.

Nesta linha, a Declaração de Incheon (2016) salienta que é preciso reforçar a obrigação dos governos de reverem os currículos e materiais didáticos e, principalmente, de formar e supervisionar os professores, de modo a que estes não reproduzam estereótipos, formando-os para a promoção da equidade, eliminando atitudes de discriminação que possam estar visíveis nas suas práticas, de modo a que sejam respeitadores dos Direitos Humanos, dentro e fora da sala de aula. A forma como o professor assegura as aprendizagens aos alunos depende do perfil do professor enquanto profissional e cidadão e, uma vez que os alunos olham para o professor como um exemplo, é importante que este tenha desenvolvido competências do domínio intercultural, a nível abrangente.

De acordo com Lourenço (2014), um dos desafios para o professor intercultural na prática educativa é lidar com um currículo tradicional. Para a autora, o desafio prende-se com a reestruturação deste, transformando-o num currículo para a diversidade, de modo a garantir a igualdade de oportunidades e a formar crianças que compreendam e sejam capazes de transformar o mundo, que já está marcado pela diversidade, num mundo mais coeso e funcional. Um professor que trabalhe com um currículo intercultural, de acordo com Lourenço (2014), transforma a sala de aula num sítio onde o Outro é valorizado, incluído e é visto como potencial fonte de novas aprendizagens culturais, uma vez que “No paradigma da heterogeneidade, os alunos são vistos como diferentes, no entanto essa diferença é usada como um recurso para a aprendizagem individual e coletiva” (Santiago, Akkari & Marques, 2013, p. 7). Esta partilha de conhecimentos culturais permite transformar o mundo num “lugar onde se convive democraticamente, se educa para a cidadania, enfim, um lugar de transformação” (Lourenço, 2014, p. 6).

Lourenço (2014) afirma ainda que o professor deve percecionar a Escola como um dispositivo inclusivo e gerador de mudanças, onde se fomente a participação, o respeito pelas diferenças, através da flexibilização do currículo, pois só assim se promove uma

educação de “qualidade, solidária, equitativa, democrática” (p. 1). No Decreto-Lei n.º 240/2001, mais especificamente na dimensão profissional, social e ética, é pretendido, na alínea b, que os professores entendam a Escola

“[...] como uma instituição educativa, à qual está socialmente cometida a responsabilidade específica de garantir a todos, numa perspectiva de escola inclusiva, um conjunto de aprendizagens de natureza diversa, designado por currículo, que, num dado momento e no quadro de uma construção social negociada e assumida como temporária, é reconhecido como necessidade e direito de todos para o seu desenvolvimento integral”.

O professor deve refletir sobre o currículo e deve geri-lo como um projeto global que, por sua vez, deve ter em conta questões relativas ao processo de ensino-aprendizagem, como o meio físico, afetivo, cultural e social, assim como, o desenvolvimento dos aprendentes. Roldão (2000, citada por Alarcão, 2001) afirma que o professor deve analisar o currículo de forma reflexiva e aprofundada de modo a contemplar decisões sobre o mesmo na sua prática profissional quotidiana. Educar para a Interculturalidade pressupõe, assim, uma reinvenção da gestão do programa curricular pela parte do professor, adaptando a sua prática, tomando decisões conscientes do contexto com o qual trabalha, mas sempre com um olhar no mundo global, construindo ao mesmo tempo e de forma reflexiva o seu conhecimento profissional, tornando assim possível adaptar a profissionalidade docente à realidade.

De forma sintetizada, os novos desafios impostos aos professores do século XXI exigem que estes agentes, nas suas dimensões profissional e pessoal, compreendam o novo paradigma cultural, aprendendo a lidar com a diversidade existente no mundo e nas suas salas de aula. É necessário que os professores promovam ambientes de ensino-aprendizagem estimulantes de diálogo, partilha e compreensão mútua, e que promovam a sensibilização à diversidade linguística e cultural, tornando o currículo flexível, de forma a adotar práticas que sejam responsivas a todos.

PARTE II – APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE
INTERVENÇÃO E DE INVESTIGAÇÃO E ORIENTAÇÕES
METODOLÓGICAS

Introdução

Após termos realizado o enquadramento teórico que sustenta o nosso projeto de intervenção e de investigação, procedemos, neste capítulo, à apresentação do mesmo e das orientações metodológicas.

Numa primeira parte caracterizamos o contexto pedagógico onde o referido projeto foi desenvolvido, evidenciando as características que justificaram a sua pertinência naquela realidade pedagógica. De seguida, apresentamos o projeto e descrevemos as atividades desenvolvidas.

Numa segunda parte apresentamos as opções metodológicas, bem como as técnicas e instrumentos de recolha de dados utilizados neste projeto. Nesta parte, fundamentamos o porquê de se tratar de um estudo exploratório de natureza qualitativa com características de investigação-ação e relacionamos essa opção metodológica com a nossa intervenção no contexto pedagógico.

1. Apresentação do projeto de intervenção e de investigação

1.1 Caracterização da realidade pedagógica

O nosso projeto de intervenção e de investigação foi desenvolvido num contexto de 1.º Ciclo do ensino Básico numa turma do 2.º ano de escolaridade de um agrupamento do distrito de Aveiro. De acordo com o calendário definido para as nossas intervenções no âmbito da Prática Pedagógica Supervisionada (PPS), a Fase I é a fase que corresponde ao período de observação. Esta fase, que decorreu entre 1 de outubro a 17 de outubro de 2018, teve como objetivo caracterizar o contexto educativo onde iríamos intervir.

Esta fase foi importante porque nos possibilitou recolher dados para a caracterização da realidade pedagógica, permitindo-nos, por esta via, constatar a pertinência do nosso projeto de intervenção e de investigação naquele contexto. Assim, aprofundámos o nosso conhecimento sobre os aprendentes e sobre o contexto no qual iríamos implementar o projeto de intervenção e investigação através da nossa observação e participação nas atividades das crianças, através de reuniões com a orientadora cooperante que nos forneceu informações relevantes sobre as crianças e sobre o meio e, ainda, da consulta de documentos oficiais como o Projeto Educativo e o Regulamento

Interno da escola e do agrupamento. Como instrumento de recolha de dados destas informações, resultantes da nossa observação participante, realizámos notas de campo descritivas de modo obter uma visão mais alargada, mais focada e mais específica das características do grupo.

Shulman e Shulman (2014, p. 262) referem que “conhecer os alunos ao nível intelectual, social, cultural e pessoal, numa perspetiva de desenvolvimento”⁹ é fundamental. Com efeito, através da observação participante conseguimos explorar de forma mais aprofundada o conhecimento intelectual, social, cultural e pessoal das crianças, como referem os autores citados. Na prática, contactámos e interagimos com os alunos da turma, procurando conhecer o nível do seu desenvolvimento. Desta forma, conseguimos compreender a realidade pedagógica presente, encontrando razões para o desenvolvimento do nosso projeto no contexto em questão.

Relativamente ao grupo com o qual trabalhámos este era constituído por 22 alunos, 15 do género feminino e 7 género masculino, com uma média de idades de 6,8 anos. Do total dos alunos, quatro possuíam necessidades educativas especiais, sendo que dois destes eram alunos repetentes. Era um grupo que apresentava níveis de aprendizagem bastante diferenciados, na medida em que, alguns dos alunos não tinham adquirido ainda algumas das competências relativas ao 1.º ano de escolaridade, sendo perceptível esta falha, sobretudo, nos momentos de escrita e leitura. Tratava-se de um grupo heterogéneo também ao nível da diversidade linguística e cultural, uma vez que, existiam alunos com pais de diferentes nacionalidades (nacionalidade venezuelana e brasileira), alunos que já tinham emigrado pelo menos uma vez – para a Alemanha ou para o Reino Unido – e uma aluna de nacionalidade angolana. Através de informação que nos foi fornecida pela orientadora cooperante, a maioria dos alunos provinha de famílias de classe média, sendo que, algumas famílias apresentavam problemas disfuncionais.

Para compreendermos a realidade pedagógica a nível da heterogeneidade cultural, assim como a nível linguístico, realizámos um inquérito por questionário (Anexo 1) aos encarregados de educação com questões neste âmbito em relação aos alunos e aos seus contextos familiares. Assim, da análise dos 16 inquéritos por questionário (de um total

⁹ No original: “Understanding learners intellectually, socially, culturally, and personally in a developmental perspective” (Shulman & Shulman, 2014, p. 262).

de 22), 16 dos inquiridos têm nacionalidade portuguesa, sendo a língua materna de 15 o português. Apenas um dos inquiridos tem como língua materna o espanhol.

Constatámos ainda que, em relação à pergunta “Fala outra(s) língua(s) para além do português? Quais?”, 13 pais responderam afirmativamente, indicando as línguas que dizem conhecer para além do português, conforme se pode observar no gráfico 1. Através da análise do gráfico constatámos que o inglês é a língua que mais pais conhecem para além do português.

LÍNGUAS FALADAS

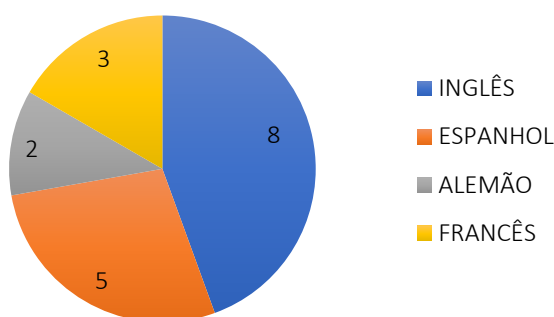


Gráfico 1 - Línguas faladas pelos pais para além do português

Para esta caracterização, interessava-nos também saber com que regularidade os alunos contactavam com outras línguas e em que situações. Assim, e no que diz respeito à frequência de contacto dos educandos com outras línguas, verificámos que 11 dos inquiridos afirmaram que os seus educandos contactam com outras línguas raramente (6) e frequentemente (5).

Nas situações em que os pais responderam “raramente” ou “frequentemente”, solicitámos que nos indicassem em que situações é que os seus educandos contactavam com outras línguas. Desta forma, pelo que analisámos, pudemos constatar que os alunos contactam com outras línguas maioritariamente em situações familiares.

Para a implementação do nosso projeto pretendíamos contar com a participação de familiares no desenvolvimento das atividades e para isso, no mesmo questionário, solicitámos que nos informassem sobre a sua disponibilidade para a participação no

nosso projeto. Assim, verificámos que poderíamos contar com a participação de 8 encarregados de educação conforme podemos verificar no gráfico seguinte.

Disponibilidade para a participação no nosso projeto



Gráfico 2 - Disponibilidade dos EE para participar no projeto

1.2 Descrição do projeto de intervenção e de investigação

Recordamos que o projeto foi desenvolvido por duas díades durante um ano letivo, organizado em dois semestres, sendo que iremos, neste momento, apresentar a descrição da primeira parte do mesmo, desenvolvida no primeiro semestre. Assim, o nosso projeto de intervenção e de investigação, intitulado “Viajar sem sair do lugar!”, foi desenvolvido entre 5 de novembro e 12 de dezembro de 2018 e a sua implementação ocorreu de segunda a quarta-feira. Foi um projeto desenvolvido de forma colaborativa, sendo que, no primeiro semestre o objetivo era compreender como poderíamos promover uma Educação Intercultural nos alunos do 2.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico no desenvolvimento do currículo com enfoque globalizador através da construção de um Kamishibai Plurilingue.

No 1.º semestre as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto organizaram-se em três fases distintas – a fase I “Motivação”, a fase II “Preparação” e a fase III “Construção”.

Numa primeira fase, de modo a motivarmos as crianças para o concurso do Kamishibai Plurilingue e para o nosso projeto, apresentámos à turma dois Kamishibai’s Plurilingues para que os alunos pudessem compreender melhor a característica plurilingue. Anunciámos às crianças que existia um concurso internacional, explicitando as suas regras para que compreendessem a dinâmica do concurso. Assim, através do

interesse que as crianças demonstraram em participar no concurso iniciámos a implementação do nosso projeto de intervenção e investigação com a construção das biografias linguísticas individuais.

Numa segunda fase partimos para a exploração dos países que foram escolhidos a partir das biografias linguísticas e que viriam a ser integrados no Kamishibai Plurilingue a construir pela turma.

Na terceira fase os conhecimentos construídos nas fases anteriores foram mobilizados para a construção do Kamishibai Plurilingue “Viajar sem sair do lugar!”.

De seguida apresentamos uma síntese das atividades desenvolvidas ao longo do projeto (Quadro 3).

Semana de intervenção	Atividades desenvolvidas
Fase I Motivação	<ul style="list-style-type: none"> • Construção da mascote da turma que foi a personagem principal do KP; • Diálogo com os alunos sobre a ferramenta didática “Kamishibai”; • Apresentação de dois Kamishibai Plurilingues (KP) à turma para que ficassem a conhecer a ferramenta didática e para que, através da análise dos dois KP, descobrissem as características de um KP; • Explicitação do concurso internacional “Kamishibai Plurilingue” e das suas regras; • Construção das biografias linguísticas individuais; • Criação de um poema intitulado “Da minha janela eu vejo” relacionado com o tema do concurso KP: “Da Minha Janela para o Mundo”; • <i>Brainstorming</i> de ideias para a construção do nosso KP; • Construção do <i>hyoshigi</i> – instrumento típico japonês usado com o Kamishibai.

<p>Fase II Preparação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atribuição de um nome à mascote (Jomina) e sua caracterização; • Identificação da situação problema da personagem principal do KP e discussão sobre a possível resolução do mesmo; • Construção da personagem que iria ajudar a Jomina na resolução do problema – o avozinho; • Apresentação do “Diário de bordo do nosso Kamishibai Plurilingue” aos alunos e diálogo com os mesmos sobre a sua função; • Registo das regras do concurso do KP, das ideias e personagens, e dos países que surgiram das biografias linguísticas (Alemanha, China, Venezuela, Reino Unido); • Caracterização da personagem o avozinho e o seu registo no “Diário de bordo do nosso Kamishibai Plurilingue”. • Localização no <i>mapa mundi</i> do local onde mora a Jomina; • Identificação no <i>google maps</i> do local onde mora a Jomina; • Localização da Alemanha no <i>mapa mundi</i> e exploração de cidades da Alemanha em <i>streetview</i> no <i>google maps</i>; • Apresentação de um <i>Power Point</i> acerca da Alemanha: pratos típicos, línguas, monumentos históricos, curiosidades; • Visita à sala de um encarregado de educação para partilhar com os alunos da turma a sua experiência vivida na Alemanha junto da sua educanda, nomeadamente, características e costumes típicos, assim como, ensinar aos alunos palavras que quisessem conhecer em alemão; • Construção do bilhete cultural do avozinho com base nos países que foram selecionados para a construção do KP; • Localização do Reino Unido no <i>mapa mundi</i> e no <i>google maps</i>; • Identificação dos países pertencentes ao Reino Unido; • Comparação dos nomes dos países em inglês e português; • Apresentação <i>Prezzi</i> sobre Reino Unido: pratos típicos, línguas, monumentos históricos, curiosidades; • Sistematização da informação numa tabela, identificando semelhanças e diferenças entre o Reino Unido e Portugal; • Localização da China no <i>mapa mundi</i> e no <i>google maps</i>; • Apresentação de um <i>Power Point</i> sobre a China: pratos típicos, línguas, monumentos históricos, curiosidades; • Sistematização da informação através de um jogo de correspondência imagem-legenda relacionado com a apresentação do <i>Power Point</i>; • Audição de palavras em mandarim no google tradutor; • Construção do quadro “Bem-vindos ao nosso mundo”; • Localização da Venezuela no <i>mapa mundi</i> e no <i>google maps</i>; • Apresentação de um <i>Power Point</i> sobre a Venezuela: pratos típicos, línguas, monumentos históricos, curiosidades; • Sistematização da informação através de um jogo de correspondência imagem-legenda relacionado com a apresentação do <i>Power Point</i>; • Audição de palavras em espanhol no google tradutor; • Visita de um encarregado de educação venezuelano para ensinar os alunos a confeccionar “arepas”.
<p>Fase III Construção</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Construção do mapa de ideias para o desenvolvimento do Kamishibai Plurilingue; • Construção do KP; • Registo no Diário de Bordo; • Construção da ilustração da capa para o KP; • Construção das ilustrações de cada prancha da história KP.

Quadro 3 – Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “Viajar sem sair do lugar!”

Seguidamente, apresentamos a descrição mais detalhada de cada uma das atividades realizadas em cada fase do nosso projeto de intervenção e investigação.

Fase I – Motivação

Primeira semana: 5 a 7 de novembro de 2018

Iniciámos a fase de motivação no dia 5 de novembro de 2018 com o objetivo de criar uma mascote da turma. Com efeito, dividimos a turma em vários grupos e cada aluno de cada grupo teve de ilustrar uma personagem de acordo com a figura que tinha calhado ao grupo no lançamento do dado que, por sua vez, continha as seguintes figuras: piloto, sereia, génio, motoqueiro. A ilustração escolhida tornou-se a nossa mascote através de uma votação da turma, tratando-se de uma menina piloto (figura 1).



Figura 1 – Mascote eleita pela turma

De seguida, apresentámos à turma um Kamishibai Plurilingue – “Mais où est passée la couronne de Nya?” – tendo-lhes explicado, no momento seguinte, o que é um Kamishibai. Explicámos, ainda, que o Kamishibai que tínhamos apresentado era um Kamishibai Plurilingue. Para que os alunos pudessem compreender melhor o que era um Kamishibai Plurilingue, apresentámos um outro Kamishibai Plurilingue – “Les Langues de chat” – com o objetivo de que os alunos comparassem os dois Kamishibai Plurilingues e através dessa comparação identificassem as suas características, nomeadamente o facto das histórias ouvidas conterem diversas línguas, evidenciando, por isso, a particularidade de ser plurilingue.

De seguida, desafiámos a turma a participar no concurso internacional do Kamishibai Plurilingue – “Da minha janela para o Mundo”. Tratando-se de um Kamishibai Plurilingue,

foi necessário decidir com os alunos que línguas iriam integrar no Kamishibai Plurilingue. Assim, cada aluno realizou a sua biografia linguística (figura 2).

A minha biografia linguística

1. A partir do código de cores que está afixado no quadro, pinta com a cor correcta as frases da Beatriz que estão dentro de rectângulos:

Ola, chamo-me Beatriz e este é o meu irmão Arturo. Tenho dez anos. Nasci em Moscovo, capital da Rússia, mas a minha família é natural de Cuba. Agora vivemos em Portugal. Antes de vir para Aveiro, vivi na Rússia. Com os meus pais, falamos espanhol e português, na escola só português. Dançamos, com o meu irmão, só falava russo; agora percebo russo, mas já não sou capaz de falar essa língua. Quando estive com os meus avós e com o meu tio falamos espanhol. O meu irmão também fala bem inglês, porque esteve nos Estados Unidos, de férias com os meus primos de Miami; além disso aprende inglês na escola. E o português que aprendo a ler e a escrever na escola, mas este ano também vou ter aulas de inglês. O Arturo, que está no 7º ano, começou a aprender francês. Na rua, ouço falar inglês, francês, japonês pelos turistas em férias, mas eu não falo essas línguas. Nas ruas, em publicidades, nos jornais, revistas, livros se escrevem inglês, francês e chinês.

2. Agora é a tua vez de escrever o nome das línguas que falas, as que somente compreendes, as que já ouviste e as que já viste escritas. Depois, pinta as frases dentro de rectângulos com a cor correcta respeitando o código das cores que descobriste com a Beatriz.

Escreve aqui o teu nome: _____

A(s) língua(s) que falo português
A(s) língua(s) que não falo mas que percebo espanhol
A(s) língua(s) que não falo mas que já ouvi falar inglês
A(s) língua(s) que não falo mas que já vi escrita francês
A(s) língua(s) que não falo mas que já vi escrita inglês

Figura 2 – Biografia Linguística¹⁰

Após reunir as informações referentes às biografias linguísticas e ao contexto linguístico de cada aluno (cf. ponto 1.1 da Parte II – “Caracterização da realidade pedagógica”), definimos as línguas que iam ser integradas no nosso Kamishibai Plurilingue: português, alemão, mandarim, espanhol e inglês dado serem as línguas que os alunos mostraram ter mais curiosidade em conhecer.

Face ao tema do concurso internacional do ano letivo 2018/2019 “Da minha janela para o Mundo” e para que houvesse concordância entre a realização do nosso Kamishibai Plurilingue com o concurso internacional questionámos as crianças acerca do tema estipulado. Nesse sentido, propusemos às crianças a realização de um poema acerca do que viam das janelas do seu quarto. No decorrer da construção do poema questionámos os alunos acerca do que é que os meninos dos outros países veriam da janela dos seus quartos. Os alunos sugeriram que este fosse o tema do nosso Kamishibai Plurilingue – “O que é que os meninos dos outros países veem da janela dos seus quartos?” – e recordaram que a mascote escolhida poderia ir aos países escolhidos perguntar o que as

¹⁰ (Fonte: Biografia linguística e sensibilização à diversidade linguística nos primeiros anos de escolaridade por Filomena Martins disponível em http://jaling.ecml.at/pdfdocs/jaling_presentation/portuguais.pdf)

outras crianças viam da sua janela. Surgiu então o mote para a história que construímos: a mascote que iria saber o que outros meninos viam das suas janelas.

De acordo com a tradição do Kamishibai, construímos ainda nessa semana, um *hyoshigi* (uma espécie de chocalho), que é o instrumento utilizado no momento de contar um Kamishibai (Figura 3).



Figura 3 – Exemplos de um hyoshigi's criados pelos alunos

Fase II – Preparação

Segunda semana: 12 a 14 de novembro de 2018

Na segunda semana, como fase de preparação para a construção do nosso Kamishibai Plurilingue, atribuímos um nome à mascote eleita pelas crianças e fizemos a sua caracterização. A atribuição do nome da mascote foi feita através de uma votação, decorrente de um trabalho em grupo (formado conforme a distribuição dos alunos pela sala) que consistiu na criação de um possível nome através da conjugação de três a quatro sílabas aleatórias de forma a criar pseudopalavras. Com efeito, «Jomina» foi o nome eleito pela maioria dos alunos.

Através de um diálogo com a turma relembrámos os constituintes de uma história (situação inicial, problema, resolução ou situação final), para que, na altura da construção da história, os alunos mobilizassem estes conhecimentos para o nosso Kamishibai Plurilingue. Desta forma, as crianças já haviam definido a situação inicial da nossa história: a Jomina, que era uma menina piloto, queria viajar para saber o que os outros meninos viam das suas janelas. De acordo com as crianças o problema da história estava na Jomina, uma vez que ela não tinha um capacete de piloto, o que indicava que podia ter

medo de voar. Por outras palavras, o problema da nossa história passou a ser o medo que a Jomina tinha de voar apesar de querer viajar para saber o que os outros meninos viam da sua janela.

Desta forma, questionámos os alunos sobre como é que a personagem poderia resolver o seu problema. Assim, surgiu a personagem «avô» (figura 4), que noutros tempos tinha sido piloto e já tinha viajado por alguns países. O avô da Jomina iria ajudar a menina piloto a «viajar sem sair do lugar». Num momento posterior, cada aluno construiu a nova personagem (o avozinho), através de materiais recicláveis fornecidos por nós. No final, a turma elegeu a representação do avô, por votação, para integrar nas ilustrações da nossa história.



Figura 4 - A personagem escolhida «avô»

Com o intuito de registar o progresso da aprendizagem dos alunos apresentámos o “Diário de bordo do nosso Kamishibai Plurilingue”. Os alunos registaram as personagens e sua caracterização psicológica, assim como, as ideias da história a ser construída.

Após este registo demos vida à expressão «viajar sem sair do lugar», começando a «viagem» pela identificação do local onde mora a Jomina no mapa – Portugal – e explorando o *google maps* – mais especificamente, a escola.

Depois dos aspetos estudados sobre Portugal, como a sua localização no mapa, o continente onde está inserido, os costumes e línguas oficiais, «viajámos» até à Alemanha, localizando-a no mapa e explorando-a também através do *google maps* na mesma lógica como fizemos com Portugal. Passámos, então, à apresentação de alguns aspetos da cultura alemã, recorrendo ao recurso *Power Point*, onde conhecemos alguns pratos

típicos, a língua oficial, os principais monumentos históricos e algumas curiosidades sobre a Alemanha. Nesta segunda semana contámos ainda com a colaboração de uma encarregada de educação que já tinha vivido na Alemanha e que, junto da sua educanda, relatou a sua experiência vivida. A mãe da aluna respondeu também a questões das crianças e ensinou algumas palavras que os alunos queriam saber em alemão e que registaram no caderno.

Terceira semana: 19 a 21 de novembro de 2018

Na terceira semana viajámos para o Reino Unido e, para isso, identificámos a sua localização no mapa e no *google maps*. Identificámos, ainda, os países que fazem parte do Reino Unido através de um mapa fornecido com o nome dos países em inglês comparando com o que surgia no *google maps* em português. Uma vez identificados estes países e de termos feito a comparação entre os nomes na língua portuguesa e a língua inglesa, procedemos à apresentação, com recurso ao *Prezzi*, sobre o Reino Unido na mesma lógica da semana anterior. Assim, ficámos a conhecer alguns pratos típicos, a língua oficial e outras línguas faladas, os principais monumentos históricos e algumas curiosidades sobre o Reino Unido. Para sistematizar as informações apresentadas construámos, em conjunto com a turma, uma tabela com as principais semelhanças e diferenças destacadas pelas crianças entre Portugal e o Reino Unido.

Quarta semana: 25 a 27 de novembro de 2018

Na quarta semana «viajámos» até à China e até à Venezuela. A primeira paragem da nossa «viagem» foi a China, localizando-a no mapa e no *google maps*. Para conhecer mais acerca da cultura chinesa, procedemos a uma apresentação *Power Point*, onde identificámos pratos típicos da China, a língua oficial e outras línguas faladas neste país, os principais monumentos históricos e algumas curiosidades sobre a China. Para sistematizar a informação apresentada, os alunos realizaram um jogo de correspondência (figura 5): cada aluno possuía um conjunto de imagens e as respetivas legendas e tinha de identificar o que viu na apresentação e qual a legenda correspondente. Para que os alunos pudessem ter uma perceção mais aproximada do mandarim, procedemos à audição de palavras em mandarim no *google* tradutor. Algumas destas palavras foram previamente seleccionadas por nós e outras foram sugeridas pelas crianças.

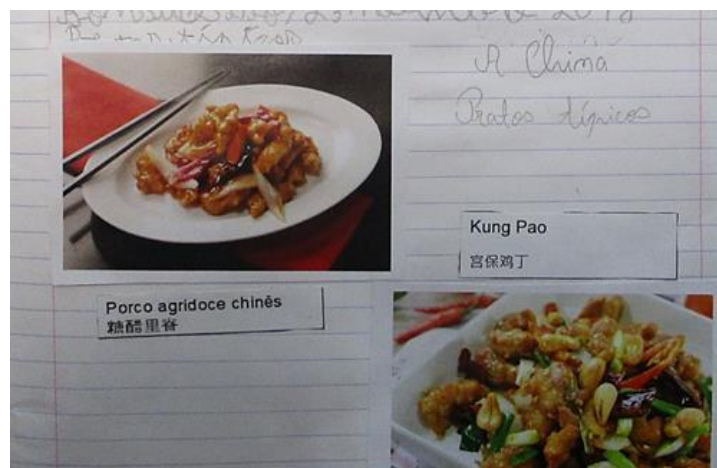


Figura 5- Jogo de correspondência

Com o propósito dos alunos ficarem com um registo sintético de tudo o que abordámos nas nossas «viagens» construámos, em grande grupo, e com as informações e imagens das apresentações realizadas, o quadro “Bem-vindos ao nosso mundo” (figura 6). Com este quadro, que afixámos na sala, os alunos podiam mobilizar os conhecimentos abordados sobre os vários países para no nosso Kamishibai Plurilingue.



Figura 6 – Quadro “Bem-vindos ao nosso mundo”

Ainda como preparação para o Kamishibai Plurilingue, continuámos a «viajar», desta vez, para a Venezuela. À semelhança do que aconteceu nas «viagens» anteriores, começámos por localizar a Venezuela no mapa e no google maps e procedemos à

apresentação de algumas características da cultura venezuelana, recorrendo, uma vez mais, ao Power Point. Os alunos foram novamente desafiados a fazer o mesmo jogo de correspondência imagem/legenda no decorrer da apresentação. Por outro lado, no quadro “Bem-vindos ao nosso Mundo” registámos as informações relativas à Venezuela. Da mesma forma que fizemos na apresentação da China, ouvimos palavras em espanhol no google tradutor.

Esta sessão terminou com a visita de um encarregado de educação de nacionalidade venezuelana que respondeu algumas perguntas das crianças sobre a Venezuela e explicou à turma como se fazem arepas, confeccionando este prato típico da Venezuela para o grupo provar (figura 7).



Figura 7 - Confeção de arepas por um encarregado de educação

Fase III – Construção do Kamishibai Plurilingue “Viajar sem sair do lugar!”

Quinta semana: 3 a 5 de dezembro de 2018

A quinta semana focou-se, essencialmente, na construção do Kamishibai Plurilingue. Para isso, tornámos explícito que a construção de uma história pressupõe planificação para posterior redação. Deste modo, criámos, em grande grupo, um mapa de ideias para a história do Kamishibai Plurilingue. Estas ideias partiram dos alunos, sendo que nós,

professoras estagiárias e orientadora cooperante, conduzimos a discussão de modo a tornar visível um fio condutor entre as ideias.

Depois de registado o mapa no diário de bordo iniciámos a construção do Kamishibai Plurilingue em verso, orientando o desenrolar da história através dos registos do mapa de ideias e mobilizando conhecimentos das duas fases anteriores para o desenvolvimento da narrativa. À medida que íamos construindo as estrofes, os alunos registavam no diário de bordo e definíamos também a que prancha de ilustração do Kamishibai Plurilingue correspondia.

Sexta semana: 10 a 12 de dezembro de 2018

Na última semana terminámos a construção do Kamishibai Plurilingue. Depois de construída e lida a história para toda a turma (ver Anexo 3), iniciámos a construção das ilustrações para cada estrofe, tendo já em conta o desenho da Jomina e a representação do avô. Para isso, cada aluno foi desafiado a fazer a ilustração da capa da nossa história. Em grande grupo, criámos um avião de cartão (figura 8), que foi um elemento que surgiu no desenrolar da história, com materiais disponíveis na sala e que ficou definido como um elemento comum ao longo de todas as ilustrações, assim como, as personagens «Jomina» e «avô». No final, a ilustração da capa teve como foco o avião construído com as personagens lá dentro e o cenário contou com recortes de elementos presentes em todas as ilustrações criadas pelos alunos.



Figura 8 - O avião de cartão

2. Orientações metodológicas e técnicas e instrumentos de recolha de dados

2.1 Metodologia: Investigação-ação

Uma vez que o projeto que desenvolvemos no âmbito da Prática Pedagógica Supervisionada é um projeto de intervenção e investigação em educação, optámos por uma abordagem metodológica de natureza qualitativa com características de investigação-ação-formação.

Optámos por um tipo de investigação de natureza qualitativa tendo em conta que os objetos de estudo em educação, devido às múltiplas faces da realidade educativa, apresentam-se de forma complexa, como já fomos referindo ao longo do enquadramento teórico. Como tal, consideramos que esta realidade não deve ser estudada através de um método que somente toma como verdade absoluta a generalização dos dados, como é o caso do método quantitativo que se comprova mais sintético e menos descritivo. É também um projeto com características de investigação-ação em que a investigação-ação surge sobretudo com finalidades de formação.

Bogdan e Biklen (1994, pp. 47-51) apresentam algumas características da investigação qualitativa que procuramos relacionar com o nosso projeto de intervenção e de investigação e que justificam a natureza do mesmo:

- “A fonte direta dos dados é o ambiente natural” o que significa que o investigador é o principal responsável pela recolha de dados – tal como no nosso projeto, investigámos contactando com o próprio contexto onde intervimos, retirando daqui os dados (através de técnicas e instrumentos de recolha próprios) que nos permitissem compreender quais as potencialidades do Kamishibai Plurilingue na promoção de uma Educação Intercultural.
- “A investigação qualitativa é descritiva” – no decorrer do processo de recolha de dados verificámos que os dados resultavam em palavras e imagens e não em números. Assim, no tratamento dos dados, optámos por descrever a realidade vivida em toda a sua riqueza respeitando a sua veracidade.
- “Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva” – foi através da interpretação dos dados que pudemos dar resposta aos objetivos do projeto;

- “O significado é de importância vital na abordagem qualitativa” – no nosso estudo exploratório interessava-nos compreender quais eram as potencialidades da construção de um Kamishibai Plurilingue na promoção de uma Educação Intercultural, sendo que, pretendíamos conhecer, essencialmente, a perspetiva dos alunos e da orientadora cooperante face ao projeto e, por essa via, identificar pistas que nos ajudassem a melhorar a intervenção futura no que se refere à promoção de uma educação intercultural.

Para além destas características, salientamos uma outra que, no nosso entender, acreditamos que seja a característica que mais define todo o nosso procedimento metodológico: a reflexão sobre e para a ação. Esta característica reflexiva, de acordo com Coutinho *et al.* (2009), e como já tivemos a oportunidade de referir no enquadramento teórico (cf. Parte I – 2.1.1), contribui para a “resolução de problemas como também (e principalmente!) para a planificação e introdução de alterações dessa e nessa mesma prática” (p.360) face à imprevisibilidade com a qual o professor se confronta no seu quotidiano.

Neste sentido, a nossa abordagem metodológica potenciou a melhoria da nossa prática educativa e ainda permitiu a construção de conhecimento profissional, visto que, e de acordo com Cardoso (2014, p. 25), “A iniciação do professor na investigação e na reflexão das situações pedagógicas por ele vividas, em contexto escolar, será o pólo aglutinador da sua formação, com vista a alterações fundamentais da sua ação”.

Assim, tratando-se de um estudo exploratório de natureza qualitativa apresenta, ainda, características da Investigação-ação, que, para Coutinho e colaboradores (2009), é uma metodologia que se centra na investigação ao mesmo tempo que a ação se move na melhoria da prática através de uma reflexão crítica. Ainda de acordo com os mesmos autores, a investigação-ação segue modelos cíclicos ou em espiral que se iniciam na identificação de um problema, passando para a planificação da resolução do problema, seguindo-se a ação que é alvo de observação (avaliação) que, por sua vez, pressupõe um olhar reflexivo (teorização) que pode, ou não, conduzir à identificação de um novo problema, iniciando-se, assim, um novo ciclo. Para além de cíclica, importa salientar que a Investigação-ação é também colaborativa, prática e interventiva.

Neste sentido, no decorrer do nosso projeto adotámos características da metodologia de investigação-ação, visto que, sabendo que pretendíamos participar no concurso Kamishibai Plurilingue, observámos a realidade pedagógica averiguando se era pertinente desenvolver um projeto que abarcasse a diversidade existente naquele contexto. Depois de verificarmos que era pertinente, passámos para a intervenção colaborativa (em díade) no contexto educativo, sendo que, a nossa ação tentou respeitar e responder às necessidades de todos os envolvidos. Após cada intervenção, recolhemos os dados para posterior análise crítica e reflexiva sobre e para a nossa ação, de modo individual e colaborativo. Esta análise reflexiva, e indo ao encontro do que referimos anteriormente na Parte I deste Relatório, permitiu-nos identificar e resolver os obstáculos que iam surgindo no nosso percurso, assim como, melhorar a nossa prática educativa e potenciar a construção de conhecimento profissional.

Em modo de síntese, face à possibilidade de proceder mudanças nas práticas educativas e de alterar a realidade com vista à sua melhoria, a Investigação-ação revitaliza-se para se afirmar como metodologia mais apta a favorecer estas mudanças nos profissionais e nas instituições educativas, porque, de acordo com Marques et. al. (1996), é necessário que o professor adote uma postura reflexiva e crítica face à profissão, “sobretudo através do questionamento das suas práticas e dos contextos onde estas se realizam” (p. 619).

2.2 Técnicas e instrumentos de recolha de dados

No seguimento do subtópico anterior, passamos a apresentar agora as técnicas e instrumentos que utilizámos para a recolha de dados deste estudo exploratório. Bogdan e Biklen (1994, p. 149) referem-se ao termo *dados* afirmando que os mesmos dizem respeito “[...] aos materiais em bruto que os investigadores recolhem do mundo que se encontram a estudar [...]”, isto é, “[...] são os elementos que formam a base da análise”. Acrescentam, ainda, que “os dados incluem os elementos necessários para pensar de forma adequada e aprofundada acerca dos aspetos da vida que pretendemos explorar”. Para Aguiar e Tourinho (2011), no contacto direto com o contexto, o investigador deve procurar dar sentido àquilo que se coloca perante ele e, assim, deve armazenar dados relevantes para a sua pesquisa, através de instrumentos e técnicas de recolha de dados.

Desta forma, ao longo do nosso projeto tivemos o cuidado de recolher todos os dados que fossem importantes para compreender e estudar os resultados do nosso projeto recorrendo a diversas técnicas e instrumentos que nos facilitaram o processo de investigação-ação. No entanto, nem todos os dados recolhidos foram tratados e alvo de análise, sendo que as fontes de informação que vão ser privilegiadas neste Relatório e que constituem o nosso *corpus* de análise serão a transcrição da entrevista realizada à orientadora cooperante no final do ano letivo e a transcrição da entrevista realizada às crianças (grupos focais). Assim, as técnicas e instrumentos de recolha de dados que utilizámos ao longo do projeto encontram-se apresentados no quadro 4:

Fases de recolha de dados	Técnica de recolha de dados	Instrumentos de recolha de dados
Início do projeto	Inquérito	▪ Questionário dirigido aos pais/encarregados de educação
No decurso do projeto	Observação participante	▪ Notas de campo ▪ Áudio e vídeo gravação das atividades
	Compilação documental	▪ Documentos das crianças (diário de bordo, ilustrações, frases e textos escritos)
No final do projeto	Inquérito	▪ Guião da entrevista realizada à orientadora cooperante ▪ Guião da entrevista realizada às crianças: grupos focais

Quadro 4: Técnicas e instrumentos de recolha de dados

- **No início do projeto**

Os dados que resultaram do instrumento utilizado no início do projeto serviram para recolher informação relativa à diversidade existente no contexto, bem como, o *background* linguístico e cultural de cada aluno, de modo a adequar a nossa ação ao contexto e darmos início à implementação do projeto de intervenção e de investigação.

- **Inquérito por questionário dirigido aos Encarregados de Educação**

Na fase inicial do projeto realizámos um inquérito por questionário aos pais/encarregados de educação por forma a caracterizarmos a diversidade linguística e cultural presente na sala de aula (Anexo 1).

O inquérito por questionário, segundo Quivy e Campenhoudt (1998),

“Consiste em colocar a um conjunto de inquiridos [...] uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores” (p. 20).

Assim, realizámos um inquérito por questionário com uma linguagem simples e direta e com questões claras, concisas e adequadas ao que pretendíamos saber (ver anexo 1). Tivemos em atenção os alunos cujas famílias são monoparentais, adaptando o questionário à realidade familiar de cada um destes alunos com ajuda da orientadora cooperante.

Enviámos, através dos alunos, 22 questionários e tivemos uma taxa de retorno de 72,7% (n=16), sendo que, apresentamos e analisamos os dados que daqui resultaram no ponto 2.1.1 – Caracterização do contexto de intervenção.

- **No decurso do projeto**

Os dados que resultaram dos instrumentos utilizados ao longo do projeto serviram para monitorizar a nossa ação no sentido de a melhorar, prática integrante do processo de investigação-ação.

- **Observação participante: notas de campo e áudio e vídeo gravações**

Em relação à observação participante, esta decorreu em dois momentos no decurso do projeto. O primeiro momento foi o que corresponde à fase I das intervenções, designada de Observação (de 3 a 17 de outubro de 2018). Nesta fase a observação foi-se tornando gradualmente numa observação participante, sendo que, no início observávamos sem interagir com o trabalho das crianças, seguindo as recomendações de Bogdan e Biklen (1994) que defendem que, regra geral, o investigador no início deve ficar um pouco de fora, esperando que o observem e aceitem. Depois começámos

progressivamente a assumir uma postura mais participativa no contexto, conforme já referimos, dando auxílio às crianças. Esta fase foi importante porque nos possibilitou recolher dados para a caracterização da realidade pedagógica, permitindo-nos, por esta via, constatar a pertinência do nosso projeto de intervenção e de investigação naquele contexto.

O segundo momento em que recorremos à observação participante foi no decurso da implementação do projeto (de 5 de novembro a 12 de dezembro de 2018) que, essencialmente, nos permitiu avaliar as nossas práticas e refletir sobre elas. Segundo Reis (2011) a observação pode ser utilizada em diversos cenários e de diversas formas, tendo múltiplas finalidades, como

“diagnosticar um problema, encontrar e testar possíveis soluções para um problema, explorar formas alternativas de alcançar os objetivos curriculares, aprender, apoiar um colega, avaliar o desempenho, estabelecer metas de desenvolvimento, avaliar o progresso, reforçar a confiança e estabelecer laços com os colegas” (Reis, 2011, p.12).

Neste sentido, observámos tendo em conta as seguintes finalidades: observámos para compreender até que ponto o projeto que queríamos implementar era pertinente naquele contexto; para conhecer e compreender o grupo com o qual contactámos, a nível das suas necessidades, interesses e características pessoais; para compreender a rotina do grupo; e, num segundo momento, observámos para avaliar o desenvolvimento do nosso projeto para melhorar a nossa prática.

Para o registo da informação recolhida através da técnica de observação participante recorremos às notas de campo e as áudio e vídeo gravações.

○ **Notas de campo**

No âmbito do nosso projeto e para recolha de informação daquilo que observávamos recorremos às notas de campo que serviram como suporte escrito das informações

relativas à caracterização do contexto, de acontecimentos que nele decorreram e, ainda, ideias e reflexões bem como padrões que de lá emergiram. Ou seja, e de acordo com Bogdan e Biklen (1994, p.150), as notas de campo são “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha [...]” permitindo-lhe refletir sobre os dados recolhidos. Estas notas foram importantes, no sentido em que, nos ajudaram a acompanhar o desenvolvimento no nosso projeto e a compreender como o projeto foi sendo ajustado em função dos dados recolhidos. Assim, elaborámos notas de campo nos dois períodos de observação com informações referentes às crianças e ao nosso projeto de intervenção e investigação, como o retrato do grupo com o qual interagimos, descrição do espaço, de atividades, relatos de acontecimentos peculiares e principalmente as reflexões sobre as nossas práticas no contexto.

○ **Áudio e vídeo gravação**

Para além de todas as finalidades da observação já aqui descritas, e por acontecerem tantas coisas durante as nossas intervenções que tornavam difícil focar os pormenores ocorridos, havia a probabilidade de escapar algum tipo de informação que poderia ser relevante (Estrela, 2014). Neste sentido, recorremos também à áudio e vídeo gravação. A observação das áudio e vídeogravações foi outra forma de superar as limitações que se atravessaram no nosso processo interventivo e investigativo. Também serviram para “recolher e registar as reações não verbais” (Silva & Silva, 2013, p. 1055) e para descrever o projeto de forma sustentada a partir da análise das mesmas.

A fim de respeitar os princípios éticos inerentes a este instrumento e antes de recorrer aos métodos audiovisuais, averiguámos se os Encarregados de Educação consentiam que fossem recolhidas imagens dos seus filhos de forma informada através de um pedido de autorização fornecido pela Universidade de Aveiro (Anexo 2). Pretendíamos, assim, salvaguardar a privacidade das crianças que, de acordo com Ferreira (2010, p.160) “a dimensão ética da observabilidade metodológica das crianças [...] e do respeito pela sua privacidade, visam subscrever e ratificar os seus direitos como pessoas na pesquisa, à luz da Convenção dos Direitos das Crianças (1989)”.

Explicitámos aos pais que era somente no âmbito do nosso projeto que iríamos recolher as informações e explicitámos, também, que iríamos ter os cuidados necessários

na recolha e tratamento da informação. Uma vez recolhidas todas as autorizações e depois de verificarmos que todos os pais autorizavam a recolha de imagens de seus filhos no decurso das atividades, procedemos então à utilização dos meios audiovisuais.

Este instrumento foi utilizado através duma câmara fotográfica que possibilitava a gravação em vídeo, gravando o som e a imagem nos momentos dedicados ao projeto. Foi este instrumento que permitiu recuperar informações que nos escaparam enquanto observávamos e no decorrer das intervenções, pois permitiram analisar e estudar as interações das crianças e possibilitaram interpretar as atividades com mais pormenor, através da visualização das mesmas (Latorre, 2003, citado por Gomes, 2017). Também nos permitiu auto observar a nossa postura e a nossa prática pedagógica de modo a refletirmos sobre ela, levando-nos a modificá-la com vista à sua melhoria.

- **Compilação Documental**

No decorrer do projeto também recolhemos dados através dos documentos das crianças, como por exemplo, os registos globais no diário de bordo e nos cadernos e as ilustrações realizadas pelos alunos.

Estes registos eram globais no sentido em que fazíamos uma síntese daquilo que as crianças haviam aprendido durante as atividades e registávamos no quadro de giz para que as crianças transcrevessem para os seus diários de bordo, mas, por vezes, também eram escritas frases e textos pelas crianças que relacionassem a experiência vivida pelas mesmas com a sessão decorrida. Para além destes instrumentos, as ilustrações também resultam como dados do projeto, pois as crianças, através do desenho, não só podem transmitir e comunicar sentimentos, como também podem demonstrar aquilo que aprenderam das intervenções. Nesta sequência e para melhor compreensão dos desenhos e pormenores que pudessem escapar, pedíamos que as crianças explicassem o que ali representavam numa exposição oral.

- **No fim do projeto**

Os dados que resultaram dos instrumentos utilizados no final do projeto constituem-se como o nosso *corpus* de análise – as transcrições da entrevista realizada à orientadora cooperante e às crianças (grupos focais).

- **Inquérito por entrevista realizado à orientadora cooperante**

Na fase final do projeto desenvolvido ao longo do ano letivo foi realizado um inquérito por entrevista à orientadora cooperante (Anexo 4) pelas duas díades no dia 27 de junho de 2019. Convém referir, também, que antes de termos iniciado a entrevista solicitámos autorização para áudio gravar a mesma. Realizámos esta entrevista com o objetivo de obter informação mais específica relativamente à perspetiva da orientadora cooperante face ao projeto anual, sendo que, o guião da entrevista foi organizado em blocos temáticos de acordo com o objeto de estudo de cada membro de cada díade, originando assim os seguintes blocos: A – Envolvimento das famílias; B – Relações entre as áreas curriculares e os seus conteúdos; C – Atitudes, motivação e curiosidade face ao projeto; D – Ferramenta Kamishibai Plurilingue. Tendo por base o nosso objetivo, neste estudo interessava-nos, particularmente, os dados enquadrados no bloco C- Atitudes, motivação e curiosidade face ao projeto. No entanto, e uma vez que os blocos temáticos se articulam entre si, tivemos também em consideração os dados enquadrados nos restantes blocos, na medida em que poderiam surgir evidências úteis para o nosso estudo.

- **Inquérito por entrevista realizada às crianças: grupos focais**

Também realizámos um inquérito por entrevista aos alunos – grupos focais (Anexo 5) – no dia 18 de junho de 2019 que serviu “[...] para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais [...]” dos alunos que participaram no projeto (Veiga & Gondim, 2001, citado por Gondim, 2003, p. 151). O guião da entrevista foi elaborado em conjunto com as colegas que participaram neste projeto face aos objetivos de investigação de cada uma. Para isso, dividimos a turma em três grupos de cinco alunos e um grupo de seis alunos, sendo que, cada grupo foi entrevistado por duas alunas estagiárias pertencentes a díades diferentes, ou seja, cada díade dividiu-se de forma a juntar-se com um membro da outra díade com o objetivo de articular de melhor forma as questões relativas a cada parte do projeto (a construção do KP e as atividades em torno da apresentação do KP às famílias) no momento da entrevista. Deste modo, foram entrevistados dois grupos de cada vez e cada membro das díades entrevistou dois grupos diferentes.

Optámos pelo grupo focal, uma vez que, é uma técnica qualitativa que, de acordo com Gondim (2003, p. 151), “[...] ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade”. Acima de tudo, pretendíamos que fosse um momento em que os alunos se sentissem confortáveis para partilhar a sua opinião, sendo que, o nosso papel enquanto mediadoras e investigadoras passava por explicar do que se tratava a entrevista, explicar que todas as respostas eram válidas e que não se tratava de um momento de avaliação, mas sim de partilha de ideias e de discussão. De um modo geral, e ainda de acordo com as palavras de Gondim (2003), através deste inquérito por entrevista conseguimos encontrar dados que respondessem aos objetivos de investigação de cada uma, visto que, nos permitiu “investigar perguntas de natureza cultural e avaliar opiniões, atitudes, experiências anteriores e perspectivas futuras” (p. 153) dos alunos face ao projeto.

PARTE III – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E

Introdução

Após a apresentação do nosso projeto de intervenção e investigação e das opções metodológicas que o orientaram, no presente capítulo focar-nos-emos na apresentação, análise e interpretação dos dados recolhidos ao longo do projeto e na discussão dos resultados, tendo por base os objetivos de investigação estipulados para o estudo exploratório que apresentamos neste Relatório de Estágio e que recordamos – compreender as potencialidades da construção de um Kamishibai Plurilingue na promoção de uma Educação Intercultural e refletir sobre o conhecimento profissional construído por nós.

Assim, começaremos por clarificar a técnica de análise de dados que optámos por seguir (análise de conteúdo), sendo que, o nosso *corpus* de análise é composto pela transcrição da entrevista realizada à orientadora cooperante (Anexo 6) e pela transcrição dos quatros grupos focais realizados às crianças (Anexo 7).

De seguida, iremos descrever o processo de construção e de definição do sistema de categorias a partir do qual iremos analisar e interpretar os dados recolhidos no fim do projeto. Iremos apresentar, analisar e interpretar os dados seguindo a estrutura do sistema de categorias de forma integrada confrontando as perspetivas dos alunos e da Orientadora Cooperante. Terminaremos com a apresentação de uma síntese dos resultados obtidos, no sentido de verificar se de facto as atividades desenvolvidas em torno do KP tem potencialidades ou não para a promoção de uma educação intercultural, discutindo os resultados tendo por base o enquadramento teórico realizado na parte I do presente relatório.

Por fim, iremos refletir sobre o conhecimento profissional que construímos a partir desta experiência e sobre o nosso percurso de desenvolvimento pessoal e (pré) profissional.

1. Técnica de análise de dados: análise de conteúdo

Atendendo à natureza dos dados neste estudo exploratório, optámos pela técnica de análise de conteúdo que, de acordo com Oliveira et. al. (2003), tem como finalidade explicar “[...] o conteúdo da mensagem e o significado desse conteúdo, por meio de

deduções lógicas e justificadas, tendo como referência sua origem (quem emitiu) e o contexto da mensagem ou os efeitos dessa mensagem”. Para Moraes (1999, p. 2) a análise de conteúdo é uma metodologia que conduz “a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, [que] ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum”. De acordo com o mesmo autor, ao escolher a técnica de análise de conteúdo, o investigador terá de processar os dados em bruto para facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência que, por sua vez, deve estar sempre intimamente relacionado com o contexto de onde resultaram os dados – que, no nosso caso, se encontra caracterizado no ponto 1.1 da parte II deste Relatório de Estágio.

Deste modo, concluímos que a análise de conteúdo permite ao investigador ir para além da descrição dos dados, porque permite fazer uma interpretação, uma indução, que permitirá a construção de um sistema de categorias, sendo que, para Moraes “A categorização é um procedimento de agrupar dados considerando a parte comum existente entre eles” (1999, p. 6). As categorias são formadas de acordo com semelhanças ou analogias ou a partir de critérios “semânticos, originando categorias temáticas” (Moraes, 1999, p. 6).

O sistema de categorias foi construído a partir da leitura atenta dos dados recolhidos em articulação com os objetivos de investigação e o enquadramento teórico. Definimos, assim, duas grandes categorias de análise, “Educação culturalmente responsiva a todos” e “Competências interculturais”, sendo que, a segunda integra quatro subcategorias de modo a facilitar o processo de análise dos dados recolhidos.

A primeira categoria “**Educação culturalmente responsiva a todos**” foi definida tendo por base o que a UNESCO (2006) refere relativamente à Educação Intercultural, isto é, para que uma educação seja Intercultural esta tem de respeitar e integrar as culturas de todos os envolvidos através de métodos educativos que sejam responsivos a todos. Assim, nesta categoria pretendemos analisar os dados que nos permitam verificar se a construção do Kamishibai Plurilingue respeitou e integrou as culturas de todos os alunos nas atividades que realizámos para verificarmos se promovemos uma educação culturalmente responsiva a todos na perspetiva das crianças e da orientadora cooperante.

A segunda categoria “**Competências interculturais**” foi definida tendo por base o pressuposto de que é necessário promover competências interculturais nos alunos para que se promova uma Educação Intercultural (Ramos, 2011; Coppete et. al., 2012; UNESCO, 2006; Conselho da Europa 2016). As competências interculturais são aquelas que já salientámos na primeira parte deste trabalho (cf. 1.2 da Parte I), sendo que, acreditamos que estas se desenvolvem através do contato entre pessoas de diferentes culturas, do desenvolvimento de atitudes de abertura, do conhecimento e da descoberta do outro. Algumas dessas competências dizem respeito a conhecimentos, capacidades, atitudes e valores que, por sua vez, originaram as quatro subcategorias que integram esta grande categoria: **conhecimentos de outras línguas e de outras culturas; reconhecimento da importância das línguas; interesse e curiosidade em conhecer outras línguas e culturas; dar-se a conhecer**. Com esta categoria (e respetivas subcategorias) pretendemos verificar se as crianças desenvolveram conhecimentos, capacidades, atitudes e valores no âmbito de uma Educação Intercultural durante o projeto.

No quadro 5 apresentamos, assim, o sistema de categorias e os respetivos indicadores que operacionalizam cada uma delas.

Categorias	Subcategorias	Indicadores
Educação culturalmente responsiva a todos		Inclui todas as unidades de registo que evidenciam que, no desenvolvimento do projeto, foram tidas em conta as culturas de origem dos alunos.
Competências Interculturais	Conhecimentos de outras línguas e de outras culturas	Inclui todas as unidades de registo que evidenciam que os alunos possuem conhecimentos sobre as línguas e culturas trabalhadas: reconhecem a particularidade de o Kamishibai ser plurilingue, reconhecem palavras, identificam a língua que se fala em cada país trabalhado, reconhecem elementos próprios de cada cultura.

	Reconhecimento da importância das línguas	Inclui todas as unidades de registo que evidenciam que os alunos reconhecem a importância das línguas.
	Interesse, curiosidade em conhecer outras línguas e culturas	Inclui todas as unidades de registo que evidenciam que os alunos demonstram interesse, curiosidade por outras línguas e culturas.
	Dar-se a conhecer	Inclui todas as unidades de registo que evidenciam que os alunos demonstram vontade de dar a conhecer a sua cultura e que elementos associam à sua cultura.

Quadro 5: Sistema de categorias de análise de dados

Depois de construído sistema de categorias voltámos a ler as transcrições da entrevista realizada à orientadora cooperante e às crianças (grupos focais), distribuindo as unidades de registo pelas respetivas categorias/subcategorias, encontrando-se a organização destes dados no anexo 8.

Deste modo, prosseguiremos à apresentação, análise e interpretação dos dados recolhidos do projeto “Viajar sem sair do lugar!” para compreendermos as potencialidades da construção de um Kamishibai Plurilingue na promoção de uma Educação Intercultural.

2. Apresentação, análise e interpretação dos dados

Neste segundo ponto vamos apresentar, analisar e interpretar os dados tendo por base as categorias de análise relativamente ao primeiro objetivo de investigação, categorias essas que se enquadram naquilo que é o nosso referente teórico, ou seja, numa abordagem intercultural. Vamos proceder a uma apresentação, análise e interpretação dos dados de forma integrada, visto que iremos analisar os dados referentes aos grupos focais realizados às crianças, confrontando com os dados relativos à entrevista realizada à Orientadora Cooperante de modo a cruzar a informação recolhida acerca do projeto em cada categoria/subcategoria para verificar se há ou não convergências ou se uma perspetiva corrobora a outra.

2.1 Categoria: Educação culturalmente responsiva a todos

Como já referimos na primeira parte deste relatório, para que se dê uma Educação Intercultural é necessário que esta seja responsiva e relevante a todos. De facto, de acordo com UNESCO (2006), um dos princípios de uma Educação Intercultural é o respeito pela identidade cultural de cada aluno, através da implementação de métodos educativos que sejam responsivos a todos, ou seja, que integrem todas as culturas de origem dos alunos.

No concurso Kamishibai Plurilingue era necessário integrar quatro ou mais línguas e, para escolhermos as línguas para a nossa história, considerámos que seria importante procurar informação relativa à diversidade linguística e cultural existente no contexto, sobre o *background* linguístico e cultural familiar dos alunos da turma, bem como, os interesses a nível linguístico de cada aluno.

Assim, como já referimos na descrição do projeto, ao analisar os dados referentes às biografias linguísticas e ao inquérito por questionário, escolhemos, em conjunto com as crianças, as línguas que iriam fazer parte do Kamishibai Plurilingue e demos início ao nosso projeto, tentando implementar atividades que incluíssem a diversidade linguística e cultural dos alunos, procurando, desta forma, incluir as culturas de origem de todos os alunos no projeto.

Com efeito, ao analisarmos os dados recolhidos junto das crianças encontrámos evidências que nos permitem afirmar que as atividades desenvolvidas ao longo do

projeto parecem ter sido culturalmente apropriadas a todos, tal como é possível verificar, a título de exemplo, no excerto seguinte de um dos grupos focais, em que as crianças dizem que as culturas e línguas trabalhadas no projeto partiram da diversidade existente na turma:

Transcrição de um excerto do Grupo Focal 3

Professora Estagiária Joana: *Então, nós escolhemos o alemão, o castelhano, o inglês, o mandarim. Porquê?*

Aluno Ricardo: *Então, porque cada um de nós falava, por exemplo, as gémeas e eu falávamos um bocadinho de castelhano, e por exemplo a Júlia também já falou algumas palavras em inglês, e também a Eduarda: o alemão, o mandarim [...]*

Ao analisarmos este excerto constatámos que os alunos parecem reconhecer a existência de diversidade linguística na turma, relacionando as línguas escolhidas para o Kamishibai Plurilingue com as línguas que os alunos da turma conheciam para além do português. No entanto, em relação ao mandarim, o aluno do excerto não associou esta língua a nenhuma criança da turma, na medida em que, a mesma não estava presente na turma, tendo sido escolhida devido a muitos alunos terem demonstrado interesse em a conhecer aquando da realização das biografias linguísticas.

Esta ideia é reforçada pela própria Orientadora Cooperante, quando a mesma refere na entrevista que as atividades desenvolvidas em torno da construção do KP permitiram essa valorização das culturas dos alunos, como se pode verificar no seguinte excerto:

Transcrição de um excerto da entrevista à Orientadora Cooperante

Professora Estagiária Joana: *Considera que o projeto permitiu a valorização das culturas de origem dos alunos? Se sim, de que forma?*

Orientadora Cooperante: *Eu acho que sim, que considero [...] agora falando na Alemanha, e o orgulho, o orgulho mesmo, que a Eduarda: tem de ter estado na Alemanha, falar na Alemanha e de nós termos trabalhado a cultura alemã, e a mãe vir cá, eu acho que sim, que isso foi uma forma de valorizar a cultura da criança. Claro que a maioria é portuguesa, mas eu acho que sim, que valorizou a cultura própria. Claro que não temos aqui nenhum chinês, mas [...]. Por isso, o ser trabalhado logo a cultura deles, seja um costume, uma festa, ... estamos a valorizar, por isso o Kamishibai Plurilingue fez, contribui também para valorizar a cultura de cada criança.*

A partir da análise global dos dados, e tal como também é evidenciado neste excerto da entrevista à Orientadora Cooperante, parece-nos ser possível afirmar que o Kamishibai Plurilingue e todas as atividades em torno da sua construção contribuíram para a valorização das culturas dos alunos da turma. Consideramos, e tal como é referido pela Orientadora Cooperante, que o facto de se ter valorizado as suas culturas no projeto parece ter contribuído para que as crianças sentissem “orgulho” pela sua identidade cultural. O envolvimento das famílias foi igualmente importante porque se constituiu também como uma forma de valorizar a cultura dos alunos, uma vez que, como é acima referido, o facto “de nós termos trabalhado a cultura alemã, e a mãe vir cá” foi também “uma forma de valorizar a cultura da criança”.

2.2 Categoria: Competências Interculturais

Com esta categoria pretendemos verificar se com a construção do Kamishibai Plurilingue as crianças desenvolveram competências interculturais, de acordo com a perspetiva dos alunos e da Orientadora Cooperante.

2.2.1 Conhecimentos de outras línguas e culturas

No que diz respeito a esta subcategoria, pretendemos analisar os dados que nos permitem verificar se a construção do Kamishibai Plurilingue promoveu o conhecimento de outras línguas e culturas nos alunos. Este tipo de conhecimento é crucial numa Educação Intercultural, porque permite a cada aluno enriquecer o seu universo e tornar-se consciente da diversidade existente no mundo, potenciando uma melhor compreensão das sociedades contemporâneas.

Assim, pretendemos verificar, primeiramente, se os alunos compreenderam as características do Kamishibai Plurilingue. Ao analisar os dados recolhidos junto das crianças, encontrámos evidências que julgamos serem indicadoras de que os alunos parecem ter compreendido que um Kamishibai Plurilingue é um Kamishibai com várias línguas, identificando as línguas que foram integradas na história, como é exemplificado nos seguintes excertos:

Transcrição de um excerto do Grupo focal 2

Professora Estagiária Joana: *Sim, muito bem. E se tivessem de explicar aos vossos amigos e à vossa família o que é um Kamishibai Plurilingue, o que diriam?*

Aluna Frederica: *Que era um kamishibai com várias línguas*

Transcrição de um excerto do Grupo focal 4

Professora Estagiária Clara: *[O Kamishibai] Não tinha nenhuma palavra estrangeira na história?*

Todos: *Tinha!*

Professora Estagiária Rita: *Se calhar não é um kamishibai normal, se calhar é especial porque não tinha só português também tinha outras línguas.*

Aluno Dinis: *Também tinha chinês.*

Aluno Paulo: *Tinha mandarim, espanhol.*

Professora Estagiária Rita: *Então tinha várias línguas, não é?*

Aluno Paulo: *Tinha inglês.*

Professora Estagiária Rita: *Então tinha inglês, mandarim, castelhano e mais alguma?*

Professora Estagiária Clara: *Vocês até têm uma colega de turma que conhece bem essa língua.*

Aluna Lia: *Alemão.*

Pretendemos, ainda, averiguar se os alunos ficaram a conhecer a língua que se fala em cada país abordado no projeto e que palavras novas foram capazes de aprender nas várias línguas que integraram o Kamishibai Plurilingue.

No que diz respeito ao conhecimento das línguas oficiais faladas nos vários países constatámos, a partir da análise dos dados recolhidos junto das crianças, que as mesmas foram capazes de identificar essas línguas. A título de exemplo apresentamos o seguinte excerto do grupo focal 1 em que os alunos evidenciam ter ficado a conhecer a língua oficial de cada país abordado:

Transcrição de um excerto do Grupo Focal 1

Professora Estagiária Rita: *E qual é a língua que se fala na Venezuela?*

Aluna Ema: *Castelhano!*

Professora Estagiária Rita: *Boa! Então já temos o alemão que falamos então em que país Eduarda?*

Aluno Eduarda: *Alemanha!*

Professora Estagiária Rita: *O Castelhano que falamos em que país Ema?*

Aluna Ema: *Na Venezuela.*

Professora Estagiária Rita: *Usamos mais alguma língua?*

Aluna Bianca: *Sim! Chinês que é mandarim que se fala na China.*

Professora Estagiária Rita: *E ainda faltam duas línguas!*

Aluno Fábio: *Português!*

Professora Estagiária Rita: *Muito bem, português! E mais?*

Aluna Daniela: *Inglês!*

A partir da análise do excerto anterior, é-nos possível afirmar que os alunos fizeram a correspondência da língua que se fala em cada país, o que consideramos que já indica que os alunos possuem conhecimento sobre línguas, e sobre culturas também, uma vez que a língua oficial é parte integrante da cultura de cada país.

Ao analisar os dados recolhidos junto das crianças, encontrámos, ainda, outras evidências de que as crianças reconheceram que, durante o projeto, aprenderam novas palavras, como se pode verificar no seguinte excerto:

Transcrição de um excerto do Grupo Focal 4

- Professora Estagiária Rita:** *E agora vamos focar-nos na parte da elaboração da história e das ilustrações, ok? O que é que vocês se lembram de terem aprendido?*
- Aluna Lia:** *Não sabia outras línguas.*
- Aluno Dinis:** *E eu não sabia falar essas línguas, mas aprendi um pouco a falar.*
- Aluno Paulo:** *Aprendemos algumas palavras.*

Podemos, assim, concluir que o Kamishibai Plurilingue potenciou novas aprendizagens, aspeto que é consciencializado pelas próprias crianças quando afirmam “aprendemos algumas palavras” (aluno Paulo) ou quando dizem “eu não sabia falar essas línguas, mas aprendi um pouco a falar” (aluno Dinis).

Neste seguimento, encontrámos evidências que nos permitem determinar as palavras que os alunos, na sua globalidade, dizem ter conhecido nas várias línguas, que, por sua vez, relacionam-se com o conteúdo da narrativa do Kamishibai Plurilingue, conforme se pode verificar no excerto seguinte, a título de exemplo:

Transcrição de um excerto do Grupo Focal 2

- Professora Estagiária Joana:** *Vocês lembraram-se de algumas palavras que aprenderam nessas línguas?*
- Aluna Iris:** *Sim.*
- Professora Estagiária Joana:** *Podem dizer?*
- Aluna Melissa:** *Pilot.*
- Professora Estagiária Joana:** *Muito bem.*
- Aluna Iris:** *Hello.*
- Professora Estagiária Joana:** *Como se diz avô em espanhol?*
- Aluna Iris:** *Isso é que não sei.*
- Aluna Melissa:** *Eu lembro-me de window.*
- Professora Estagiária Joana:** *E o que quer dizer?*
- Aluna Melissa:** *Janela.*
- Professora Estagiária Joana:** *Muito bem! Mais, vocês lembram-se da palavra avião? Como é?*
- Aluna Luciana:** *Ávion.*
- Professora Estagiária Joana:** *Muito bem!*

Assim, podemos afirmar uma vez mais que as atividades desenvolvidas durante o projeto de intervenção e de investigação contribuíram para a aquisição de conhecimentos de outras línguas. Ainda através da análise dos dados, parece-nos ser possível afirmar que também o contributo da visita da encarregada de educação que já viveu na Alemanha permitiu às crianças conhecerem novas palavras em alemão e aprender o abecedário alemão, como é indicado pelas alunas Bianca e Daniela no seguinte excerto:

Transcrição de um excerto do Grupo Focal 1

- Professora Estagiária Rita:** *E o que é que a mãe da Eduarda veio cá fazer?*
Aluna Bianca: *Dar-nos palavras em alemão para o nosso Kamishibai Plurilingue.*
Professora Estagiária Rita: *E, então, o que é que vocês aprenderam com a vinda da mãe da Eduarda: à sala?*
Aluna Bianca: *Aprendemos algumas palavras...*
Aluna Daniela: *Aprendemos o abecedário.*

Outro aspeto que pretendemos analisar prende-se com o aspeto cultural, pois pretendemos também compreender se as atividades realizadas promoveram um maior contacto com a diversidade cultural. Assim, ao longo do projeto, fizemos várias “viagens” a vários países (Alemanha, Venezuela, Reino Unido, China) explorando aspetos acerca de cada um: localização, bandeira, língua oficial, monumentos históricos, pratos típicos e curiosidades. A partir da análise dos dados, encontrámos evidências que nos indicam que os alunos reconheceram que aprenderam novos aspetos de outras culturas, como é indicado nos seguintes excerto do grupo focal 3:

Transcrição de um excerto do Grupo Focal 3

- Professora Estagiária Sofia:** *Passar do português para outras línguas, muito bem. E vocês sabiam o significado de todas as palavras?*
Aluna Mara: *Antes não, quando nós começámos a aprender já começámos a saber mais dessas nacionalidades e do que existe nos países, como é que eles falam, quais são os pratos típicos.*

Como podemos constatar, os alunos afirmaram que antes do projeto não conheciam esses aspetos, o que nos permite concluir que através do projeto os alunos aprenderam novos elementos culturais, potenciando assim o conhecimento de outras culturas.

Ao explorar os países que íamos dando a conhecer, íamos trabalhando aspetos relacionados com a sua localização, por exemplo, no *google maps*, no globo e no planisfério que tínhamos afixado na sala. Cada aluno tinha uma representação do mundo (planisfério) colada no caderno e, à medida que localizávamos os países, os alunos assinalavam a sua localização no seu caderno. Ao analisar os dados recolhidos junto das crianças, pudemos verificar que os alunos parecem ter aprendido a localizar os países que conheceram através das várias formas que já enumerámos, como é indicado pelos mesmos no seguinte excerto do grupo focal 4:

Transcrição de um excerto do Grupo Focal 4

- Professora Estagiária Rita:** *Vamos relembrar o que fazíamos, nós dizíamos assim: hoje vamos visitar a Alemanha e o que que fazíamos? Íamos ao computador, e...*
- Aluno Mário:** *Íamos ao mapa.*
- Aluno Paulo:** *Íamos ao google maps.*
- Professora Estagiária Rita:** *Lembram-se que ainda estivemos a ver outras coisas não foi? Colámos um mapa no caderno e tivemos a ver a que continente pertencíamos.*
- Aluno Paulo:** *Sim, lembro, ainda tenho no meu caderno os mapas.*
- Aluno Mário:** *Eu também tenho...*
- Professora Estagiária Rita:** *Lembram-se que nós estivemos a localizar no mapa alguns países, vocês sabiam onde ficavam todos esses países que nós falamos?*
- Aluno Paulo:** *Não, isso foi uma coisa nova que aprendemos.*

De facto, estas evidências conjugadas permitem-nos afirmar que as atividades desenvolvidas com as crianças ao longo do projeto contribuíram para a aquisição de conhecimentos importantes não só a nível linguístico, mas também a nível cultural.

Por outro lado, pretendemos evidenciar também o envolvimento das famílias no decorrer do projeto, porque muitas foram as vezes em que os alunos relacionaram as suas aprendizagens acerca de novos aspetos culturais e linguísticos com o contributo dos dois pais quando visitaram a turma. De facto, a participação dos pais de culturas diferentes permitiu uma maior descoberta sobre os países que estavam a ser trabalhados, através dos seus relatos pessoais, potenciando um maior contacto intercultural o que, por si só, potencia a consciencialização cultural dos alunos.

Como já demonstrámos anteriormente qual foi o contributo da mãe que relatou a sua experiência na Alemanha e que deu a conhecer palavras alemãs, pretendemos agora apresentar evidências dos grupos focais em que alunos demonstram que aprenderam outras culturas, como a cultura venezuelana, salientando a resposta da aluna Melissa que afirmou que os alunos ficaram a aprender “a personalidade dos venezuelanos”, como podemos verificar no seguinte excerto do grupo focal 2, o que nos indica que a aluna afirma ter ficado a perceber a personalidade dos venezuelanos por ter entrado em contacto com o pai venezuelano através da sua participação no projeto:

Transcrição de um excerto do Grupo Focal 2

Aluna Iris: *Aprendemos mais sobre outros países e cidades.*
Aluna Melissa: *[---] Noutras partes do projeto também aprendi outras culturas. Quando estávamos na Venezuela aprendemos a personalidade dos Venezuelanos.*

Para além desta afirmação, os alunos, na sua globalidade, dizem ter aprendido a confeccionar um prato típico venezuelano através da participação do pai venezuelano no projeto. A título de exemplo apresentamos o seguinte excerto do grupo focal 1:

Transcrição de um excerto do Grupo Focal 1

Professora Estagiária Rita: *E o que é que aprenderam com o pai das gémeas?*
Aluna Eduarda: *A fazer arepas!*

Aliás, esta ideia é ainda reforçada pela própria Orientadora Cooperante quando a mesma refere na entrevista que a participação do pai venezuelano no projeto potenciou o contacto das crianças com a cultura venezuelana, mais especificamente em relação às arepas, uma vez que, os alunos mostraram vontade de aprender a confeccionar e a provar, como é referido no excerto seguinte da entrevista:

Transcrição da entrevista à Orientadora Cooperante

Orientadora Cooperante: *[---] E depois com a Venezuela, que o próprio pai se prontificou a fazer as arepas e todo o envolvimento das crianças em aprender e de quererem provar, eu penso que houve esse envolvimento.*

A partir da análise do seguinte excerto da entrevista à Orientadora Cooperante, podemos concluir que a realização deste projeto neste contexto permitiu um

alargamento de conhecimentos a nível linguístico e cultural, sendo que a Orientadora Cooperante salientou os seguintes elementos como aqueles que mais foram referidos pelas crianças, comprovando que as crianças aprenderam, efetivamente, novas línguas e novos aspetos de novas culturas:

Transcrição Entrevista à Orientadora Cooperante

Professora Estagiária Joana: *Na sua perspetiva, quais foram as principais aprendizagens do ponto de vista linguístico e cultural realizadas pelas crianças sobre os países e as línguas do KP? Pode dar exemplos de aspetos que tenham sido mais referidos pelas crianças?*

Orientadora Cooperante: *Olha, mais referido se calhar, monumentos, o panda, as curiosidades, outras palavras... Eu acho que foi essencialmente as curiosidades, como é o país, como é, isto é, a nível da paisagem como é o natural desse país, [...] os alimentos, se calhar, eles não ligaram tanto, a comida ainda não lhes diz assim muito. Mas eu penso que foi mais ao nível das curiosidades e ao nível da língua, de quererem saber sempre mais.*

Neste sentido, é-nos possível afirmar que, ao proporcionarmos este tipo de atividades, conseguimos desenvolver nas crianças vários tipos de conhecimento que as fizeram contactar com a diversidade linguística e cultural existente no mundo, o que, por sua vez, contribui bastante para a formação e o desenvolvimento de cidadãos responsáveis e cívicos, como defendemos na primeira parte deste Relatório de Estágio. Ainda para reforçar esta ideia, apresentamos a perspetiva da Orientadora Cooperante que refere que trabalhar a “interculturalidade” foi o que de mais positivo teve este projeto e que é necessário promover estes tipos de conhecimento para as crianças desenvolverem um olhar mais alargado do mundo:

Transcrição Entrevista à Orientadora Cooperante

Orientadora Cooperante: *De mais positivo eu acho que o projeto todo ele foi positivo pela interculturalidade, conhecer outros países, conhecer outras línguas... porque nós no primeiro ciclo muitas vezes não trabalhamos isto. (...) Sabem que há outros países e o projeto KP teve esta mais valia de levar as crianças a conhecer outras coisas que não a sua casa, que não a sua escolinha.*

Analisaremos agora os dados em relação à subcategoria “Reconhecimento da importância das línguas” que, no nosso entender, se relaciona intrinsecamente com o que acabámos de analisar, no sentido em que, para alguém querer conhecer novas

línguas terá de reconhecer a importância destas no mundo de modo a preservar a diversidade linguística.

2.2.2 Reconhecimento da importância das línguas

Em relação a esta subcategoria, acreditamos que uma das grandes variáveis para alcançar relações interpessoais saudáveis seja o reconhecimento de que todas as línguas são importantes e que a diversidade linguística é tão importante como a biodiversidade. Para Carneiro (2008, p. 83), a língua “ocupa o coração da identidade dos povos e da afirmação das comunidades”.

Assim, ao analisar as respostas à questão relativa à importância das línguas, consideramos que os alunos se mostraram sensibilizados em relação a este assunto, afirmando que as línguas são todas importantes devido a questões de identidade e de compreensão mútua. Das unidades de registo que estão integradas nesta subcategoria, salientamos o seguinte excerto do grupo focal 2, por considerarmos ser uma resposta que demonstrou uma enorme sensibilidade para com este assunto, o que indica que a construção do Kamishibai Plurilingue, de alguma forma, potenciou este tipo de posicionamento dos alunos face à importância das línguas:

Transcrição de um excerto do Grupo Focal 2

- Professora Estagiária Joana:** *Acham que todas as línguas do mundo são igualmente importantes? Porquê?*
- Várias alunas:** *Sim!*
- Professora Estagiária Joana:** *Todas são importantes?*
- Aluna Melissa:** *Eu acho que todas as línguas são importantes porque [...] depende [...] se nós formos a um lado as línguas são importantes para as outras pessoas... podem não ser importantes para nós, mas são para os outros porque eles comunicam naquela língua.*
- Aluna Frederica:** *Porque também se alguma pessoa da nossa família for para outro país e depois voltar, não sabemos falar com ela.*

Os alunos parecem ter demonstrado que as línguas são importantes, no sentido em que, são importantes para comunicar e para a compreensão mútua, ainda que, as alunas acreditem que os não-falantes de uma língua podem não valorizar as línguas que não conhecem, mas reconhecem que para os falantes dessa língua a importância é grande porque é através dela que comunicam. Na nossa perspetiva, esta constatação indica que

as crianças parecem respeitar a diversidade linguística e que reconhecem, de certo modo, o estatuto das várias línguas no mundo.

Ainda neste sentido, encontrámos ainda outras evidências de que os alunos reconhecem a importância das línguas devido ao facto de que todos temos o direito de ter uma língua e uma nacionalidade, o que, efetivamente, se constitui como um dos direitos das crianças e do Homem, como é referido, por exemplo, pelos alunos Mara e Ricardo no seguinte excerto:

Transcrição de um excerto do Grupo Focal 3

- Aluna Mara:** *Porque toda a gente tem direito a ter uma língua que saiba [...] Toda a gente tem direito a ter a sua própria língua.*
- Aluno Ricardo:** *Porque toda a gente deve saber falar uma língua e deve ter uma nacionalidade.*

Face aos dados que analisámos, podemos concluir, que na globalidade, os alunos mostraram-se sensibilizados para a questão da importância das línguas no mundo. Esta é uma das competências que os torna cidadãos tolerantes e respeitadores da diversidade linguística existente no mundo o que, por sua vez, poderá potenciar a promoção de atitudes de abertura, interesse e curiosidade face ao Outro linguística e culturalmente diferente.

2.2.3 Interesse e curiosidade por outras línguas e culturas

Partimos agora para a análise de atitudes interculturais, mais especificamente, a abertura, interesse e curiosidade em saber mais acerca do Outro linguística e culturalmente diferente. Para isso, face à questão colocada para saber para onde os alunos gostariam de viajar caso fossem a personagem principal da história, analisámos as respostas dos alunos e, a partir dessa análise, é-nos possível afirmar que os alunos parecem mostrar-se predispostos a querer conhecer mais línguas e culturas, como é possível perceber a partir do seguinte excerto do grupo focal 1:

Transcrição de um excerto do Grupo Focal 1

- Professora Estagiária Rita:** *Então e se vocês fossem a Jomina e viajassem por outros países onde é que iam?*
- Aluna Biana:** *A Espanha! Para conhecermos as palavras de lá, a comida de lá...*

Eu gostava de aprender sobre outros países e outras línguas e saber onde eram esses países se eram no mesmo continente que Portugal ou não.

Na análise dos dados constatámos que os alunos também demonstraram interesse em conhecer novos países devido ao facto de serem diferentes e porque gostavam “de comer comidas novas”. Isto demonstra que os alunos apresentam atitudes de abertura e curiosidade face à diversidade existente no mundo. A título de exemplo, apresentamos também o seguinte excerto do grupo focal 4:

Transcrição de um excerto do Grupo Focal 4

Aluna Lia: *China, para conhecer um sítio diferente.*
Aluno Mário: *Eu também queria porque gostava de comer comidas novas.*

Um aspeto que também nos parece importante salientar é o facto de, ao analisarmos os dados, termos denotado que os alunos manifestaram interesse em visitar os países que demos a conhecer, mais especificamente, mostraram-se interessados em visitar monumentos que fomos abordando ao longo do projeto, o que nos permite concluir que o projeto contribuiu para desenvolver uma atitude de curiosidade e interesse face a outras culturas, como se verifica nos seguintes excertos:

Transcrição de um excerto do Grupo Focal 3

Aluno Luís: *Eu também França ... e também gosto da China porque eu nunca fui lá porque eu queria ir à muralha da China e ver o panda chinês e comer comida chinesa.*

Transcrição de um excerto do Grupo Focal 4

Aluno Paulo: *Eu gostava de ir a Alemanha porque gostei daquela igreja muito grande.*
Professora Estagiária Rita: *O castelo de Neuschwanstein.*
Aluno Mário: *Eu queria ir à Venezuela porque queria ver o Arco de la federación.*

Relativamente às línguas, quando perguntámos qual foi a língua que mais gostaram de conhecer, obtivemos respostas variadas, sendo que, alguns alunos associaram a sua preferência à necessidade de comunicar com o Outro, podendo constituir-se como um indicador de que as atividades desenvolvidas potenciaram o interesse por certas línguas, devido ao facto de valorizarem a questão de compreender e ser compreendido pelo Outro, como se pode verificar nos excertos seguintes:

Transcrição de um excerto do Grupo Focal 2

Aluna Melissa: *Porque a minha mãe estava a pensar viajarmos até à Inglaterra e eu queria aprender a língua para poder falar lá com os outros.*

Transcrição de um excerto do Grupo Focal 1

Aluna Eduarda: *Mandarim!*
Professora Estagiária Rita: *Então e porque é que gostaste mais do mandarim?*
Aluna Eduarda: *Porque uma amiga minha vivia lá e ela veio para aqui e ela falava mais mandarim do que português e eu não estava a perceber nada do que ela dizia, agora já percebo um bocadinho.*

Através da análise dos excertos dos grupos focais, pudemos concluir que os alunos, em particular a aluna Eduarda, reconheceram a importância de conhecer novas línguas no sentido de poder compreender as pessoas que lhe são próximas, mas que não comunicam na mesma língua. Isto indica que, no que respeita à dimensão intercultural, os alunos mostram-se sensibilizados para a questão da comunicação com o Outro que é linguisticamente diferente, valorizando a sua aprendizagem linguística, mostrando-se, assim, abertos e predispostos a conhecer novas línguas.

Para além disso, com a participação dos pais, os alunos demonstraram também atitudes interculturais como a curiosidade em saber mais acerca de línguas e culturas, colocando questões relativamente a palavras de uma língua para outra e à sonoridade das mesmas, solicitando a tradução de nomes portugueses para outras línguas (o caso da aluna Iris: “como se diz Inês em Alemão?”) e, ainda, mostrando querer saber mais em relação à confeção de arepas. Os alunos mencionaram também que gostavam de visitar a Alemanha devido a aspetos que foram referidos pela mãe da Eduarda, aluna que viveu na Alemanha, nomeadamente, a existência de um grande número de parques infantis, o que para nós indica que os alunos se mostraram curiosos para visitar os países que abordámos devido àquilo que aprenderam sobre eles. Salientamos o seguinte excerto do grupo focal 2 como uma evidência de que o envolvimento familiar proporcionou, de facto, atitudes interculturais, como a curiosidade face ao Outro:

Transcrição de um excerto do Grupo Focal 2

Professora Estagiária Joana: *E vocês que perguntas faziam aos pais?*
Aluna Iris: *Por exemplo: como se diz Inês em Alemão?*
Professora Estagiária Sofia: *O que aprenderam com a vinda dos pais à sala/escola?*
Aluna Luciana: *Fazíamos perguntas ao pai das gémeas.*

Professora Estagiária Joana: *Acerca de quê?*
Aluna Iris: *Acerca das arepas. De como se faziam as arepas.*
Aluna Luciana: *A perguntar como se falavam palavras.*
 [---]
Professora Estagiária Joana: *Não têm curiosidade de conhecer a China? E Inglaterra? E Alemanha?*
Aluna Melissa: *Eu gostava de ir à Venezuela e à Alemanha. À Alemanha porque tem muitos parques infantis e porque fiquei curiosa de saber mais sobre as culturas.*

Ainda ao analisar os dados, constatámos que uma aluna manifestou vontade em conhecer novos países e culturas devido ao seu interesse em conhecer outras cores de pele. Isto, para nós, indicia um afastamento etnocêntrico, uma vontade de conhecer a diferença e de se relacionar com ela. Ainda assim, também outros alunos demonstraram estar abertos e recetivos a conhecer novas culturas e línguas, na medida em que, mostraram interesse em conhecer novas músicas e averiguar se existiriam nos outros países plantas diferentes das que existem em Portugal, procurando estabelecer as diferenças e semelhanças entre Portugal e outros locais, tal como se pode observar no excerto seguinte:

Transcrição de um excerto do Grupo Focal 2

Professora Estagiária Joana: *O que gostarias de ter aprendido para além do que aprendeste com este projeto sobre outras línguas e culturas?*
Aluna Melissa: *Gostava de conhecer outras cores de pele.*
Aluna Iris: *Gostava de saber se existem plantas diferentes de Portugal.*
Aluna Luciana: *Outras músicas.*

Aquilo que interpretámos dos dados apresentados e analisados, é que as crianças, ao longo do projeto, desenvolveram atitudes de abertura, de curiosidade, interesse face a novas culturas e línguas, o que se verificou, principalmente, na visita dos dois pais à sala. Esta ideia é reforçada pela própria Orientadora Cooperante quando a mesma refere na entrevista que as atividades desenvolvidas em torno da construção do Kamishibai Plurilingue permitiu o desenvolvimento de atitudes de abertura, de curiosidade, interesse face a novas culturas e línguas, o que se verificou, principalmente, na visita dos dois pais à sala. De facto, foram dois momentos em que as crianças fizeram múltiplas questões acerca de diversos aspetos linguísticos e culturais, o que indica que os alunos foram capazes de saber ouvir, de colocar questões pertinentes e de transformar um momento

informal num momento de verdadeiro aprofundamento do conhecimento linguístico e cultural. A título de exemplo, serve o seguinte excerto:

Transcrição de um excerto da Entrevista à Orientadora Cooperante

Orientadora Cooperante: *Ora bem, eu acho que sim. O “intercultural” eu acho que sim. Que com [...] a vinda à escola, por exemplo, da mãe da Eduarda, que esteve na Alemanha e todo o envolvimento que a turma teve, toda a forma como a turma esteve a ouvir a mãe a falar sobre a educação naquele país, sobre a alimentação, sobre os monumentos, quer dizer, tudo isso foi algo que as crianças aprenderam, valorizaram, porque estiveram tão... tão... empenhados em ouvir e fazer perguntas, não é? Estiveram tão envolvidos que eu acho que sim, que eles desenvolveram esta atitude de ouvir e de aprender mais sobre o outro país. E depois com a Venezuela, que o próprio pai se prontificou a fazer as arepas e todo o envolvimento das crianças em aprender e de quererem provar, eu penso que houve esse envolvimento.*

Consideramos que este envolvimento familiar, como já salientado anteriormente, foi fundamental não só para aprofundar o conhecimento linguístico e cultural, mas, também, para contribuir para o despertar de atitudes interculturais, como a abertura, interesse e curiosidade face ao Outro, uma vez que os alunos acabaram por contactar com o Outro que, mais ou menos diferente, acabou por permitir que os alunos contactassem com a diversidade em primeira mão e que estes pudessem desenvolver atitudes positivas no contacto intercultural.

2.2.4 Dar-se a conhecer

Passando agora à análise da última subcategoria “Dar-se a conhecer” salientamos, primeiramente, que dar-se a conhecer é tão ou mais importante do que conhecer. Esta partilha de saberes é essencial na promoção de relações interpessoais saudáveis. Neste campo intercultural é necessário que o diálogo funcione das duas partes, sendo que o Eu tem de estar também predisposto a dar a conhecer a sua cultura, ou seja, a dar-se a conhecer pessoal e culturalmente.

Assim, através da análise dos dados referentes a esta subcategoria, concluímos que também a construção do Kamishibai Plurilingue potenciou a capacidade de os alunos se darem a conhecer, como se verifica no seguinte excerto do grupo focal:

Transcrição de um excerto do Grupo Focal 3

- Professora Estagiária Joana:** *Se cada um de vos fosse visitar um país diferente, e alguém vos perguntasse como era Portugal o que é que vocês diziam ou mostravam?*
- Aluno Ricardo:** *Portugal tem o fado, também tem os Xutos e Pontapés, e também queria dizer que havia francesinhas...*
- Professora Estagiária Sofia:** *Que é típica do...*
- Aluno Ricardo:** *Porto.*
- Professora Estagiária Sofia:** *E mais características de Portugal?*
- Professora Estagiária Joana:** *Daqui de Aveiro o que é que vocês levavam?*
- Aluno Ricardo:** *Moliceiros.*
- Aluna Mara:** *Ovos moles!*

Síntese dos resultados obtidos

Para concluir este ponto de apresentação, análise e interpretação dos dados, apresentaremos agora uma síntese dos principais resultados obtidos com o nosso estudo no que diz respeito às duas categorias definidas.

Primeiramente, consideramos importante salientar que o nosso projeto foi pertinente relativamente ao contexto, como já justificámos, e relativamente ao desenvolvimento das competências definidas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO) que, por sua vez, “aponta para uma educação escolar em que os alunos desta geração global constroem e sedimentam uma cultura científica e artística de base humanista” (PASEO, 2017, p.10). Consideramos que, ao nível das competências, como é referido no PASEO (2017, p. 19), as atividades desenvolvidas ao longo do projeto puderam contribuir para o desenvolvimento de competências da área do relacionamento interpessoal que “dizem respeito à interação com os outros [...]. [Permitiram também] reconhecer, expressar e gerir emoções, construir relações, estabelecer objetivos e dar resposta a necessidades pessoais e sociais” (PASEO, 2017, p. 25) dos alunos, como foi possível verificar através da análise dos dados.

Após a análise dos dados parece-nos que as crianças se desenvolveram ao nível destas competências prescritas pelo PASEO, uma vez que, ao interagirem com os Encarregados de Educação proporcionou-se um importante contacto intercultural que acabou por promover aspetos próprios da abordagem intercultural, como a consciencialização cultural nos alunos, atitudes de abertura e curiosidade, assim como potenciou o aprofundamento do conhecimento de outras línguas e culturas.

Deste modo, consideramos que este contacto intercultural que se deu no nosso projeto promoveu aprendizagens significativas e competências interculturais nas crianças que de outra forma não seriam possíveis de desenvolver, porque este contacto com o Outro (encarregados de educação cultural e linguisticamente diferentes) fez com que cada aluno desenvolvesse “o seu pensamento crítico, tornando-o um cidadão pensativo, crítico e curioso” (Sousa, 2015, p. 75). Consideramos que ao conhecer o Outro e ao dar-se a conhecer, esta interação, apesar de complexa, acabou por potenciar o conhecimento em diferentes áreas, desde conhecer outros países, outras tradições e outras línguas.

Realçamos ainda o afastamento etnocêntrico e o enorme interesse pela diversidade existente que os alunos manifestaram, uma vez que, os alunos, ao longo do projeto e nos grupos focais, mostraram-se atentos, curiosos e interessados em conhecer e contactar com a diferença. Os resultados obtidos parecem indicar-nos que os alunos desenvolveram princípios do domínio intercultural, referidos por Ramos (2011) e como já apresentámos na Parte I deste Relatório no quadro 1, sendo que, consideramos que:

- os alunos desenvolveram a sua **consciencialização cultural**, no sentido em que se tornaram conscientes da diversidade linguística e cultural existente no mundo;
- aprofundaram o seu **conhecimento sobre si mesmo e do Outro** ao querer conhecer e ao dar-se a conhecer, através da exploração dos países que surgiram das biografias linguísticas e do contacto com os encarregados de educação;
- mostraram-se **abertos a novas aprendizagens** através de atitudes de interesse e curiosidade em querer saber mais sobre o Outro, uma vez que ao longo do projeto foi visível a curiosidade que os alunos sentiram relativamente ao que era diferente, sendo que, a esta atitude estava associada a abertura para conhecer sempre mais;
- consciencializaram-se da importância da **comunicação noutras línguas** reconhecendo a importância das línguas e mostrando, ainda, que **respeitam os Direitos Humanos**, no sentido em que afirmaram que todos temos direito a uma nacionalidade e língua - deste modo, o projeto conseguiu percorrer aspetos desde a raiz da árvore da Educação Global até ao ramo da Educação Intercultural.

Face ao exposto, concluímos que o princípio “**descentralização do Eu**” referido pela mesma autora acima mencionada, princípio fulcral nas relações interculturais, foi adotado pelas crianças, o que poderá tornar-se como ponto de partida para uma próxima abordagem intercultural com estas. Com este projeto, esperamos que os alunos tenham “ganhado asas” para darem continuação ao seu desenvolvimento enquanto cidadãos interculturais. Por esta via, consideramos que acabámos por contribuir para a formação destes cidadãos que se vão inserir numa comunidade global e que poderão transformar-se em cidadãos respeitadores da diversidade existente no mundo.

Para além do acima defendido, consideramos que o projeto conseguiu também respeitar um dos princípios da Educação Intercultural referido pela UNESCO (2006) – “A Educação Intercultural respeita a identidade cultural do aluno, mediante a oferta de uma educação de qualidade para todos e culturalmente relevante”. Tanto a orientadora cooperante como as crianças consideram que foram tidas em conta as identidades culturais das crianças. As biografias linguísticas e o envolvimento das famílias constituem-se como métodos educativos capazes de ser culturalmente responsivos a todos. Por um lado, as biografias linguísticas permitiram-nos conhecer os interesses linguísticos das crianças bem como o panorama linguístico de cada aluno e, por outro, consideramos que a participação dos pais na promoção de uma Educação Intercultural foi um fator de extrema importância, no sentido em que, os alunos culturalmente diferentes sentiram “orgulho” ao serem valorizadas as suas culturas.

Concluímos portanto que o envolvimento das famílias na promoção de uma Educação Intercultural foi uma mais-valia, o que nos faz refletir como é que no futuro profissional poderemos envolver a família em projetos interculturais, desconstruindo a ideia de que o envolvimento da família na escola se dá somente para que os encarregados de educação recebam *feedback* acerca dos seus educandos e desconstruindo a ideia negativa de que este envolvimento se dá, principalmente, quando há situações de conflito na escola ou como chamada de atenção para mau comportamento/rendimento escolar.

Em suma, os resultados do projeto permitiram-nos verificar que a construção do Kamishibai Plurilingue e das atividades desenvolvidas em torno da construção do mesmo apresentam grandes e importantes potencialidades em promover uma Educação Intercultural, como por exemplo, a valorização das identidades culturais dos alunos

através de métodos responsivos a todos e o desenvolvimento de competências interculturais como o conhecimento de novas línguas e culturas, reconhecimento da importância das línguas, atitudes de abertura e curiosidade face ao Outro, e a vontade de se dar a conhecer.

3. Reflexão sobre o conhecimento profissional construído a longo do projeto e do ano letivo

A concretização deste Relatório constitui-se como uma das etapas mais importantes no nosso percurso, uma vez que, nos proporcionou grandes aprendizagens e um conjunto de recursos e ferramentas para a nossa formação, tanto a nível profissional como pessoal. O facto de termos contactado com dois contextos educativos e com diferentes docentes possibilitou-nos conhecer diferentes métodos de ensino e diferentes perfis de profissionalidade docente, o que nos permitiu confrontar diferentes perspetivas e, desta forma, refletir sobre a nossa prática e adequá-la aos diversos contextos. Salientamos, ainda, que com a realização deste Relatório de Estágio, desenvolvemos competências de reflexão e de investigação que consideramos que nos serão úteis para o resto da nossa vida profissional e até pessoal.

Estando neste momento a fechar um ciclo de investigação-ação, voltamos a apelar, nesta fase final, para a importância de se adotar uma Educação Intercultural através de uma gestão flexível do currículo e de uma atitude reflexiva por parte dos professores. Na educação importa, cada vez mais, passar para uma abordagem curricular que integre a Educação Intercultural, dada a sua importância na promoção de relações interpessoais harmoniosas e saudáveis, relações essas indispensáveis ao bom funcionamento democrático das sociedades, que se têm tornado mais plurais. Importa a todos os cidadãos deste mundo global *aprender a viver juntos*, conforme já referimos anteriormente, sendo importante na educação promover ambientes que façam desenvolver competências globais e interculturais nos alunos, visto que é cada vez mais necessário formar cidadãos que saibam conviver em ambientes de compreensão mútua, respeito, empatia, tolerância e abertura.

Neste ponto iremos refletir acerca dos contextos onde estivemos inseridas, refletindo sobre o projeto realizado e sobre a construção do nosso conhecimento

profissional ao longo deste ano, terminando com uma síntese que visa fechar esta etapa no nosso percurso.

- **Construção de conhecimento profissional**

Foi ao longo deste ano que mais sentimos que construímos conhecimento profissional. Foi através da nossa prática nos contextos, das reflexões constantes e do *feedback* constante dos docentes orientadores, que acabámos por consolidar a nossa base de conhecimento profissional.

Considerando que é necessário que os professores comecem a desenvolver “práticas mais capazes de educar as crianças para (com)viverem e agirem em sociedades plurais e em permanente mudança” (Lourenço et. Al., 2017, p. 77), a verdade é que, enquanto professoras na era da globalização, importa-nos construir conhecimento profissional que nos torne pessoal e profissionalmente capazes de saber lidar com a diversidade existente no mundo e nos contextos educativos e, ainda, de saber lidar com a imprevisibilidade do futuro. Uma vez que os professores hoje educam para formar cidadãos que poderão especializar-se em profissões que ainda nem são conhecidas, importa então que os professores formem os seus aprendentes tendo consciência das competências que são exigidas aos cidadãos globais, competências tais que lhes permitem lidar com a imprevisibilidade do futuro, como referimos na Parte I no ponto 1.1.

Importa, deste modo, que os professores olhem para o mundo com uma visão mais humanista e que conheçam os seus aprendentes de forma holística para que consigam formar cidadãos democráticos e respeitadores dos direitos humanos e da diversidade existente no mundo. Deste modo, importa aos professores pôr em prática uma nova profissionalidade docente que articula a ação com o conhecimento profissional no seu todo, face aos desafios e exigências daquilo que é educar no século XXI – integrando, deste modo, a Educação Intercultural curricularmente. Ou seja, é necessário que o professor do século XXI reflita sobre o conhecimento profissional que possui de modo a articular os vários domínios (dos aprendentes, do contexto, do currículo, do mundo, de si próprio, ...) e potenciar uma ação que seja capaz de criar ambientes propícios a aprendizagens significativas e que seja capaz de lidar com as exigências do mundo atual. Para isso, o professor tem de adotar uma postura reflexiva enquanto profissional e enquanto cidadão, para que este se torne um professor capaz de educar no século XXI.

Em relação ao nosso desenvolvimento profissional, afirmamos que, tal como ser professor se torna cada vez mais exigente nos dias de hoje, aprender a ser professor constituiu-se igualmente uma tarefa desafiante. Este percurso académico foi um processo de altos e baixos, de grandes incertezas e de grandes reformulações. Através da nossa reflexão ao longo do ano, acreditamos que durante este ano desenvolvemos certas competências referidas por Perrenoud (2004) que nos transformaram em docentes capazes de ensinar no século XXI. Como tal, desenvolvemo-nos profissionalmente, visto que, fomos capazes de ter práticas reflexivas, de trabalhar em equipa (com os Orientadores e colegas de estágio) e através de projetos (com o projeto educativo), gerimos a diversidade (linguística e cultural do contexto) e valorizámos dispositivos didáticos com potencialidades para promover uma educação intercultural (Kamishibai Plurilingue) – competências que Perrenoud (2004) indica como importantes na formação de professores no século XXI. Assim, acreditamos que todo o conhecimento que construímos durante este ano letivo ser-nos-á útil para o resto da nossa vida profissional.

Para além do conhecimento construído acerca dos aprendentes através da caracterização da realidade pedagógica e da observação do contexto, do conhecimento sobre línguas e culturas para a implementação das atividades e para o nosso enquadramento teórico, do conhecimento do currículo através da planificação das atividades em conformidade com o Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória, assim como, o conhecimento construído sobre nós próprias através das reflexões constantes, salientamos agora o conhecimento que construímos acerca do contexto – “conhecimento sobre a gestão escolar até ao conhecimento das características das comunidades e das culturas locais” (Lourenço et. al., 2017, p. 81). Perrenoud (2004) salienta que a participação na gestão escolar é uma competência necessária ao professor que queira educar no século XXI.

Com efeito, salientamos este tipo de conhecimento porque foi através da caracterização da realidade pedagógica e através da nossa reflexão acerca do projeto educativo que chegámos à conclusão de que o nosso projeto viria a ser pertinente no contexto. Assim, acreditamos que para os professores importa estabelecer pontos de contacto entre a sua ação e os projetos educativos de cada escola. Isto é, defendemos que o ponto de contacto entre projetos deva ser uma prática ativa de todos os

professores, visto que estes estão inseridos numa escola que tem um projeto educativo que visa responder àquilo que são as suas prioridades em função das características do contexto, o que deve levar o professor a refletir como se pode envolver e entretecer a sua ação com os objetivos do projeto educativo para que, desta forma, possamos todos remar no mesmo sentido. Implica, também, o conhecimento dos aprendentes, dos conteúdos e do currículo, o que nos leva a afirmar que as várias dimensões do conhecimento profissional docente estão articuladas entre si, comprovando, assim, que a profissionalidade docente é algo complexo e em constante mudança, porque o professor está sempre a construir conhecimento ao longo de toda a sua vida.

- **Contexto 1 da PPS: a prática no 1.º CEB**

Quando demos início ao nosso projeto de intervenção e de investigação, construindo um Kamishibai Plurilingue (que ao início seria um projeto, como o próprio concurso indica, de sensibilização à diversidade linguística e cultural), fomos intuitivamente realizando um projeto sem ter a consciência que poderia vir a tratar-se de um projeto com potencialidades para promover uma Educação Intercultural. De facto, só após a implementação das atividades que giraram em torno da diversidade linguística e cultural do contexto em questão e após a construção do nosso referente teórico, é que olhámos para o projeto com um olhar distanciado de modo a encontrar pistas que nos indicassem quais as potencialidades da construção de um Kamishibai Plurilingue e das atividades realizadas em seu torno para a promoção de uma Educação Intercultural.

Agora que já começamos a construir conhecimento sobre línguas e culturas (Lourenço et. al., 2017), consideramos que teria sido importante termos construído o nosso referente teórico antes de implementar o projeto, porque desta forma teríamos implementado atividades mais orientadas e fundamentadas relativamente à temática, frisando, por exemplo, a importância do diálogo intercultural, da valorização do Outro, procurando promover nas crianças atitudes de tolerância, empatia e a capacidade de responsabilidade, evidenciando que as ações de cada um fazem a diferença na vida de todos. Consideramos que o projeto, apesar de ter tido potencialidades na promoção de uma Educação Intercultural (como se verificou no ponto anterior), se focou maioritariamente em dar a conhecer línguas e culturas, sendo que, não realizámos

atividades explícitas para o trabalho das relações interculturais e o que está subjacente a elas.

Consideramos que poderíamos ter orientado as nossas atividades para o desenvolvimento de valores e competências que permitissem aos alunos intervir futuramente na vida democrática e que permitissem aos alunos “dispor de uma capacidade de participação cívica, ativa, consciente e responsável” (PASEO, 2017, p.10). Acreditamos que para melhor promover uma Educação Intercultural devíamos ter construído conhecimento acerca das línguas e culturas antes de darmos início ao projeto para melhor formar os pequenos cidadãos com os quais realizámos o projeto.

Desta forma, poderíamos ter trabalhado estes aspetos, por exemplo, na própria narrativa do Kamishibai Plurilingue, apesar de a grande limitação do Kamishibai ter sido a de restringir o número de palavras na narrativa. No entanto, poderíamos ter criado personagens para cada país visitado pela Jomina, criando um diálogo intercultural entre elas. Poderíamos também ter promovido mais momentos de contacto com a diversidade através de uma maior participação dos encarregados de educação. Poderíamos ter proporcionado momentos de reflexão, por parte dos alunos, face a dilemas/problemas relativamente à discriminação e à marginalização do Outro, à desigualdade de oportunidades culturais e sociais, ao desrespeito pelas minorias culturais, entre outros casos, promovendo, assim, uma maior consciencialização dos problemas do mundo. Desta forma, acreditamos que seria possível desenvolver nas crianças um maior espírito de empatia e de solidariedade, bem como, promover o respeito pelos direitos humanos e uma maior valorização da diversidade existente no mundo – trabalhando aspetos desde a Educação Global até à Educação Intercultural. Deste modo, a construção de um Kamishibai Plurilingue poderia ter apresentado mais potencialidades (para além daquelas que apresentou) em promover uma Educação Intercultural respeitando todos os seus princípios e objetivos.

- **Contexto 2 da PPS: a prática no 2.º CEB**

Apesar de sabermos que a chegada ao 2.º Ciclo do Ensino Básico representa mais uma mudança para os alunos, também para nós, enquanto professoras estagiárias que passaram do 1.º CEB para o 2.ºCEB, representou uma mudança enorme. Neste sentido,

sentimos que a observação foi uma enorme vantagem (tanto no 1.º CEB como no 2.º CEB) para que pudéssemos refletir e confrontar as nossas expectativas com a realidade. Consideramos que a observação foi essencial antes de iniciar a intervenção na sala de aula, uma vez que, esta fase proporcionou as informações de que necessitávamos para conhecer o contexto e os aprendentes, assim como, ter acesso a modelos a seguir na forma de planear e concretizar as nossas intervenções.

Para além disso, também nos apercebemos que os programas e metas curriculares exigem tanto dos alunos, como dos professores. Por um lado, é esperado que os alunos interiorizem diversos conteúdos numa aula de 50 ou até 100 minutos, por outro lado, também nós, professores, temos de planear adequadamente os conteúdos, para o tempo escasso que temos, de forma a promover aprendizagens efetivas nos alunos. Uma das nossas preocupações na disciplina de História e Geografia de Portugal era a quantidade de conteúdos que os alunos tinham de aprender e o pouco tempo letivo que nos restava. O nosso objetivo passava por tentar conseguir conjugar estas duas variáveis (conteúdos e tempo disponível) e, simultaneamente, proporcionar o confronto de expectativas e de participação ativa por parte dos alunos. Para além disso, outra das preocupações que tivemos foi o conhecimento científico que esteve em constante construção durante todo o ano, a preocupação em tentar encontrar estratégias apelativas e adequadas aos interesses dos alunos, assim como, promover efetivamente as aprendizagens dos conhecimentos científicos nos alunos face às estratégias que íamos implementando.

Ainda assim, após a realização do projeto no 1.º CEB e depois de iniciarmos a nossa prática no 2º CEB, questionámo-nos acerca da possibilidade da realização de projetos interculturais neste ciclo. Face à nossa meta reflexão, após a nossa ação no segundo contexto da PPS, e face à quantidade de conteúdos *versus* tempo letivo de cada disciplina, chegámos à conclusão que poderia ser proveitoso para os alunos se as disciplinas de Português e de História e Geografia de Portugal trabalhassem em projeto, uma vez que para realizar projetos interculturais no 2.º CEB estas duas disciplinas poderiam ser articuladas de modo a trabalharem as competências que estão previstas no PASEO em conformidade com as aprendizagens essenciais dos alunos em cada área.

Na prática, foi a disciplina de História e Geografia de Portugal que nos levou a pensar como poderemos, no nosso futuro, trabalhar a área da interculturalidade, uma vez que,

ao abordar numa aula a ditadura e os meios de repressão, pudemos relacionar com os direitos fundamentais do Homem – aspetos pertencentes também à Educação Intercultural. Consideramos que ao longo do programa curricular de História e Geografia de Portugal talvez seja proveitosa esta articulação do que aconteceu no passado com o que se passa atualmente, frisando sempre a questão de que é importante saber a história passada para não se repetirem os mesmos erros e para se crescer com um olhar mais humano, até que os direitos de todos sejam respeitados – até mesmo os direitos que se relacionam com o convívio intercultural. Já na disciplina de Português tivemos a oportunidade de trabalhar textos de índole mais humanista que abordavam aspetos da escravidão o que, agora refletindo, poderíamos ter tornado – e se tivéssemos tido mais tempo – num momento de discussão e de reflexão sobre os tempos passados e os atuais trabalhando não só conteúdos de História e Geografia de Portugal mas também a oralidade ou até a escrita de um texto, por exemplo, argumentativo. Deste modo, consideramos que as disciplinas de Português e de História e Geografia de Portugal podem (e devem) funcionar em projeto, porque, para além do facto de que para entender história é necessário que os alunos sejam capazes de extrair significado de vários tipos de textos que, por sua vez, é alvo de estudo na disciplina de português, estas duas disciplinas podem ser articuladas até com outras disciplinas (de línguas) de modo a criar projetos no âmbito da interculturalidade.

- **Em jeito de síntese**

Perante o exposto, consideramos que ao longo deste ano, após todas as dificuldades sentidas, tornámo-nos mais conscientes para o facto de que na nossa futura prática profissional teremos de transformar em ação a reflexão que aqui apresentamos, olhando para os nossos alunos na sua **individualidade**, mas projetando a sua formação para a sua inserção na sociedade – olhando para eles como alguém que vai fazer parte do **coletivo**. É importante que o professor realce aos seus alunos que cada um tem um papel importante a fim de atingirmos uma sociedade justa e que valoriza a diversidade existente no mundo.

Por fim, gostaríamos de salientar a importância que a realização deste projeto e deste Relatório de Estágio teve no nosso desenvolvimento pessoal e profissional. Pessoalmente, levou-nos a olhar para o mundo mais atentamente e potenciou o nosso

desenvolvimento enquanto profissionais e pessoas cidadãs e preocupadas com os problemas do mundo. Profissionalmente, acreditámos que o conhecimento que acabámos por construir ao longo da nossa formação contribuiu para a nossa consciencialização sobre o papel da Educação Intercultural no processo de desenvolvimento humano. Desta forma, promoveu em nós uma maior compreensão da importância de todos nós contribuirmos para uma maior justiça social e solidariedade entre os membros de todas as sociedades numa base de respeito e compreensão mútua, reconhecendo que todas as línguas e culturas são de igual importância. Toda esta aprendizagem tornou-nos sensíveis para com esta temática e permitiu com que, também nós, valorizássemos mais a diversidade linguística e cultural. Assim, acreditamos que para um mundo melhor é necessário educar melhor, é necessário educar para a Interculturalidade através de uma atitude atenta e reflexiva e através de uma gestão flexível do currículo, “promovendo a compreensão da diversidade enquanto valor e objetivo educativo” (Lourenço et. Al., 2017, p. 79).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguiar, E. & Tourinho, M. (2011). Discussões metodológicas: a perspectiva qualitativa na pesquisa sobre ensino/aprendizagem em história. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. Retirado de: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300932800_ARQUIVO_SI_MPOSIONACIONALDEHISTORIA.pdf.
- Alarcão, I. (2001). Professor-investigador: Que sentido? Que formação. *Cadernos de Formação de Professores*, 1, 21-30. Retirado de: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/sd/textos/alarcao01.pdf>.
- Amado, J. (2000). A técnica de análise de conteúdo. *Revista Referência*, 4, 53-63.
- Amado, J. (2017). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Barrett, M. D. (2016). *Competences for democratic culture: Living together as equals in culturally diverse democratic societies*. Council of Europe Publishing. Retirado de <https://rm.coe.int/16806ccc07>.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Borges, M. L. (2014). Profissionalidade docente: da prática à praxis. *Investigar em Educação*, 2(2), 39-53. Retirado de <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/72>.
- Cardoso, A. (2014). *Inovar com a investigação-ação: desafios para a formação de professores*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. Retirado de books.google.com.
- Castro, A. (2012). *Características e finalidades da Investigação-Ação*. Alemanha: Coordenação do ensino do Português na Alemanha. Retirado de <https://cepealemanha.files.wordpress.com/2010/12/ia-descric3a7c3a3o-processual-catarina-castro.pdf>.
- Caudau, V. (2013). Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. *Currículo sem Fronteiras*, 11(2), 240-255. Retirado de <http://curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/candau.pdf>.
- Coelho, D. (2007). *Brincar com o Inglês: um estudo no Jardim de Infância* (Dissertação de mestrado). Aveiro: Universidade de Aveiro.

- Conselho da Europa (2015). *Carta do conselho da europa sobre a educação para a cidadania democrática e a educação para os direitos humanos*. Retirado de https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/edc_charter2_pt.pdf.
- Coppete, M., Fleuri, R., & Stoltz, T. (2012). Educação para a diversidade numa perspectiva intercultural. *Revista Pedagógica*. 01(28), 232-262. Retirado de <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/1366>.
- Côrte-Real, M. (2017). *O diálogo intercultural nas escolas portuguesas: o caso do Clube Europeu da Escola Secundária de São Pedro do Sul* (Tese de doutoramento). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Cortesão, L. & Stoer, S. (1997). Investigação-acção e a produção de conhecimento no âmbito de uma formação de professores para uma educação inter/multicultural. *Educação, Sociedade e Culturas*, 7, 7-28.
- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A. & Bessa, F. (2009). Investigação-ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, 8(2), 455-479.
- Delors, J., & Nanzhao, Z. (1998). *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez Editora. Retirado de: http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf.
- Estrela, A. (2014). *Manual de apoio à observação – Observar e aprender*. Gabinete de Apoio ao Tutorado. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Ferreira, M. (2010). *“Ela é nossa prisioneira!”: Questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica*. Porto: Universidade do Porto.
- Gomes, L.P. (2017). *Brincar com a diversidade linguística e cultural na educação pré-escolar* (Dissertação de mestrado). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Gondim, S. (2003). Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia*, 12(24), 149-161.

- Gorzoni, S.P, & Davis, C. (2017). O conceito de profissionalidade docente nos estudos mais recentes. *Cadernos de Pesquisa*, 47(166), 1396-1413. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/cp/v47n166/1980-5314-cp-47-166-1396.pdf>.
- Lourenço, M. (2014). Um currículo para a diversidade: propostas para a educação da infância. *Revista Ibero-americana de Educação*, 2(66), 1-11. Retirado de <https://rieoei.org/RIE/article/view/282>.
- Lourenço, M. (2018). Global, international and intercultural education: three contemporary approaches to teaching and learning. *On the Horizon*, 26(2), 61-71. Retirado de <https://www.emeraldinsight.com/doi/full/10.1108/OTH-06-2018-095>.
- Lourenço, M., Andrade, A. I., & Martins, F. (2017). Formar para a diversidade linguística e cultural na educação infantil: possibilidades de construção de conhecimento profissional. *Revista Internacional de Formação de Professores*. 2(2). 76-99. Retirado de <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/17970/1/Louren%C3%A7o%20et%20al%20282017%29%20Formar%20para%20a%20diversidade%20lingu%C3%ADstica%20e%20cultural.pdf>.
- Martins, F. [s/d]. *Biografia linguística e sensibilização à diversidade linguística nos primeiros anos de escolaridade*. Retirado de: http://jaling.ecml.at/pdfdocs/jaling_presentation/portuguais.pdf
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.
- Ministério da Educação (2016). *Estratégia Nacional para a Educação para a Cidadania*. Retirado de https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/estrategia_cidadania_original.pdf.
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, 22(37), 7-32.
- Morgado, M. (2019). Mediação intercultural com álbuns ilustrados. *Comunicação e Sociedade*, 141- 161. Retirado de <file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/Media%C3%A7%C3%A3o%20intercultural%20com%20albuns%20ilustrados.pdf>.

- Moriki, R., & Franca, V. (2017). Mukashi, mukashi: o kamishibai e a formação de leitores. *Revista Cerrados*, (44), 173-191. Retirado de <http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/13707>.
- Oliveira, E., Ens, R., Andrade, D., & Mussis, C. (2003). Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação. *Revista Diálogo Educacional*, 4(9), 11-27.
- Oxfam. (2015). *Education for global citizenship: a guide for schools*. London: Oxfam GB.
- Pedley, M., & Stevanato, A. (2018). Le concours Kamishibai plurilingue: un outil innovant pour diffuser l'éveil aux langues. *Éducation et Sociétés Plurilingues*, 45, 43-56. Retirado de <https://www.dulala.fr/wp-content/uploads/2019/01/article-esp-2019.pdf>.
- Perrenoud, P. (2004). *Diez nuevas competencias para enseñar*. Barcelona: GRAÓ.
- Perrenoud, P., Thurler, M., Macedo, L., Machado, N., & Allessandri, C. (2002). *As competências para ensinar no século XXI – A formação dos professores e o desafio da avaliação*. Porto Alegre: Atrmed Editora.
- Pieroni, V., Fermino, A., & Caliman, G. (2014). *Pedagogia da alteridade: para viajar a Cosmópolis*. Brasília: Liber Livro. Retirado de: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227058?posInSet=1&queryId=4931765d-6848-453f-b8db-318ced0c4667>.
- Pimenta, S. (2002). *De professores, pesquisa e didática*. Brasil: Papirus.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Ramos, N. (2007). Interculturalidade, educação e desenvolvimento – o caso das crianças migrantes. In, R. Bizarro (Ed.), *Eu e o Outro – Estudos multidisciplinares sobre identidade(s), diversidade(s) e práticas interculturais* (pp. 367-375). Porto: Areal Editores.
- Ramos, N. (2011). Educar para a Interculturalidade e cidadania: princípios e desafios. In L. Alcoforado et. al. (Eds.), *Educação e formação de adultos: políticas, práticas e investigação* (pp. 189-200). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. doi: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0228-8>.

- Reis, P. (2011). *Observação de Aulas e Avaliação do Desempenho Docente*. Lisboa: Ministério da Educação. Retirado de <http://www.ccap.min-edu.pt/pub.htm>.
- Roldão, M. C., Figueiredo, M., Campos, J., & Luís, H. (2009). O conhecimento profissional dos professores – especificidade, construção e uso. Da formação ao reconhecimento social. *Revista brasileira de formação de professores*, 1(2). 138-177. Retirado de <https://core.ac.uk/download/pdf/70643020.pdf>.
- Santiago, M. C, Akkari, A., & Marques, L.P. (2013). *Educação Intercultural: desafios e possibilidades*. Brasil: Editora Vozes.
- Shulman, L. & Shulman J. (2014). How and what teachers learn: a shifting perspective. *Journal of Curriculum Studies*, 36(2), 257-271, Retirado de <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0022027032000148298>.
- Silva, M. C. (2010). *Guia Prático para a Educação Global: Um manual para compreender e implementar a Educação Global*. Lisboa: Centro Norte-Sul do Conselho da Europa.
- Silva, R., & Silva, P. (2013). O contributo dos métodos qualitativos na investigação em contabilidade de gestão. *Indagatio Didactica*, 5(2), 1047-1063. Retirado de <http://revistas.ua.pt/index.php/ID/article/view/2509/2375>.
- Silva, V., & Rebol, F. (2017). A Educação Intercultural e os desafios para a escola e para o professor. *Interações*, 18(10), 179-190.
- Sousa, M. (2015). *Cidadania e educação intercultural: um estudo nos primeiros anos de escolaridade* (Dissertação de mestrado). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Tomaz, A. C. (2007). *Supervisão curricular e cidadania. Novos desafios à formação de professores* (Tese de doutoramento). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- UNESCO (2002). *Declaração universal sobre a diversidade cultural*. Retirado de http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf.
- UNESCO. (2006). *Guidelines on intercultural education*. Paris: UNESCO. Retirado de: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000147878?posInSet=1&queryId=834a400d-9f82-408d-9021-589fbe0a8746>.

- UNESCO. (2014). *Global citizenship education: Preparing learners for the challenges of the 21st century*. Paris: UNESCO. Retirado de: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227729>.
- UNESCO. (2016). *Educação 2030. Declaração de Incheon. Rumo a uma educação de qualidade inclusiva e equitativa e à educação ao longo da vida para todos*. Brasília: UNESCO. Retirado de: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000243278_por.
- UNESCO. (2016). *Repensar a Educação: rumo a um bem comum mundial?* Brasília: UNESCO. Retirado de: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000244670>.
- Vernetto, G. (2018). Le kamishibai ou théâtre d'images: mode d'emploi. *Éducation et sociétés plurilingues*, 44, 9-21. Retirado de <https://journals.openedition.org/esp/2161>.

ANEXOS

Anexo 1 – Questionário dirigido aos Encarregados de Educação

Inquérito por questionário

Educando: _____

Encarregado de Educação: _____

Grau de parentesco: _____

Caros pais / Encarregados de Educação

No âmbito do nosso estágio na sala da turma do 2.º B iremos desenvolver um projeto de sensibilização à diversidade linguística e cultural intitulado “Da minha janela para o Mundo”. De modo a conhecermos um pouco melhor o contexto linguístico e cultural em que as crianças do 2.º B estão inseridas, vimos solicitar a sua colaboração, respondendo a este questionário:

1. Qual a sua nacionalidade?

Mãe: _____ Pai: _____

2. Qual a sua língua materna

Língua Materna	Mãe	Pai
Português		
Alemão		
Venezuelano		
Francês		
Inglês		
Outra: _____		

3. Fala outra (s) língua (s) para além do português?

	Mãe	Pai
Sim		
Não		
Se sim, qual(ais)?		

4. Com que regularidade considera que o seu educando contacta com outras línguas?

- ☐ Nunca
- ☐ Raramente
- ☐ Frequentemente

5. Se respondeu “raramente” ou “frequentemente” na alínea anterior por favor indique em que situações.

6. Qual a importância que atribui ao desenvolvimento de projetos de sensibilização à diversidade linguística e cultural na turma do seu educando? Sublinhe a opção que corresponde à sua opinião.

- 1) Não é importante
- 2) Pouco importante
- 3) Um pouco importante
- 4) Muito importante
- 5) Extremamente importante

7. Estaria disponível para participar em algumas atividades do projeto de sensibilização à diversidade linguística e cultural “Da minha janela para o Mundo”?

- ☐ sim
- ☐ não

Obrigada pela sua colaboração!

As professoras estagiárias: Rita Cardoso e Joana Viana.

Anexo 2 – Kamishibai Plurilingue

“Viajar sem sair do lugar!”

Um kamishibai construído por:

Crianças do 2.º ano do 2018/2019 º CEB

Professora Cooperante, Joana Viana, Rita Cardoso

P2

Junto da janela, Jomina põe-se a imaginar:

Gostava tanto de viajar

Mas tenho medo de voar...

Outros países quero conhecer

E dos outros meninos saber

O que veem da sua janela

E o que pensam junto dela.

P3

O avô que sabia pilotar

E pelo mundo andou a viajar

Disse à Jomina:

-Vamos viajar

Sem sair do lugar?”

P4

“-Avô, como é isso possível?

Isso seria incrível!”

- Vamos dar asas à imaginação e construir um avião!”

P5 – E lá vão os dois em viagem!

Qual será a primeira paragem?

Da janela do avión¹¹ [áviön]

Veem o Arco de la Federación¹² [arcó de lá fédéración]!

¹¹ Avião.

¹² Arco da Federação (monumento histórico da Venezuela).

Onde será que estão?

P6 – só ilustração

P7 – Onde será que estamos agora?

Avô! Do almoço já não é hora!?

- Bratkartoffeln¹³ [vra-kta-tófen] vamos provar

E sem fome vamos ficar!

Ouvimos meninos a chamar

Großvater¹⁴ [grross-fá-ta] e Pilot¹⁵ [pi-lôte]!

Venham o Schloss [xe-lósse] Neuschwanstein [nóish-van-shdáine]¹⁶ visitar.

P8- ILUSTRAÇÃO

P9 - Jomina estás a gostar de viajar?

- Sim, mas eu nunca pensei 去旅行¹⁷ [tche-lhí-sing] sem sair do lugar!

- É fácil! É só abrir a janela da imaginação!

- E pelo mundo o que é que os outros verão?

- Nas cidades veem os carros a passar

E as pessoas de lá para cá atarefadas.

E nas quintas cultivadas

Veem flores coloridas e perfumadas!

P10

- E o menino chinês?

O que estará a ver desta vez?

- O 偉大的佛陀¹⁸ [oidá-dé-fôtuó] talvez,

¹³ Preparação de batatas fritas típica da Alemanha.

¹⁴ Avô.

¹⁵ Piloto.

¹⁶ Castelo de Neuschwanstein (é um palácio alemão construído na segunda metade do século XIX).

¹⁷ Viajar

¹⁸ O Grande Buda. O Grande Buda é uma estátua de bronze de 34 metros de altura e 250 toneladas situada no alto de Ngong Ping, a parte mais alta da ilha de Lantau.

Ou o panda que é chinês!

P11- SÓ ILUSTRAÇÃO

P12

- E esta menina da sua window¹⁹ [uindou] o que verá?
- Vê um lago do lado de lá!
- Será que neste lago podemos nadar?
- Não! Porque o monster [mons-târ] of [ófe] Loch [lóc] Ness [nésse]²⁰ está lá a morar!

P13 – SÓ ILUSTRAÇÃO

P14 Terminada a viagem²¹ [vi-á-rré]

Vemos uma linda paisagem!

Da nossa fenster²² [fen-sta] vemos um moliceiro²³

Na bonita ria de Aveiro!

- Que bom que foi 去旅行²⁴ [tche-lhí-sing] sem sair do lugar!

- Para a próxima apanhamos um airplane²⁵ [ér-pleine]

Mas sem ser de cartão!

¹⁹ Janela

²⁰ Monstro do Lago Ness. O monstro do lago Ness, monstro de Loch Ness, também conhecido simplesmente por Nessie, é um criptídeo aquático que alegadamente foi visto no Loch Ness, nas Terras Altas da Escócia, no Reino Unido.

²¹ Viagem

²² Janela

²³ Moliceiro é o nome dado aos barcos que circulam na Ria de Aveiro, região lagunar do Rio Vouga.

²⁴ Viajar

²⁵ Avião

Anexo 3 – Pedido de Autorização

Exmos. Pais, e Encarregados de Educação,

Assunto: Pedido de autorização para fotografar e vídeogravar intervenções das estagiárias no âmbito da Prática Pedagógica Supervisionada.

Data:

Somos alunas do Mestrado em _____, da Universidade de Aveiro e encontramos-nos, neste momento, a estagiar na sala da Educadora/professora _____, no jardim-de-infância de/ na Escola /no Centro Escolar _____. Para podermos apresentar o nosso trabalho de estágio na Universidade de Aveiro e realizarmos o nosso Relatório Final de Estágio poderá ser necessário fotografar e / ou vídeogravar algumas das atividades que vamos desenvolver com os vossos filhos / educandos.

Vimos, assim, por este meio, solicitar a vossa autorização para fotografar e vídeogravar algumas das nossas atividades junto dos vossos filhos / educandos. Salientamos que todas as imagens recolhidas serão usadas apenas para este fim, procurando fotografar e vídeogravar de modo a não revelar a identidade dos vossos filhos / educandos (fotografando ou videogravando os alunos de costas ou usando técnicas de tratamento da imagem como, por exemplo, desfocando a imagem da cara ou colocando um traço escuro por cima).

Agradecemos, desde já, a vossa colaboração e solicitamos que nos devolvam o destacável preenchido.

Com os melhores cumprimentos,

As estagiárias: _____;



Pedido de Autorização

Autorizo / Não autorizo (riscar o que não interessa) que sejam realizadas vídeograções e tiradas fotografias ao meu filho / educando, pelas estagiárias, durante a realização das atividades escolares, nas condições acima referidas e de modo a poderem apresentar o seu trabalho na Universidade de Aveiro.

Nome do educando: _____

Assinatura do Encarregado de Educação: _____

Data: ____ / ____ / 2018

Anexo 4 – Guião de entrevista semiestruturada à Orientadora Cooperante

Guião de entrevista semiestruturada

Entrevistado: Professora Cooperante

Data:27/06/2019

Legitimação da entrevista (Questões éticas):

Explicar os objetivos da entrevista; solicitar autorização para a gravação áudio da entrevista.

Blocos temáticos	Objetivos	Questões Orientadoras
A- Envolvimento das famílias	<ul style="list-style-type: none">– Compreender<ul style="list-style-type: none">(i) de que modo as famílias participaram nas atividades(ii) de que modo o seu envolvimento contribuiu para melhorar a relação escola/família(iii) como reagiram as crianças e que vantagens trouxe esse envolvimento.	<ul style="list-style-type: none">– Considera que as famílias estiveram envolvidas no projeto? De que forma? (na primeira fase: construção do KP; na 2.ª fase: construção do butai e participação na apresentação do KP)– Como considera que as crianças reagiram a esse envolvimento?– De que forma o envolvimento das famílias promoveu aprendizagens nas crianças? Quais? Seria possível dar alguns exemplos de aprendizagens que tenha observado?– Na sua perspetiva que outras vantagens trouxe o envolvimento das famílias para as crianças?– A participação das famílias no desenvolvimento das atividades do projeto facilitou, de algum modo, a relação escola/família? (se sim, de que modo? Se não, porquê?)– Alguma vez os pais referiram que os seus filhos falavam em casa das atividades do projeto? Se sim, tem ideia do que contavam aos pais e familiares?

<p>B – Relações entre as áreas curriculares e os seus conteúdos</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Analisar e compreender quais as aprendizagens desenvolvidas nas diferentes áreas curriculares. 	<ul style="list-style-type: none"> – Na sua perspetiva as atividades desenvolvidas ao longo do projeto permitiram trabalhar conteúdos das várias áreas curriculares de forma articulada? De que modo? Pode dar um exemplo para cada fase do projeto? – Considera que este projeto potenciou aprendizagens nas áreas de português, matemática, estudo do meio e expressões? Que aprendizagens? – Considerou importante a escrita colaborativa na elaboração da notícia para o agrupamento e do convite? Porquê? – Considera que este é um projeto em que são as crianças as construtoras das suas próprias aprendizagens? Porquê? – Na sua perspetiva, de todas as aprendizagens desenvolvidas em torno do projeto quais foram as aprendizagens que lhe parecem ter sido mais significativas para as crianças? Porquê?
<p>C – Atitudes, motivação e curiosidade face ao projeto</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Compreender de que forma se promoveram atitudes de interesse e curiosidade face a outras culturas e línguas através das atividades desenvolvidas em torno da construção de um KP (1.ª fase) e em torno da organização da apresentação do KP aos pais (2.ª fase); 	<ul style="list-style-type: none"> – Considera que o projeto permitiu às crianças o desenvolvimento de atitudes e valores no âmbito da Educação Intercultural? Seria possível dar alguns exemplos? – Considera que no desenvolvimento do projeto as crianças demonstraram interesse e curiosidade face à diversidade linguística e cultural? De que forma? – Considera que o projeto permitiu a valorização das culturas de origem dos alunos? De que forma?

D – Ferramenta Kamishibai Plurilingue	– Identificar as potencialidades e os constrangimentos do recurso KP;	<ul style="list-style-type: none"> – Na sua perspectiva as crianças ficaram a conhecer as características de um KP? Que evidências é que recolheu? – Considera que os alunos encaram a diversidade linguística e cultural de forma diferente depois do desenvolvimento do projeto? Porquê? – De que forma considera que este projeto promoveu o trabalho colaborativo entre docentes (orientadora cooperante, orientadores da UA e estagiárias)? – Considera que as atividades desenvolvidas em torno do KP contribuíram para a promoção de uma Educação Intercultural? De que forma? – Considera que o KP potenciou o desenvolvimento do currículo de modo integrado? De que forma? – De que modo as atividades desenvolvidas em torno da apresentação do KP (construção dos butais, o convite, a preparação da apresentação) contribuíram para sensibilizar os alunos para a diversidade linguística e cultural? – O que destaca de mais positivo na construção do kamishibai plurilingue? E de menos positivo? – Voltaria a desenvolver um projeto de construção de um Kamishibai Plurilingue? Porquê?
------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Conclusão da Entrevista:

Agradecer a disponibilidade e solicitar a validação da entrevista após a sua transcrição.

Anexo 5 – Guião de entrevista (grupos focais) aos alunos

Guião do Grupo focal

Local: Escola Básica do 1.º Ciclo

Número de participantes: 22 alunos, organizados em 5 grupos: 2 de 5 elementos e 3 de 4 elementos

Preparação

- Arranjar sala;
- Preparar meios técnicos (gravador);
- Preparar material de substituição caso o gravador falhe.

Apresentação:

- Agradecer a presença dos alunos e explicar aos alunos qual o objetivo da entrevista
- Pedir aos participantes que respondam com sinceridade e sem se preocuparem em dar respostas certas, não estão a ser avaliados. Devem dizer o que pensam, o que se lembram e o que aprenderam com o Kamishibai Plurilingue.
- Pedir que não mantenham conversas paralelas.
- Tempo estimado da entrevista: cerca de 15 minutos.

Entrevista:

-Explicar que serão colocadas questões de forma a gerar um “debate/diálogo” entre os alunos presentes.

Questões

1. Se tivessem de explicar aos vossos amigos e familiares o que é um Kamishibai Plurilingue o que diriam?
2. Lembram-se das línguas que escolheram para entrar no KP?
3. Conseguem dizer quais foram? Por que razão é que escolhemos essas línguas?
4. Lembram-se de algumas palavras que aprenderam nessas línguas?
5. E em que países se falavam essas línguas?
6. Que língua gostaram mais de aprender? Porquê?
7. Acham que todas as línguas do mundo são igualmente importantes? Porquê?
8. Na elaboração da história e das ilustrações o que aprenderam? (em português, em matemática, em estudo do meio, e em expressões?)
9. Lembram-se a quem é que apresentaram o KP?
10. Como é que os pais souberam desta apresentação?
11. Como é que realizaram o convite?
12. Se tivessem de dizer a alguém o que é um butai o que diriam?
13. Que línguas é que colocaram no convite?
14. Como organizaram a apresentação do KP aos pais?

15. Na elaboração do convite e na construção do butai o que aprenderam (em português, em matemática, em estudo do meio, e em expressões)?
16. Acham que as vossas ideias e interesses foram tidos em conta no desenvolvimento do projeto? Porquê?
17. O que aprenderam com a visita dos pais à sala? Lembram-se quais foram os pais vieram à sala? E o que vieram cá fazer?
18. E em casa falavam com a vossa família sobre o projeto do Kamishibai Plurilingue? E o que costumavam contar aos vossos pais e familiares?
19. Quem era a Jomina? Se fosses a Jomina e pudesses ir a um destes países qual seria? Porquê?
20. Se fosses visitar os países que a Jomina visitou o que davas a conhecer da tua cultura/país?
21. O que gostaram mais de fazer? Qual foi a atividade preferida? O que aprenderam com essa atividade?
22. O que gostaram menos? Porquê?
23. Acham que falámos o suficiente sobre as línguas?
24. Gostaram de trabalhar em grupo? Foi difícil?
25. O que gostarias de ter aprendido para além do que aprendeste com este projeto sobre outras línguas e culturas?
26. O que gostariam de nos dizer?
27. Gostariam de elaborar/construir outro kamishibai/outro butai? Se sim, porquê?

Agradecimentos

Serão feitos os agradecimentos a todos os presentes pela amabilidade de participarem neste *grupo focal*, assim como pelo tempo que despenderam com o mesmo.

Anexo 6 – Transcrição da entrevista à Orientadora Cooperante

Orientadora Cooperante – OC

Clara – C

Sofia – S

Joana – J

Rita – R

C: Antes de mais, aproveito para agradecer a disponibilidade da professora para responder a estas perguntas, a primeira é: considera que as famílias estiveram envolvidas no projeto, de que forma estiveram envolvidas, quer na primeira fase na construção do kamishibai, quer na segunda fase na construção do butai e na sua apresentação?

Orientadora Cooperante: Sim. Ora bem, primeiro, obrigada também pelo trabalho desenvolvido. Sim, eu considero que as famílias estiveram envolvidas, tanto na primeira fase, durante o primeiro semestre pela participação que os pais tiveram, quando convidados e pela disponibilidade imediata de virem apresentar o seu país no caso da Alemanha e da Venezuela, e no segundo semestre também o envolvimento da família foi igualmente positivo e bastante presente com a construção dos butais que a grande parte se envolveu para a construção e quando foram convidados a vir assistir à história portanto, à apresentação, vimos que a maioria esteve presente e não arredou pé, nem esteve com pressa e vieram para estar, vieram para assistir e deram importância ao trabalho que os seus educandos tinham realizado durante o ano. Por isso eu considero bastante positivo.

C: Como considera que as crianças reagiram a esse envolvimento das famílias?

Orientadora Cooperante: eu acho que as crianças ficaram muito satisfeitas, ao verem que o E.E. se interessa por aquilo que eles fazem, elas.... Curioso, eu penso que a atitude que as crianças tiveram ao longo deste ano teve a ver precisamente com o empenhamento da família nas suas atividades, e eu penso que as crianças gostaram e empenharam-se e estou convencida que foi o que levou a que estas crianças modificassem a sua atitude face à aprendizagem, acredito que o projeto teve essa importância.

C: Acha que esse envolvimento potenciou as aprendizagens das crianças?

Orientadora Cooperante: Sim, eu penso que sim, pode não ser uma consequência imediata, mas pode ser um resultado a longo prazo, ver que o trabalho que eles realizaram, tem valor para a família, isso contribui para aprendizagens futuras.

C: É possível enumerar algumas das aprendizagens que o projeto potenciou?

Orientadora Cooperante: Foram tantas as aprendizagens.... A escrita... Numa turma que tem tanta renitência a escrever, o desenvolvimento da criatividade, que há muitas formas de a desenvolver. Na minha opinião, houve o desenvolvimento de aprendizagens pessoais: o saber partilhar, o saber ouvir, eu penso que tudo isto está tão ligado, e tantas aprendizagens que foram realizadas que agora neste momento o que eu destaco é a escrita, a criatividade e a cidadania.

C: Para além de toda a implicação que as crianças têm no envolvimento dos pais e no desenvolvimento das suas aprendizagens, existem outras vantagens que consiga destacar?

Orientadora Cooperante: Eu acho que, quando a família está presente, seja na escola ou fora dela, mas neste caso na escola, tudo contribui para o desenvolvimento da criança. É intrínseco que, o envolvimento da família, quer seja na escola ou fora, contribui para que a atitude das crianças, o seu desenvolvimento pessoal é tão positivo e visível e faz com

que haja vontade de estudar de trabalhar e que haja vontade de aprender e de se desenvolver.

C: A professora que melhor conhece os E.E. e sabe em que medida os consegue “trazer” à escola, que consegue ter uma melhor percepção da relação entre a escola e família, sente que este projeto se potenciou essa mesma relação?

Orientadora Cooperante: Eu conheci alguns dos pais antes do 1.º ciclo e sei que eram pais envolvidos com a escola que participavam em atividades da escola. A escola sempre desenvolveu atividades direcionadas para os pais dos alunos e os pais desta turma eram pais presentes e continuaram a ser presentes. Aqueles que não eram desta escola a partir de dada altura envolveram-se também. A partir do 1.º pareceram-me pais presentes mas com este projeto, notei realmente que era verdade, a minha ideia de que tenho uma turma e tenho um grupo de pais que se for preciso estar a maioria está e eu considero que o projeto ajudou a revelar isso mesmo, que realmente os pais são interessados e atentos, confirmei isso!

C: Os pais alguma vez referiram que os filhos falavam do projeto?

Orientadora Cooperante: Sim, falavam... tenho pais que nas reuniões de avaliação me disseram: -ó professora! Eu tive de ir procurar o que era kamishibai porque as crianças falavam constantemente do kamishibai e eu tive de pesquisar e procurar saber o que era o projeto kamishibai. Porque as crianças falavam, mas o adulto não entende à primeira o que é, se é teatro, se é história... E, realmente houve vários pais, até mais mães, porque são as mães que vêm às reuniões da escola, que disseram: professora, eles estão sempre a falar no projeto kamishibai, do que fizeram e o que não fizeram.

S: Relativamente ao 2.º bloco iremos realizar questões relacionadas com as aprendizagens dos alunos... Na sua perspetiva as atividades desenvolvidas ao longo do projeto permitiram trabalhar conteúdos das várias áreas curriculares de forma articulada? Se sim, de que forma?

Orientadora Cooperante: Eu acho que sim... Ao aceitar um projeto nós temos que ter uma perspetiva do que é que poderemos ou não poderemos trabalhar com aquele projeto e nas áreas curriculares... e vocês sabem que eu não tenho receio de me lançar nesses desafios. Mas eu acho que sim, que houve articulação, que houve possibilidade. Por exemplo, mais uma vez vou falar da escrita... A escrita é algo que tem de ser trabalhado no 2.º ano! O projeto kamishibai plurilingue ou outro projeto envolve a escrita, leitura... temos aqui o português... poderemos trabalhar as outras questões da língua: a gramática. Na matemática poderemos considerar que é mais difícil de a articular com este projeto, mas não é. Por exemplo: as distâncias entre Portugal e outro país, isto é, as medidas. A nível do estudo do meio a questão da alimentação típica de outros países... A expressão plástica: a pintura e o trabalhar com diferentes materiais, por exemplo. Eu acho que está aqui, realmente, o trabalhar as áreas que fazem parte do currículo e as crianças atingiram esses objetivos.

R: A nível da matemática: a professora sugeriu utilizarem as formas geométricas...

Orientadora Cooperante: Tudo é possível trabalhar, temos que saber o que nos pedem ao nível e depois articular com o projeto.

S: Penso que a professora já respondeu à questão das aprendizagens que este projeto potenciou ... passamos então à próxima questão: Considerou importante a escrita colaborativa na elaboração da notícia para o agrupamento e do convite? Porquê?

Orientadora Cooperante: Sim, considero que a escrita colaborativa é uma forma de aprender a escrever, de aceitar as ideias dos outros. O colaborativo remetendo-nos para

uma área de cidadania, de valores... Por isso a escrita colaborativa é importante nesta fase, no 1.º e 2.º ano. Precisamente por isso, por aceitar as ideais, as opiniões, partilhar ideias... Isto tanto no convite como na notícia. Penso que será o desenvolvimento dos valores nas crianças, para além da aprendizagem da escrita.

S: Considera que este é um projeto em que são as crianças as construtoras das suas próprias aprendizagens? Porquê?

Orientadora Cooperante: Eu acho que sim, que qualquer projeto é potenciador das aprendizagens das crianças. Potencia a aquisição das aprendizagens, fazendo com que a criança aprenda aquilo que quer aprender. Eu penso que o projeto é um ponto potenciador de aprendizagens pessoais. Gostaria de trabalhar este projeto no próximo ano, mas de outra forma.

S: Na sua perspetiva, de todas as aprendizagens desenvolvidas em torno do projeto quais foram as aprendizagens que lhe parecem ter sido mais significativas para as crianças? Porquê?

Orientadora Cooperante: Penso que todas as aprendizagens foram tão importantes..., mas não me posso desligar da escrita, da aprendizagem da escrita. A escrita neste grupo era uma preocupação que tinha... o conseguir que estas crianças escrevessem, desenvolver-lhes a escrita... Por isso, essa para mim terá sido mais importante que as outras, mas logo abaixo vem o desenvolvimento da criatividade, seguidamente vem a partilha, o consenso. Mas vamos manter a escrita, somos portugueses temos que aprender a escrever e a falar.

J: As perguntas seguintes terão a ver com as atitudes, motivação curiosidade face ao projeto e a primeira pergunta é se considera que este projeto, o Kamishibai Plurilingue, permitiu às crianças o desenvolvimento de atitudes e valores no âmbito de uma Educação Intercultural.

Orientadora Cooperante: Ora bem, eu acho que sim. O “intercultural” eu acho que sim. Que com [...] a vinda à escola, por exemplo, da mãe da Eduarda: que esteve na Alemanha e todo o envolvimento que a turma teve, toda a forma como a turma esteve a ouvir a mãe a falar sobre a educação naquele país, sobre a alimentação, sobre os monumentos, quer dizer, tudo isso foi algo que as crianças aprenderam valorizaram, porque estiveram tão... tão... empenhados em ouvir e fazer perguntas, não é? Estiveram tão envolvidos que eu acho que sim, que eles desenvolveram esta atitude de ouvir e de aprender mais sobre o outro país. E depois com a Venezuela, que o próprio pai se prontificou a fazer as arepas e todo o envolvimento das crianças em aprender e de quererem provar, eu penso que houve esse envolvimento.

J: Considera que no desenvolvimento do projeto, as crianças demonstraram interesse e curiosidade face à diversidade linguística e cultural? De que forma?

Orientadora Cooperante: Sim, eu acho que sim. E depois há [...] em algumas situações não sei se aconteceu convosco, mas muitas vezes, houve conversa, embora não fosse em alemão ou castelhano ou mandarim, muitas vezes aqui na sala acontecia que estávamos a falar outra língua. Um deles começava a falar inglês e eu respondia em inglês, e logo ali tinha as crianças “O que é que tu disseste professora?” quer dizer, eles estavam já predispostos a outras línguas e por isso este envolvimento, quer dizer, o Kamishibai Plurilingue, veio desenvolver nas crianças o querer saber como se dizem palavras noutras línguas, claro que eu não sei mandarim, alemão, o que eu sei é francês e inglês, mas muitas vezes era quase como uma brincadeira, eu responder numa língua que não era o português. Pronto.

J: Considera que o projeto permitiu a valorização das culturas de origem dos alunos? Se sim, de que forma?

Orientadora Cooperante: Eu acho que sim, que considero [...] agora falando na Alemanha, e o orgulho, o orgulho mesmo, que a Eduarda: tem de ter estado na Alemanha, falar na Alemanha e de nós termos trabalhado a cultura alemã, e a mãe vir cá, eu acho que sim, que isso foi uma forma de valorizar a cultura da criança. Claro que a maioria é portuguesa, mas eu acho que sim, que valorizou a cultura própria. Claro que não temos aqui nenhum chinês, mas [...] é algo que agora me recorda outras, outro trabalho que fiz com alunos, por exemplo, ciganos. Por isso, o ser trabalhado logo a cultura deles, seja um costume, uma festa, ... estamos a valorizar, por isso o Kamishibai Plurilingue fez, contribui também para valorizar a cultura de cada criança.

J: Na sua perspetiva, quais foram as principais aprendizagens do ponto de vista linguístico e cultural realizadas pelas crianças sobre os países e as línguas do KP? Pode dar exemplos de aspetos que tenham sido mais referidos pelas crianças?

Orientadora Cooperante: Olha, mais referido se calhar, monumentos, o panda, as curiosidades, outras palavras... Eu acho que foi essencialmente as curiosidades, como é o país, como é, isto é, a nível da paisagem como é o natural desse país, [...] os alimentos se calhar eles não ligaram tanto, a comida ainda não lhes diz assim muito. Mas eu penso que foi mais ao nível das curiosidades e ao nível da língua, de quererem saber sempre mais.

R: Agora vamos fazer-lhe algumas questões sobre o KP enquanto ferramenta pedagógica. Na perspetiva da professora considera que as crianças ficaram a conhecer as características de um KP? E como é que evidencia essas aprendizagens?

Orientadora Cooperante: Ora, características do KP...as pranchas, o butai, a escrita, como é: imagens, texto. Eu acho que sim! Eles ficaram a conhecer as características, sabem para que é que serve o butai, as pranchas... como é que tem que ser, imagem à frente e texto a trás, até os instrumentos que são utilizados para apresentar a história. Agora, evidências... eu depois construí com eles uma história por causa da minha formação e eles sabiam que tinham que desenhar numa folha grande e por isso, o desenho que eles fizeram não podia ser minúsculo tinha que ser grande para ocupar toda a folha e se ver bem a uma certa distância e disso eu tenho evidências, tenho acolá os desenhos. Por isso estão a ver, eles sabem que o Kamishibai Plurilingue é contado num butai que é como um palco que abre e tem a história. E a história tem imagens grandes, por isso sem dúvida que sim!

R: E acha que as crianças encaram a diversidade linguística e cultural de forma diferente depois do projeto?

Orientadora Cooperante: Sabes ainda é muito cedo para ver isso, mas eu penso que sim que faz parte da curiosidade da criança. Mas eu acho que ainda é muito cedo para ver isso, mas acho que eles dão a importância que tem que ser dada a um projeto. Mas será que eles têm noção dessa importância? Eu acho que eles consideram importante, mas será que têm essa consciência? Ainda é muito cedo para eu conseguir perceber.

R: E de que forma é que a professora considera que este projeto promoveu o trabalho colaborativo entre docentes, no caso, entre a professora, as professoras estagiárias e as professoras da universidade?

Orientadora Cooperante: Eu acho que foi um trabalho mesmo colaborativo! Quer dizer eu não fiz nada sem vocês, vocês precisaram da turminha para trabalhar, as professoras da universidade também com as suas ideias... é assim acho que é tão evidente que tudo

foi feito em colaboração, aproveitando todas as ideias e entrosando todas estas diferenças e todas estas igualdades, porque todos somos diferentes mas somos todos iguais porque conseguimos construir uma história. É positivo, houve envolvimento, houve colaboração desde o início.

R: Neste caso, o trabalho foi feito no âmbito do estágio, se tivesse feito um projeto Kamishibai Plurilingue na escola considera que teria sido mais vantajoso fazê-lo colaborativamente com outros professores ou individualmente?

Orientadora Cooperante: Olha sem dúvida que era! Mas todos temos que estar envolvidos e nem sempre é fácil, “estarem todos no mesmo barco”.

R: Por fim, gostaríamos de saber o que destaca de mais positivo no projeto e de menos positivo.

Orientadora Cooperante: De mais positivo eu acho que o projeto todo ele foi positivo pela interculturalidade, conhecer outros países, conhecer outras línguas... porque nós no primeiro ciclo muitas vezes não trabalhamos isto. E por isso o projeto teve esta parte positiva, sensibilizar as crianças para fora do seu eu. Acho que isto é bastante positivo é levar a criança para fora do seu mundinho, eles não têm noção do quão grande é o nosso planeta. Sabem que há outros países e o projeto KP teve esta mais valia de levar as crianças a conhecer outras coisas que não a sua casa, que não a sua escolinha. E isto até me leva a considerar outros projetos: comunicar com outras escolas, com outros países... Isto leva a que haja um crescimento no desenvolvimento da criança face ao mundo. Menos positivo [...] não tenho! Não sei! Menos positivo não consigo ver nada, eu acho que foi tão bom, correu bem, não tenho nada!

R: A professora voltaria a desenvolver um projeto de construção de um KP?

Orientadora Cooperante: Sim! Porque não? Embora eu não goste de repetir coisas, mas quando se tem sucesso em algo, e há com certeza outra forma diferente de trabalhar um KP, não é? Outras línguas, outros países...

Anexo 7 – Transcrição dos grupos focais dos alunos

Grupo focal

Grupo: Bianca, Daniela, Ema, Fábio, Mónica e Eduarda

Legitimação da entrevista

Professora Estagiária Rita: Lembram-se que eu e a professora Joana estivemos cá no início do ano e construímos com vocês as pranchas e as ilustrações, ou seja, o Kamishibai Plurilingue e depois a professora Clara e a professora Sofia vieram continuar o projeto e, com elas, construíram um butai e fizeram uma apresentação para as vossas famílias.

Professora Estagiária Rita: Então agora se vocês tivessem que explicar a um amigo o que é um Kamishibai Plurilingue, o que é que vocês diziam?

Fábio: Dizíamos que era uma história.

Professora Estagiária Rita: Ok, então e se eles dissessem assim “eu tenho aqui uma história” e te mostrassem um livro, o que é que tu dizias?

Fábio: Conta-se num butai!

[...]

Professora Estagiária Rita: E tu Bianca o que é que dirias?

Bianca: Era uma maneira de contar histórias e são várias línguas!

Eduarda: Eu mostrava na internet!

Professora Estagiária Clara: Mas imagina que não tinhas internet como é que explicavas?

Eduarda: Pegava num livro dobrado ao meio e fingia que eram as pranchas.

Professora Estagiária Clara: E tu Daniela, como é que explicavas a alguém?

Daniela: É um cartão em que se conta uma história.

Professora Estagiária Clara: E porque é que é Plurilingue?

Bianca: Tem várias línguas!

Professora Estagiária Rita: Então e vocês lembram-se quais foram as línguas que escolheram para entrar no Kamishibai Plurilingue?

Eduarda: Alemão....

Ema: Chinês!

Bianca: Venezuela!

Professora Estagiária Rita: E qual é a língua que se fala na Venezuela?

Ema: Castelhana!

Professora Estagiária Rita: Boa! Então já temos o alemão que falamos então em que país Eduarda?

Eduarda: Alemanha!

Professora Estagiária Rita: O Castelhana que falamos em que país Ema?

Ema: Na Venezuela!

Professora Estagiária Rita: Usamos mais alguma língua?

Bianca: Sim! Chinês que é mandarim que se fala na China.

Professora Estagiária Rita: E ainda faltam duas línguas!

Fábio: Português!

Professora Estagiária Rita: Muito bem, português! E mais?

Daniela: Inglês!

Professora Estagiária Rita: Boa! Então e porque é que escolhemos essas línguas? Lembram-se como é que escolhemos essas línguas?

Eduarda: Foi tipo a Ema os pais dela vieram da Venezuela.

[...]

Professora Estagiária Rita: Não se lembram de terem preenchido nada?

Bianca: Vocês fizeram um livro e nós pusemos as nossas ideias e as línguas que ia ter a história!

Professora Estagiária Rita: Sim, estás a falar do diário de bordo do Kamishibai Plurilingue, muito bem! Mas como é que nós chegamos a estas línguas?

[...]

Professora Estagiária Rita: Lembram-se que preencheram uma folha onde tinham as línguas que falavam, as línguas que costumavam ouvir, as línguas que gostavam de aprender.... Como chamamos a isso alguém se lembra?

[...]

Professora Estagiária Rita: Uma biografia linguística! Então e alguém se lembra de alguma palavra que aprenderam nessas línguas?

Eduarda: Eu! O alemão!

Professora Estagiária Rita: Pois foi Eduarda tu ajudaste os colegas a aprenderem algumas palavras em Alemão [...]

Eduarda: Com a mãe!

Professora Estagiária Rita: Pois foi, a mãe veio cá e também ajudou! Então e vocês lembram-se de alguma palavra que tenham aprendido com a mãe da Eduarda e com a Eduarda?

Fábio: O abecedário!

Professora Estagiária Rita: Muito bem Fábio! Porque quando a mãe da Eduarda esteve cá explicou-nos que o abecedário Alemão é exatamente igual ao nosso é isso?

Fábio: Quase, tem algumas letras diferentes.

Eduarda: Hallo! É olá em Alemão !

Bianca: Nǐ hǎo, em mandarim!

Professora Estagiária Rita: Boa! Alguém se lembra de mais alguma?

Professora Estagiária Clara: Também aprendemos essa palavra em inglês, que é Hello!

Professora Estagiária Rita: Então vá, o inglês fomos visitar a que país?

Bianca: Ao Reino Unido.

Professora Estagiária Rita: Boa! Castelhana, fomos visitar que país?

Ema: Venezuela!

Professora Estagiária Rita: Alemão visitamos....

Vários: Alemanha!

Professora Estagiária Rita: Português!

Vários: Portugal!

Professora Estagiária Rita: E a China, que já vimos, o mandarim. E que língua é que vocês gostaram mais de aprender?

Fábio: Alemão!

Professora Estagiária Clara: Porquê o alemão?

Daniela: Eu gostei do inglês, porque aprendemos coisas novas!

Eduarda: Mandarim!

Professora Estagiária Rita: Então e porque é que gostaste mais do mandarim?

Eduarda: Porque uma amiga minha vivia lá e ela veio para aqui e ela falava mais mandarim do que português e eu não estava a perceber nada do que ela dizia, agora já percebo um bocadinho.

Professora Estagiária Rita: E tu Ema?

Ema: O inglês!

Professora Estagiária Rita: E tu Bianca?

Bianca: O alemão, porque conheci novas palavras.

[...]

Professora Estagiária Rita: Então e vocês acham que essas línguas são todas importantes? Ou há umas que são mais importantes do que as outras?

Bianca: Eu acho que são todas importantes!

Professora Estagiária Rita: Porquê?

Bianca: Para nós aprendermos e podermos falar com os outros que não falam a nossa língua.

Professora Estagiária Rita: E tu Daniela?

Daniela: Acho que são todas! Porque se aprendermos coisas novas já conseguimos entender as outras pessoas.

Professora Estagiária Rita: E tu Fábio, achas que as línguas são todas importantes ou achas que não?

Fábio: Acho que não!

Professora Estagiária Rita: Então, das línguas que tu aprendeste qual é que achas que é a mais importante então?

Fábio: O alemão.

Professora Estagiária Rita: Porquê?

Professora Estagiária Clara: Para falares com a Eduarda sem ninguém perceber?

Fábio: Sim!

Professora Estagiária Clara: E tu Ema?

Professora Estagiária Rita: Achas que as línguas são todas importantes?

Ema: Sim! Porque assim nós podemos falar com todas as pessoas!

Eduarda: Eu gosto de todas menos de português!

Professora Estagiária Rita: Então porquê?

Eduarda: Porque português eu já sabia mais!

[...]

Professora Estagiária Rita: Vamos agora recordar particularmente a parte em que estiveram comigo e com a professora Joana em que íamos viajando...

Bianca: Sem sair do lugar!

Professora Estagiária Rita: Boa! E o que é que vocês aprenderam durante esse processo?

[...]

Eduarda: Aprendemos a construir uma história.

Bianca: As partes da história, o quê, quem...

Professora Estagiária Rita: Por exemplo os mapas que colaram nos cadernos...

Bianca: Marcamos a Alemanha, a China....

Professora Estagiária Rita: E vocês já sabiam onde ficavam esses países?

Vários: Não!

Bianca: E também no google maps!

Professora Estagiária Rita: E vocês já sabiam usar o google maps?

Vários: Não!

Professora Estagiária Clara: Então foi uma coisa nova que aprenderam!

Bianca: Aprendemos a fazer arepas!

Professora Estagiária Rita: Então e agora na segunda parte com a professora Sofia e a professora Clara, o que é que aprenderam de novo?

Bianca: A fazer um butai! A fazer ilustrações e a apresentar aos pais!

Professora Estagiária Rita: Então e vocês apresentaram a quem?

Vários: Aos pais!

Professora Estagiária Rita: E como é que os pais souberam desta apresentação?

Eduarda: Fizemos um butai pequeno e depois pusemos algumas ilustrações...

Bianca: Três pranchas!

Professora Estagiária Clara: E o que é que tinha nas pranchas?

Eduarda: Ilustrações e um texto.

Professora Estagiária Clara: E o que era o texto?

Fábio: Um convite!

Professora Estagiária Clara: E o convite era como? Só estava em português?

Ema: Não, em várias línguas!

Professora Estagiária Clara: Então era um convite....

Bianca: Plurilingue!

Professora Estagiária Clara: Vocês lembram-se de terem realizado o mini butai?

Daniela: Com tintas, com pontinhos...

Professora Estagiária Clara: Como é que era isso dos pontinhos?

Bianca: Era íamos buscar um cotonete e fazíamos desenhos com pontinhos...

Professora Estagiária Clara: E sabem o nome dessa técnica?

[...]

Professora Estagiária Clara: É pontilhismo!

Fábio: Eu sei mais uma coisa! Primeiro passar lápis de cera e depois passar a tinta preta.

Professora Estagiária Clara: E depois, como é que fazemos os desenhos?

Bianca: Com um palito, mas tinha-se que raspar.

Professora Estagiária Clara: E como é que se chama essa técnica?

Eduarda: É tipo raspadinha!

Professora Estagiária Clara: É parecido o nome! É raspagem!

[...]

Professora Estagiária Clara: E que línguas é que utilizaram no convite?

Bianca: As línguas da história!

Professora Estagiária Rita: Olhem e se tivessem que dizer a alguém como é um butai?

Ema: Dizia que era uma caixa.

Professora Estagiária Rita: Uma caixa como? O que é que vos faz lembrar o butai?

Professora Estagiária Clara: O butai serve para colocar as...

Vários: Pranchas!

Professora Estagiária Clara: E é parecido com....

Vários: Um palco!

Professora Estagiária Clara: E pode ser feito com que materiais?

Bianca: Cartão, madeira...

Daniela: Plástico, cortiça...

Professora Estagiária Rita: Pois, eu vi na apresentação aos pais vários butais e todos muito bonitos! E como é que vocês organizaram essa apresentação?

Bianca: Nós fizemos um butai!

Professora Estagiária Clara: Como foi a construção desse butai?

Bianca: A turma fez, em grupos, o butai e depois pintamos com tintas, usamos cartolina [...] e depois montamos.

Professora Estagiária Clara: E como é que organizamos a apresentação?

Bianca: Ensaíamos...

Professora Estagiária Clara: E para a apresentação como se organizaram?

[...]

Fábio: Tocamos maracas...

Bianca: Fizemos uma votação, depois apresentamos o que ia acontecer, começamos por dizer mukashimukashi e depois começamos a apresentar a Jomina, o Avô, o avião e as bandeiras.

Professora Estagiária Rita: Olhem e vocês acham que ao longo deste projeto nós ouvimos as vossas opiniões, os vossos interesses?

Daniela: Sim! Porque na construção da história cada um deu uma ideia e depois juntámos as ideias todas e depois formamos uma ideia só com todas as ideias.

Professora Estagiária Clara: Muito bem, Daniela!

Professora Estagiária Rita: E tu Ema, achas que as tuas ideias foram ouvidas, interessou-te o que fizemos ou preferias ter feito outras coisas?

Ema: Interessou

[...]

Professora Estagiária Rita: E o que é que aprenderam com a visita dos pais à sala? Quais foram os pais que vieram à sala?

Bianca: Vieram os pais, os avós, os tios...

Professora Estagiária Rita: Boa! Para a apresentação veio a vossa família! E como é que vocês se sentiram por ter lá a vossa família?

Bianca: Eu senti-me num palco!

Eduarda: Eu senti um pouquinho de vergonha!

Professora Estagiária Rita: E alguns pais ainda vieram à sala noutra altura, não vieram Ema?

Bianca: A mãe da Eduarda e o pai das gémeas!

Professora Estagiária Rita: E o que é que a mãe da Eduarda veio cá fazer?

Bianca: Dar-nos palavras em alemão para o nosso Kamishibai Plurilingue.

Professora Estagiária Rita: E, então, o que é que vocês aprenderam com a vinda da mãe da Eduarda à sala?

Bianca: Aprendemos algumas palavras...

Daniela: Aprendemos o abecedário.

Professora Estagiária Rita: E que outro pai é que veio cá também?

Fábio: O pai das gémeas!

Professora Estagiária Rita: E o que é que aprenderam com o pai das gémeas?

Eduarda: A fazer arepas!

Daniela: E trouxe um quadro...

Professora Estagiária Rita: Sim, muito bem! Com o mapa da Venezuela. Foi importante para vocês eles terem vindo?

Bianca: Sim! Para começarmos a falar com pessoas e aprender algumas palavras.

Professora Estagiária Rita: Tu gostaste que o teu pai tenha vindo cá à sala?

Ema: Sim! [...]

Professora Estagiária Rita: E tu Eduarda? Gostaste da tua mãe ter vindo cá?

Eduarda: Achei uma boa ideia [...]

Bianca: Para aprendermos com eles!

Professora Estagiária Rita: E em casa vocês costumavam falar sobre o projeto?

Bianca: Sim!

Professora Estagiária Rita: Então e o que dizias Bianca?

Bianca: Que era uma maneira de contar histórias [...]

Professora Estagiária Rita: E os pais perguntavam alguma coisa?

Bianca: Perguntavam o que era o Kamishibai Plurilingue e eu tentava explicar!

[...]

Professora Estagiária Rita: E tu Mónica, falavas em casa do projeto?

Mónica: Sim.

Professora Estagiária Clara: E tu Ema, falavas em casa do projeto?

Ema: Sim perguntaram o que é que era e eu fui-lhes mostrar na internet.

Eduarda: Eu falava, mas eles não entendiam nada eu tive que ir à net e mostrar!

Professora Estagiária Clara: E tu Daniela?

Daniela: Eu falei e não sabiam o que era e depois eu fui à internet e mostrei.

[...]

Professora Estagiária Clara: Olhem e quem era a Jomina?

Bianca: A Jomina era a menina que sabia pilotar, mas tinha medo de voar!

Daniela: E o avô ajudou-a a viajar na imaginação.

Professora Estagiária Rita: Então e se vocês fossem a Jomina e viajassem por outros países onde é que iam?

Bianca: A Espanha! Para conhecermos as palavras de lá, a comida de lá...

[...]

Professora Estagiária Rita: E tu Eduarda?

Eduarda: Alemanha! Para ir visitar a minha família e os meus amigos de lá.

Professora Estagiária Rita: E tu Ema?

Ema: Para a Venezuela! Porque ainda não fui lá!

Professora Estagiária Rita: E tu Daniela?

Daniela: Alemanha!

Professora Estagiária Rita: E tu Fábio, para onde viajavas?

Fábio: Brasil, porque está muito calor e posso estar na praia!

Professora Estagiária Rita: Olhem e se tivessem que levar alguma coisa de Portugal, ou encontrassem alguém que vos pedisse que mostrassem qualquer coisa que caracterizasse Portugal, o que levavam ou mostravam?

Fábio: Um mapa de Portugal!

Bianca: Nós vimos o vídeo de uma menina que estava a passar noites mal e dias maus, porque estava a fugir da guerra e levou com ela a sua almofada!

Professora Estagiária Rita: E tu Bianca o que é que levavas de Portugal?

Bianca: Um livro!

Professora Estagiária Clara: E mais?

Daniela: Eu mostrava fotos de Portugal!

Eduarda: Quando eu fui lá para a Alemanha eu levei muitas fotos de Portugal

Ema: Levava também, um álbum com fotos!

Professora Estagiária Clara: E mais? Ninguém quer levar a bandeira nacional, pastéis de nata...

Fábio: Eu mostrava o Cristiano Ronaldo!

Professora Estagiária Clara: De todas as atividades que fizemos qual foi a vossa preferida?

Ema: Construir o butai da turma!

Daniela: Fazer as ilustrações da história!

[...]

Professora Estagiária Rita: E o que é que gostaram menos de fazer?

Vários: Nada!

Daniela: Eu fazia tudo de novo!

Professora Estagiária Rita: E se vocês pudessem agora recomeçar o projeto, faziam outra vez um Kamishibai Plurilingue e um butai?

Vários: Sim!

Professora Estagiária Rita: E o que é que mudavam?

Fábio: O texto!

Bianca: Fazia a continuação da história da Jomina!

[...]

Professora Estagiária Rita: E o que é que gostavam de ter aprendido mais?

Daniela: Eu aprendi tudo!

Bianca: Eu gostava de aprender sobre outros países e outras línguas e saber onde eram esses países se eram no mesmo continente que Portugal ou não.

Professora Estagiária Clara: E tu Fábio?

[...]

Professora Estagiária Rita: E o trabalho em grupo? Gostaram de trabalhar em grupo ou preferiam trabalhar individualmente?

Bianca: Eu gostei de trabalhar em grupo porque assim podíamos trocar as ideias uns com os outros [...]

Fábio: Eu não gosto de trabalhar em grupo, porque nunca ninguém me deixa fazer nada!

Professora Estagiária Clara: E tu ouves as ideias dos outros?

Fábio: Ouço!

[...]

Ema: Eu gosto de trabalhar em grupo porque assim posso falar com os outros e dar as minhas ideias.

Professora Estagiária Rita: E não achas difícil como o Fábio estava a dizer?

Ema: Não!

Daniela: Eu gosto de trabalhar em grupo porque é bom concordar todos!

Professora Estagiária Clara: Têm alguma coisa que nos queiram dizer que ainda não tenham dito?

Bianca: Sim, aprendemos o panda que é Chinês e o Buda [...]

Daniela: Queríamos que durasse mais tempo.

Professora Estagiária Clara: Vocês gostavam de voltar a fazer um Kamishibai Plurilingue e um butai?

Todos: Sim!

Bianca: Porque assim aprendíamos outros países!

Daniela: E fazíamos outro butai!

Agradecimentos.

Grupo focal

Grupo: Frederica, Iris, Luciana, Melissa, Teresa

Professora Estagiária Joana: Vocês lembram-se o que fizemos cá?

Professora Estagiária Sofia: O que fizemos com vocês?

Iris: O kamishibai.

Professora Estagiária Joana: O kamishibai e mais?

Iris: O kamishibai, as ilustrações, as pranchas.

Luciana: O butai.

Professora Estagiária Joana: Sim, muito bem. E se tivessem de explicar aos vossos amigos e à vossa família o que é um Kamishibai Plurilingue o que diriam?

[...]

Frederica: Que era um kamishibai com várias línguas.

Professora Estagiária Joana: E o que é um kamishibai?

[...]

Iris: É uma história...

Melissa: É um butai com pranchas ilustradas nas quais se conta uma história.

Professora Estagiária Joana: E tem a particularidade de ser plurilingue porque...

Todos: tem várias línguas...

Professora Estagiária Joana: Quantas?

Melissa: 4.

Frederica: 8.

Professora Estagiária Joana: Pode ter 4 ou mais.

Professora Estagiária Sofia: Lembram-se das línguas que escolheram para entrar no kamishibai plurilingue?

[...]

Luciana: Inglês.

Melissa: Chinês ou mandarim.

Iris: Alemão.

Melissa: Castelhana.

Professora Estagiária Joana: Na Alemanha fala-se...

Todos: Alemão...

Professora Estagiária Joana: Na Inglaterra...

Frederica: Inglês.

Professora Estagiária Joana: E na China?

Melissa: Mandarim...

Professora Estagiária Joana: Muito bem! então, é o alemão, o inglês, mandarim e o castelhano... Por que razão escolhemos essas línguas, lembram-se?

Iris: Não!

Melissa: Porque foram os países que nós estivemos a visitar.

Professora Estagiária Joana: Mas lembram-se daquela folha que nós fizemos?

Melissa: Qual?

[...]

Professora Estagiária Joana: Nós fizemos primeiro um exercício que era: eu falo esta língua, eu gostava de conhecer aquela, ... lembram-se?

Melissa: Oh sim, era um papel pequenino.

Professora Estagiária Joana: Sim.

Luciana: A mãe da Eduarda veio aqui só para falar algumas palavras em alemão.

Iris: Mas quem é que veio aqui?

Luciana: Veio o pai das gêmeas e veio a mãe da Eduarda.

Professora Estagiária Joana: Boa! Para falarem de cada um dos países que nós visitámos, dos países que tentámos conhecer não foi?

Iris: Não estou a ver o que era aquele papel pequenino.

Professora Estagiária Joana: Pronto se não se lembram não tem mal.

[...]

Professora Estagiária Sofia: Então, vamos relembrar os países que falam as línguas presentes na história. O alemão fala-se em que país?

Melissa: Na Alemanha.

Professora Estagiária Sofia: O Mandarin?

[...]

Iris: Eu sei, na Venezuela.

Professora Estagiária Sofia: Não.

Melissa: Na China!

[...]

Professora Estagiária Sofia: O espanhol ou castelhano?

Melissa: Não, na Espanha não.

Professora Estagiária Sofia: Na Espanha também se fala castelhano, mas queremos saber o país presente na nossa história que fala espanhol.

Iris: Na Venezuela.

Professora Estagiária Sofia: E por fim, o inglês?

Melissa: Na Inglaterra.

Professora Estagiária Sofia: Muito bem.

[...]

Professora Estagiária Joana: Vocês lembraram-se de algumas palavras que aprenderam nessas línguas?

Iris: Sim.

Professora Estagiária Joana: Podem dizer?

Melissa: Pilot.

Professora Estagiária Joana: Muito bem.

Iris: Hello.

Professora Estagiária Joana: Como se diz avô em espanhol?

Iris: Isso é que não sei.

Melissa: Eu lembro-me de window.

Professora Estagiária Joana: E o que quer dizer?

Melissa: Janela.

Professora Estagiária Joana: Muito bem!

[...]

Professora Estagiária Joana: Mais, vocês lembram-se da palavra avião? Como é?

Luciana: Ávion

Professora Estagiária Joana: Muito bem!

Professora Estagiária Sofia: Que língua gostaram mais de aprender?

Iris: Inglês.

Frederica: Castelhana.

[...]

Luciana: O alemão.

Melissa: Inglês.

Teresa: Castelhana.

Professora Estagiária Sofia: E porquê?

Iris: Porque estive na Inglaterra e gostei muito.

Frederica: Porque gostei do som das palavras.

Luciana: Porque gostava de visitar a Alemanha.

Melissa: Porque a minha mãe estava a pensar viajarmos até à Inglaterra e eu queria aprender a língua para poder falar lá com os outros.

Professora Estagiária Joana: Mas gostas da língua?

Melissa: Sim.

Teresa: Eu também queria ver o país [Inglaterra].

Melissa: É normal, ela nasceu lá.

Iris: Eu nasci na Inglaterra só que depois vim para cá.

Professora Estagiária Joana: Acham que todas as línguas do mundo são igualmente importantes? Porquê?

Iris, Frederica, Melissa: Sim!

Professora Estagiária Joana: Todas são importantes?

[...]

Melissa: Eu acho que todas as línguas são importantes porque [...] depende [...] se nós formos a um lado as línguas são importantes para as outras pessoas... podem não ser importantes para nós, mas são para os outros porque eles comunicam naquela língua.

Frederica: Porque também se alguma pessoa da nossa família for para outro país e depois voltar não sabemos falar com ela.

Professora Estagiária Sofia: Quando elaboraram a história e as ilustrações o que é que aprenderam?

[...]

Professora Estagiária Joana: Em português, por exemplo, o que aprendemos?

[...]

Melissa: A rimar.

Luciana: A escrever melhor.

Luciana: A escrever palavras que não sabíamos.

Professora Estagiária Sofia: Muito bem. E a nível da matemática, o que aprenderam?

Melissa: Na parte das ilustrações fiz formas geométricas e também pus a mesma coisa que tinha em cima em baixo. Fiz sequências.

Luciana: Eu também fui buscar uns círculos e pus.

Professora Estagiária Sofia: E em estudo do meio, o que aprenderam?

Melissa: Aprendemos mais sobre os animais.

Iris: Aprendemos mais sobre outros países e cidades.

Melissa: Línguas.

Professora Estagiária Joana: Lembram-se de localizarmos vários países no mapa e no globo? Isso também é estudo do meio.

Todos: Sim.

Melissa: Como estão organizadas as cidades. Até vimos as de Aveiro.

Professora Estagiária Joana: E as expressões? O que aprenderam?

Melissa: Tivemos a fazer colagens.

Teresa: A pintar.

Melissa: Aprendemos a fazer origamis.

Professora Estagiária Sofia: Os origamis construímos numa outra fase do projeto.
[...]

Melissa: Eu utilizei aquele papel autocolante. Utilizei diferentes materiais e recortei, tivemos a colar.
[...]

Professora Estagiária Joana: Lembram-se a quem apresentaram o kamishibai plurilingue?
Iris: Sim!

Professora Estagiária Joana: A quem?
Iris: Aos pais.

Professora Estagiária Sofia: E mais?
Melissa: Aos avós.

Iris: Aos irmãos, aos primos.

Professora Estagiária Sofia: Pronto, à família, não é? E como é que os vossos familiares souberam desta apresentação?
Todos: Foi através dos mini-butais.
[...]

Professora Estagiária Sofia: Os vossos familiares só souberam desta apresentação pelos mini-butais ou souberam também por outros meios?
Melissa: Eu expliquei o que ia acontecer porque ela [a mãe] estava sempre a perguntar.

Iris: Começamos a passar as páginas [dos mini-butais] e depois os nossos pais assinaram o papel para dizer se vinham ou não à apresentação.
[...]

Professora Estagiária Joana: Como é que realizaram o convite e a notícia? Lembram-se?
Iris: Escrevemos todos em conjunto no quadro. Foram ideias de todos. Estava tudo escrito no quadro e nós copiamos com letra bonita. Passámos primeiro a lápis e depois apagámos.

Professora Estagiária Sofia: E depois o que fizemos? Transformámos a notícia e o convite em quê?
Iris: Plurilingue.

Frederica: Estavam escritas em várias línguas.

Professora Estagiária Sofia: Se tivessem de dizer a alguém o que é um butai o que diriam?
[...]

Frederica: É uma coisa que [...] podemos contar histórias.

Melissa: É um palco onde se põe uma história que tem a ilustração à frente e o texto atrás.

Professora Estagiária Sofia: É também um suporte para as pranchas. Não é?

Professora Estagiária Joana: Que línguas é que colocaram no convite?
Iris: Em inglês, mandarim

Frederica: Castelhana e alemão.

Professora Estagiária Sofia: Ou seja, as mesmas línguas que utilizaram para construir.
Todos: o kamishibai.
[...]

Professora Estagiária Sofia: Como organizaram a apresentação do kamishibai aos pais?
Iris, Melissa: Arrumamos as mesas da sala e apresentamos a Jomina, o avô, o avião... e as bandeiras e os outros começaram a passar as pranchas.

Professora Estagiária Sofia: E vocês treinaram para esta apresentação?
[...]

Iris: Treinamos três vezes.

Professora Estagiária Sofia: Nestes treinos ficaram a perceber o papel de cada um?

Iris: Sim. À medida que iam contando a história nós íamos passando com as personagens à frente.

Frederica: Quando na história aparecia uma palavra numa das línguas a bandeira passava.

Professora Estagiária Joana: Na elaboração do convite, da notícia e na construção do butai o que aprenderam em português?

[...]

Iris: Aprendemos novas palavras.

Melissa: Aprendemos a escrever outras palavras que ainda não tínhamos aprendido.

[...]

Melissa: Línguas, a notícia e o convite também eram plurilingues.

Professora Estagiária Joana: E a matemática?

[...]

Melissa: Eu aprendi porque eu estava sempre a fazer retângulos na parte do convite para fazer bandeiras. Também fiz triângulos círculos.

Professora Estagiária Sofia: Então, utilizaste diferentes formas geométricas! Lembram-se de utilizarmos o tangram? Para que utilizámos?

[...]

Melissa: Para formar butais.

Professora Estagiária Joana: E em estudo do meio?

[...]

Melissa: Eu esqueci-me de dizer que quando escrevemos a notícia estávamos a aprender novas culturas. Noutras partes do projeto também aprendi outras culturas. Quando estávamos na Venezuela aprendemos a personalidade dos Venezuelanos.

Professora Estagiária Joana: Então o que aprendemos sobre os Venezuelanos?

Frederica: Comidas.

Professora Estagiária Joana: Vamos passar um pouco à frente. O que aprenderam em estudo do meio?

Melissa: Continuamos a aprender mais sobre as línguas e culturas que já tínhamos falado antes.

Professora Estagiária Joana: E em expressões?

[...]

Melissa: Tivemos a pintar uma parte do butai que construímos em turma. O meu grupo até teve a pôr brilhantes, também colámos imagens.

Professora Estagiária Sofia: E nos mini-butais? Lembram-se das técnicas que utilizaram?

Iris: Sim, os pontinhos e depois também pintámos com lápis de cera e passámos tinta preta por cima e depois com o palito começávamos a fazer os desenhos.

Melissa: Procurar e recortar letras.

Frederica: Tínhamos que usar umas cores e depois é que metíamos a tinta preta.

Professora Estagiária Sofia: E para colocar essas cores o que utilizavam?

Luciana: Lápis de cera e tínhamos de carregar com muita força.

Iris: Tivemos que colorir com muitas cores.

Melissa: Eu fiz um padrão. Na da Venezuela fiz: azul e depois fiz preto. E quando escrevi mandarin fiz uma letra de roxo a outra de outra cor e depois meti.

Professora Estagiária Sofia: Então isso foi a nível da matemática não é Melissa?

Melissa: Sim.

Professora Estagiária Joana: Vocês acham que as vossas ideias e interesses foram tidos em conta?

Todos: Sim

Professora Estagiária Joana: Quem é a personagem principal?

Melissa: A Jomina?

Professora Estagiária Joana: E quem fez?

Melissa: Foi a Inês.

Professora Estagiária Joana: Nós fizemos todos uma personagem e votamos.

Iris: E a que foi mais votada foi a Jomina.

Professora Estagiária Joana: E como é que nós fizemos o nome da Jomina? Começamos com sílabas. E como é que nós escolhemos a Jomina no fim?

Melissa: Porque foi a mais votada!

Professora Estagiária Joana: Quando estávamos a escrever a história perguntávamos alguma coisa?

Melissa: Sim, as nossas ideias.

Professora Estagiária Joana: Enquanto estávamos a escrever a histórias vocês olhavam para onde?

Todos: Para o quadro. aquele.

Professora Estagiária Joana: O quadro “Bem-vindos ao nosso mundo” e o que tinha lá?

Frederica: Aviões

Iris: A Jomina, o avô.

Melissa: Os países, as bandeiras dos países.

Professora Estagiária Joana: Mas tinha imagens daquilo que dávamos sobre as culturas e sobre os países.

[...]

Melissa: Tinha o panda que era chinês.

Frederica: O arco de la Federación.

Professora Estagiária Joana: Boa, muito bem!

Professora Estagiária Sofia: O que aprenderam com a visita dos pais à sala? Lembram-se quais foram os pais vieram à sala? E o que vieram cá fazer? Houve dois momentos em que vieram cá. Quem veio?

Melissa: O pai das gémeas e a mãe da Eduarda.

Professora Estagiária Joana: O que veio cá fazer o pai das gémeas?

Iris: Veio mostrar como se fazia arepas e a mãe da Eduarda veio mostrar-nos como se diziam algumas palavras em alemão.

Melissa: E não só, como era o abecedário lá deles.

Professora Estagiária Joana: E vocês que perguntas faziam aos pais?

Iris: Por exemplo: como se diz Inês em Alemão?

Professora Estagiária Sofia: Qual foi o outro momento em que os pais estiveram presentes?

Frederica: O momento da história, da apresentação.

Professora Estagiária Sofia: Lembram-se quais os pais que estiveram cá?

Iris: O avô da Mara, a mãe da Liliana, a irmã da Liliana, a prima, a mãe da Eduarda.

Professora Estagiária Sofia: O que aprenderam com a vinda dos pais à sala/escola?

Luciana: Fazíamos perguntas ao pai das gémeas.

Professora Estagiária Joana: Acerca de quê?

Iris: Acerca das arepas, de como se faziam as arepas.

Luciana: A perguntar como se falavam palavras.
 [...]
 Professora Estagiária Sofia: E o que aprenderam de novo?
 Iris: A treinar a leitura no momento da apresentação.
 Melissa: A ler melhor, também aprendi a ajudar os outros a lerem as palavras mais difíceis.
 [...]
 Iris: A escrever.
 Melissa: A respeitar a vez dos outros.
 Iris: A esperar pela nossa vez.
 Professora Estagiária Sofia: Quando construíram o butai aprenderam o quê?
 Frederica, Iris, Melissa: A trabalhar em conjunto/ grupo.
 Professora Estagiária Joana: E em casa com a vossa família vocês falavam sobre o projeto kamishibai plurilingue?
 Melissa: Eu falava e continuo, eu achei interessante.
 Professora Estagiária Joana: O que vocês diziam?
 Melissa: A minha mãe estava sempre curiosa sobre o que era o projeto e o que iria ser.
 9, Melissa: Que íamos entrar num concurso.
 Professora Estagiária Joana: O que disseste ao teu pai quando o convidaste para vir à sala?
 Teresa: Não me lembro.
 Iris: Eu contei que estávamos a fazer um kamishibai.
 Melissa: A minha mãe estava sempre curiosa do que estávamos a fazer e eu contava-lhe todos dias o que tínhamos feito.
 Professora Estagiária Joana: Se vocês fossem a Jomina e pudessem ir a um destes países a qual iriam? E porquê?
 [...]
 Iris: À Inglaterra porque é um país melhor.
 Professora Estagiária Joana: Não existem países melhores nem piores.
 [...]
 Frederica: Rússia.
 Iris: Que país é esse?
 Professora Estagiária Joana: É aquele muito grande que tem muita neve.
 Teresa: Venezuela.
 Professora Estagiária Joana: Não têm curiosidade de conhecer a China? E Inglaterra? E Alemanha?
 Melissa: Eu gostava de ir à Venezuela e à Alemanha. À Alemanha porque tem muitos parques infantis e porque fiquei curiosa de saber mais sobre as culturas.
 Luciana: Venezuela porque quis provar comidas diferentes.
 Professora Estagiária Sofia: Se fosses visitar os países que a Jomina visitou o que davas a conhecer da tua cultura/país?
 Melissa: A bandeira, a comida, um vídeo de Aveiro.
 Professora Estagiária Joana: O que gostaram mais de fazer? Qual foi a atividade preferida? O que aprenderam com essa atividade?
 Iris: De fazer a apresentação kamishibai aos pais.
 Frederica: As pranchas, as ilustrações da história.
 Teresa: Eu gostei de fazer as pranchas que eram para apresentar aos pais.

Melissa: De apresentar o kamishibai às famílias.
Luciana: Gostei de fazer em grupo o butai.
Professora Estagiária Joana: O que gostaram menos?
Iris: Não tenho nada.
Frederica: Não tenho nada.
Luciana: Gostei de tudo.
Melissa: Eu gostei menos de fazer o butai porque os meus colegas de grupo não aceitavam as minhas ideias.
Professora Estagiária Sofia: Acham que falámos o suficiente sobre as línguas?
14, Iris: Sim.
Professora Estagiária Joana: Gostavam de saber mais?
Todos: Sim.
Professora Estagiária Sofia: Gostaram de trabalhar em grupo? Foi difícil? Porquê?
Iris, Frederica: Sim. Não achámos difícil.
Melissa: Não. Foi difícil porque não aceitavam as minhas ideias.
Professora Estagiária Joana: O que gostarias de ter aprendido para além do que aprendeste com este projeto sobre outras línguas e culturas?
Melissa: Gostava de conhecer outras cores de pele.
Iris: Gostava de saber se existem plantas diferentes de Portugal.
Luciana: Outras músicas.
Professora Estagiária Joana: Gostavam de elaborar ou construir outro kamishibai?
Todos: Sim.
Melissa: Não gostava porque não gostei de trabalhar em grupo.
Professora Estagiária Joana: Obrigada a todos.

Grupo focal

Grupo: Carla, Luís, Mara, Ricardo, Telmo, Cristiano

Professora Estagiária Joana: Temos uma regra, sempre que quiserem falar têm de colocar o dedo no ar para que se consiga ouvir tudo o que dizem. Aliás seja aqui ou na sala de aula, têm sempre de esperar pela vossa vez para falarem. O que vocês quiserem responder, vocês respondem, se não quiserem não são obrigados a responder. Portanto, a professora Sofia vai começar, depois sou eu e vão ser muitas perguntas divertidas.

Professora Estagiária Sofia: Se tivessem de explicar aos vossos amigos e familiares o que é um Kamishibai Plurilingue o que diriam?

[...]

Professora Estagiária Sofia: Ricardo, o que é para ti um Kamishibai?

Ricardo: é o butai que faz parte do kamishibai plurilingue, seria um palco, e as pranchas seriam a ilustração, a história.

Professora Estagiária Joana: Porque é que é plurilingue?

Ricardo: Porque tem muitas línguas.

Professora Estagiária Joana: Quantas?

Ricardo: Tem português, tem inglês, castelhano tem mandarim e tem ...

Professora Estagiária Joana: Vocês têm uma colega que fala essa língua que te falta dizer...

Carla: A Eduarda.

Professora Estagiária Joana: Que fala que língua?

Ricardo: Alemão.

Professora Estagiária Joana: Muito bem.

Ricardo: Eu também falo castelhano.

Professora Estagiária Joana: Então era assim que vocês explicavam aos vossos pais em relação ao kamishibai plurilingue, é isso? Mara, como é que tu explicavas?

Mara: Explicava que [...]

Professora Estagiária Joana: Imagina que o teu pai se virava para ti e te perguntava: “Mara, o que é isso do kamishibai plurilingue?” E tu respondias...

Mara: Que é um [...] um palco que tem pranchas e contamos a história por lá.

Professora Estagiária Joana: Ou seja, é uma forma...

Mara: Contar uma história

Professora Estagiária Joana: Muito bem, e é originária de que país?

Ricardo: Do japonês, o país que eu gosto muito.

Professora Estagiária Joana: Vocês já disseram quais foram as línguas que entraram no nosso kamishibai plurilingue ...

Professora Estagiária Sofia: E por que razão é que escolhemos essas línguas?

[...]

Professora Estagiária Joana: Nós então escolhemos o alemão, o castelhano, o inglês, o mandarim. Porquê?

[...]

Ricardo: Então, porque cada um onde nos falava por exemplo, a Teresa e a Ema e eu falávamos um bocadinho de castelhano, e por exemplo a Joana também já falou algumas palavras em inglês, e também a Eduarda o alemão, o mandarim [...]

Professora Estagiária Joana: O mandarim foi porquê? [...] Todos tinham curiosidade de saber não era? Lembram-se das biografias linguísticas que fizemos?

Vários: Sim!

Professora Estagiária Joana: Pronto, foi a partir daí que ficamos a saber que vocês tinham curiosidade em conhecer o mandarim.

Ricardo: Eu também queria japonês

Professora Estagiária Sofia: E recordam-se de algumas palavras nessas línguas? Na história, na notícia, no convite, lembram-se? Palavras que tenhamos utilizado no projeto?

Professora Estagiária Joana: Cada um pode dizer uma palavra então.

Ricardo: Por exemplo, Monster of Loch Ness

Professora Estagiária Joana: Muito bem!

Mara: O Arco de la Federacion

Professora Estagiária Joana: Muito bem

Luís: Ávion.

Daniela: Hello!

Professora Estagiária Joana: E tu?

[...]

Professora Estagiária Joana: Lembram-se como se dizia avô?

Ricardo: Grandfather.

Professora Estagiária Joana: Alguém se lembra da palavra “abuelo”?

Telmo: Sim, avô.

Professora Estagiária Joana: Piloto?

Mara: Pilot!

Professora Estagiária Joana: Nós já vimos em que países se falavam essas línguas? Mandarim em que país?

Luís: China.

Professora Estagiária Joana: Castelhana?

Mara: Venezuela.

Professora Estagiária Joana: Inglês?

Telmo: Inglaterra, Reino Unido.

Professora Estagiária Joana: Alemão?

Telmo: Alemanha.

Luís: Eu queria ir a todos!

Professora Estagiária Sofia: E vocês acham que todas as línguas são igualmente importantes no mundo?

Telmo: Sim!

Professora Estagiária Sofia: Porquê?

Mara: Porque toda a gente tem direito a ter uma língua que saiba [...] Toda agente tem direito a ter a sua própria língua.

Ricardo: Porque toda a gente deve saber falar uma língua e deve ter uma nacionalidade.

Professora Estagiária Joana: Muito bem! E tu Carla, concordas?

Daniela: Sim.

Professora Estagiária Sofia: e o Telmo?

Telmo: Também.

Professora Estagiária Joana: E tu Carla? Concordas que o russo, o árabe, o japonês, o inglês, o português, são todos importantes?

Carla: Sim.

Professora Estagiária Sofia: E porquê?

Carla: Não sei.

Professora Estagiária Joana: Achas que o português do Brasil importante?

Carla: Sim.

Professora Estagiária Joana: Porquê?

Carla: Porque todas as línguas são importantes.

Professora Estagiária Joana: Nova pergunta: na elaboração da história e das ilustrações o que aprenderam em português?

Ricardo: Que aprendemos...

Professora Estagiária Sofia: Vocês escreveram a história, à medida que escreveram a história o que é que aprenderam?

Mara: Aprendemos que podíamos [...] ao escrever podíamos com aquelas palavras que podemos descobrir palavras com o mesmo som.

Professora Estagiária Joana: Palavras que terminavam da mesma forma, é isso?

Mara: Sim.

Professora Estagiária Joana: O que se diz dessas palavras que acabam no mesmo som?

Diz Ricardo

Ricardo: Oh, não é de português

Professora Estagiária Joana: Mas diz, pode ser que seja.

Ricardo: Por exemplo Kamishibai, quer dizer teatro de papel.

Professora Estagiária Joana: Boa, mas em português quando sublinhávamos as últimas palavras dos versos que acabavam com o mesmo som o que lhe chamávamos?

Mara: Rimas!

Professora Estagiária Sofia: Então aprenderam a...

Telmo: Rimar!

Professora Estagiária Sofia: E mais?

Mara: Aprendemos que nós podemos transformar aquelas palavras noutras línguas

Professora Estagiária Sofia: Passar do português para outras línguas, muito bem. E vocês sabiam o significado de todas as palavras?

Mara: Antes não, quando nos começamos a aprender já começámos a saber mais dessas nacionalidades e do que existe nos países como e que eles falam quais são os pratos típicos.

Professora Estagiária Sofia: E vocês não treinaram a leitura?

Luís: Eu treinei

Mara: Sim, treinamos. Treinamos a leitura de outras línguas.

Professora Estagiária Sofia: mas em português vocês conheciam todas as palavras? Não ficaram a conhecer novas palavras em português?

Mara: Sim.

Ricardo: Eu já sabia tudo de português e também de castelhanos porque eu tenho a minha mãe que é venezuelana.

Professora Estagiária Joana: Boa, e em matemática? Não se esqueçam das ilustrações [...]

Professora Estagiária Joana: Ao fazer as ilustrações nos utilizamos coisas de matemática, vocês lembram-se?

Mara: Acho que foi quando fizemos as pranchas com as ilustrações nós conseguimos fazer alguns desenhos com coisas de matemática.

Professora Estagiária Sofia: Por exemplo?

Carla: Pintar às cores.

Professora Estagiária Sofia: Mas sempre de uma forma ordenada? Sequencia ou não?

Mara: Nós usamos formas geométricas

Professora Estagiária Joana: Boa!!

Mara: Na window, nós usamos um quadrado para a desenhar que é uma forma geométrica.

Professora Estagiária Joana: E em estudo do meio? O que trata estudo do meio? [...]

Lembram-se de termos os mapas, a localização, temos...

Mara: Os países!

Professora Estagiária Joana: Mais...

Luís: as palavras e pratos típicos.

Ricardo: As curiosidades.

Luís: O panda que é chinês.

Mara: O panda que é chinês também tem formas geométricas.

Professora Estagiária Sofia: E os animais de diferentes países.

Professora Estagiária Joana: E quando estivemos a ver no google maps...

Mara: As ruas das cidades.

Luís: Nos vimos umas rochas redondas que tinham sido queimadas.

Professora Estagiária Joana: Sim, isso foi no Reino Unido, muito bem. Nós exploramos os países também nos mapas e no?

Daniela: Globo!

Mara: E tínhamos no caderno um mapa que púnhamos uma cruz no país que íamos conhecendo.

Luís: eu tenho um livro que tem lá o monstro do Loch Ness e lembrei-me do kamishibai plurilingue.

Professora Estagiária Sofia: Em expressões?

Telmo: Pintar.

Professora Estagiária Sofia: E mais?

Mara: E tivemos a fazer a Jomina e o avô.

Professora Estagiária Joana: O avô com o quê?

Ricardo: Construir o avião.

Mara: O avô com caixas e pacotes.

Carla: Com pacotes de sumos.

[...]

Mara: E a Jomina, fizemos um desenho.

Luís: E também nós fizemos quando o avô da Jomina tava a construir o avião.

Professora Estagiária Sofia: Mas o que é que fizeram? Pintaram... O que é que fizeram mais?

...

Mara: Recortamos.

Professora Estagiária Sofia: E mais?

Vários: Colagem!

Professora Estagiária Sofia: Mais?

Ricardo: E tivemos a construir o avião.

[...]

Professora Estagiária Sofia: Como é que os vossos familiares ficaram a saber da apresentação do Kamishibai? Através de quê?

Mara: Através... Através da história que nós contamos.

Professora Estagiária Sofia: Não, mas foram vocês que disseram aos vossos pais, mostraram alguma coisa?

Telmo: Fizemos um Kamishibai pequeno

Professora Estagiária Sofia: Um mini butai que era o quê?

Carla: Que era o convite.

Ricardo: E tinha pranchas.

Professora Estagiária Sofia: E foi através do convite que vocês convidaram os pais ou foram vocês que disseram?

R Foi através do convite.

Professora Estagiária Sofia: E os vossos pais ficaram também a saber através da notícia que construímos ou não?

Mara: A minha avó disse assim: mas o que é isso? E eu tive de explicar [...] o que era um kamishibai plurilingue.

Professora Estagiária Sofia: E como é que vocês construíram a notícia e o convite? Foi através de quê?

Mara: Do... butai!

Professora Estagiária Sofia: Sim, mas como?

Vários: Em conjunto

Professora Estagiária Sofia: Através da...

Vários: Partilha de ideias.

Professora Estagiária Sofia: Se tivessem de dizer a alguém o que é um butai o que diriam?

Telmo: É uma história, para mim é uma história

Professora Estagiária Joana: Ok, o Kamishibai é a história certo?

Vários: Sim.

Professora Estagiária Joana: E o butai?

Ricardo: é um palco!

Professora Estagiária Sofia: Serve de suporte a quê?

Mara: Para colocar...

Vários: As pranchas!

Professora Estagiária Sofia: E que línguas é que vocês colocaram no convites e na notícia?

Mara: Nós pusemos português, mandarim, inglês, alemão, ..., espanhol.

Professora Estagiária Sofia: Ou seja, são as mesmas línguas que vocês utilizaram no kamishibai plurilingue. Muito bem, e como é que vocês organizaram a apresentação do kamishibai plurilingue aos pais?

Mara: Mas a professora está a falar antes de apresentarmos?

Professora Estagiária Sofia: Sim, a preparação.

Mara: Estivemos de treinar.

Professora Estagiária Sofia: Quantas vezes?

Telmo: Para aí umas 4 ou 3.

Professora Estagiária Sofia: Sim mais ou menos.

Professora Estagiária Joana: Pronto, e como é que prepararam essa apresentação

Mara: Eu sei o que é que fiz eu era a última e tinha de ler.

Professora Estagiária Sofia: E a Carla, qual era a função dela?

Carla: Levar a bandeira chinesa.

Professora Estagiária Sofia: E o Luís, qual era a sua função?

Vários: era a fazer o barulho.

Luís: E antes das maracas era recolher os papéis dos pais.

Mara: E tínhamos de dizer todos em conjunto, Mukashimukashi.

Professora Estagiária Sofia: Na elaboração do convite, da notícia e do butai o que aprenderam em português?

Mara: Na notícia nos dissemos ideias para ..., mas para conseguir construir o texto de grupo.

Professora Estagiária Sofia: Era um texto duma só pessoa?

Mara: Era da turma, de grupo.

Ricardo: De 22 alunos.

Professora Estagiária Sofia: Cada um dava a sua ideia, certo?

Vários: Sim!

Professora Estagiária Sofia: E a matemática?

Mara: A nível da matemática foi...

Professora Estagiária Sofia: O que aprendemos a construir os mini butais?

Ricardo: Também fizemos formas geométricas.

Professora Estagiária Sofia: E mais? O que é que o butai em si é?

Ricardo: Um paralelepípedo

Professora Estagiária Sofia: Um solido geométrico, muito bem! E em cima, o que tínhamos?

Ricardo: Um triângulo.

Professora Estagiária Sofia: não era bem um triângulo. ... Era um prisma quê?

Vários: Triangular!

Professora Estagiária Sofia: E a estudo do meio o que aprendemos? Continuamos a trabalhar o que?

Mara: As línguas, pratos típicos dos países...

Professora Estagiária Sofia: Aprofundamos o nosso conhecimento não foi? E a nível das expressões? Que técnicas utilizamos?

Mara: A técnica... do... do ponteadado.

Professora Estagiária Sofia: Do pontilhismo. Dos pontinhos, é isso?

Vários: Sim!

Professora Estagiária Sofia: Mais?

Ricardo: Rapagem.

Professora Estagiária Sofia: Como era essa técnica?

Mara: Nós pintávamos tudo de lápis de cera.

Ricardo: E depois púnhamos muitas camadas de tinta.

Professora Estagiária Sofia: Tinta que?

Mara: Tinta preta. E depois deixávamos secar e depois passávamos um palito.

Professora Estagiária Sofia: E que outros materiais utilizaram para a decoração do butai?

Carla: Massa.

Ricardo: Cola, cartão, tesoura...

Mara: Feijão.

Professora Estagiária Joana: Muito bem, agora vou colocar outra pergunta. Açam que durante este projeto, do início até ao fim, as vossas ideias foram tidas em conta?

Vários: Sim!

Mara: E deixamos que as ideias dos outros se fossem realizar como as nossas.

Professora Estagiária Joana: Muito bem, boa resposta. É importante respeitar as ideias dos outros. E o que é que aprenderam com a visita dos pais à sala de aula? Quem foram esses pais?

...

Professora Estagiária Joana: Nós para conhecermos a Alemanha, tivemos a ajuda de quem?

Mara: A mãe da Eduarda!

Professora Estagiária Joana: E quando estávamos a conhecer a Venezuela?

Ricardo: O pai das gémeas!

Professora Estagiária Joana: Muito bem, e o que é que vocês aprenderam com a visita desses pais?

Mara: Com o pai da Ema e da Teresa, aprendemos a fazer arepas.

Professora Estagiária Joana: E o que aprendemos com a mãe da Eduarda?

Luís: Aprendemos coisas da Alemanha.

Professora Estagiária Sofia: Como por exemplo?

Ricardo: “Braktaton”, uma palavra alemã.

Professora Estagiária Joana: Sim, muito bem.

Luís: O dia do Halloween, os padres iam pela rua.

Professora Estagiária Joana: E o que é que a mãe da Eduarda fez em relação ao abecedário que tínhamos lá na sala?

Ricardo: O abecedário alemão

Professora Estagiária Sofia: E agora com a participação dos pais nesta última parte, na apresentação? O que aprenderam?

Mara: Aprendemos que temos de dizer, ..., aprendemos a dizer o que nos saía.

Ricardo: A ser honestos.

Mara: Dizer o que sentíamos, ter confiança no que tínhamos de dizer e fazer.

Professora Estagiária Sofia: O que aprenderam na construção do butai? O butai da turma.

Mara: Cada grupo tinha uma função de construir cada parte do butai.

Professora Estagiária Sofia: Ok, e o que aprenderam com isso?

Mara: Aprendemos que fazendo em conjunto consegue-se chegar mais longe e ter mais ideias para o que vamos fazer.

Professora Estagiária Sofia: E vocês aprenderam a trabalhar em grupo?

Mara: Sim.

Professora Estagiária Sofia: Como?

Mara: aprendemos que a trabalhar em grupo fica mais fácil porque assim, se fosse só uma pessoa a fazer tinha só a ideia daquela pessoa, só uma ideia. Se nos tivermos mais pessoas temos mais ideias.

Professora Estagiária Sofia: E aprendem a respeitar o que?

Mara: As ideias dos outros. Faz de conta que tu tens uma ideia boa e eu também. Nós temos que juntar as duas ideias boas e criar uma melhor.

Professora Estagiária Joana: Muito bem, com o contributos de todos. Vocês em casa falavam com a vossa família sobre o projeto kamishibai plurilingue?

Vários: Sim.

Professora Estagiária Joana: E o que é que vocês diziam?

Ricardo: Que começámos a fazer a história, que construímos o butai.

Professora Estagiária Joana: E os pais não perguntavam o que era isso do kamishibai plurilingue?

Mara: Sim e nos dizíamos, tínhamos de explicar que era um palco que é feito de cratão ou madeira que fazíamos as pranchas em papel que fazíamos as ilustrações, mas tínhamos de dizer que a escrita atrás não era naquela que queria dizer que era a imagem.

Professora Estagiária Joana: Muito bem, a última prancha tem o texto da?

Vários: Da prancha da frente.

Professora Estagiária Sofia: E vocês em todas as fases do projetos foram contando aos vosso pais?

Mara: Eu dizia que quando nos estávamos a aprender coisas dos países, chegava a casa e dizia o que aprendi.

Professora Estagiária Sofia: E dos materiais e na construção dos mini butais?

Mara: Sim nos íamos contando aquilo que aprendemos à medida do ano que íamos aprendendo coisas novas e irmos sempre mais além para conseguirmos aprender ainda mais.

Professora Estagiária Joana: Olhem e quem era a Jomina?

Carla: A personagem principal.

Professora Estagiária Joana: E como é que escolhemos a Jomina?

Ricardo: Por votação!

Professora Estagiária Joana: Muito bem, se fosses a Jomina e pudesses ir a um destes países, qual escolhias e porquê?

Luís: Eu ia à China.

Professora Estagiária Joana: Porque é que ias à China?

Luís: Porque eu gosto muito.

Professora Estagiária Joana: Gostaste de conhecer aspetos da China?

Luís: Sim. Não era só isso também gosto de Inglaterra, a Alemanha...

Professora Estagiária Joana: Estás curioso em conhecer mais?

Luís: Venezuela! Portugal!

Ricardo: Eu não preciso de conhecer Venezuela porque eu já ouvi muito falar da minha mãe, mas gostava de ir visitar a Venezuela e gostava de visitar... Japão, ... como se chama? Fala-se inglês.

Professora Estagiária Joana: Estados Unidos da América?

Ricardo: Sim! E Japão!

Professora Estagiária Joana: Mas porquê?

Ricardo: Porque são os meus países favoritos. E Portugal

C: Eu gostava de conhecer mais São Paulo! Meu pai disse para eu levar o meu telefone para tirar fotos só que ele quebrou, aí depois ele viajou.

Professora Estagiária Sofia: Sabem onde fica São Paulo?

Vários: Não.

Professora Estagiária Sofia: é uma cidade de onde?

Luís: Do brasil!

Cristiano: É a cidade do meu pai.

Professora Estagiária Sofia: E o Tomás?

Telmo: Queria ir a china

Professora Estagiária Joana: Porquê?

Telmo: Porque eu gosto.

Professora Estagiária Joana: De quê?

Ricardo: Porque é fixe?

Telmo: Sim.

Professora Estagiária Sofia: Com a história ficaste a conhecer mais um pouco sobre a China não foi?

Professora Estagiária Joana: E querias saber mais?

Telmo: Sim.

Mara: Eu queria visitar a Inglaterra, porque sempre quis ver com é que se vivia lá e sempre quis visitar...

Luís: A rainha?

Ricardo: A tua tia?

Mara: Sim.

Professora Estagiária Sofia: E a Carla?

Carla: Alemão.

Professora Estagiária Joana: A Alemanha? Porquê?

Luís: De certeza que eu sei! A salsicha alemã.

Professora Estagiária Joana: Porquê Carla?

Ricardo: Ela quer ir por causa da salsicha. Eu também gostava de ir ao polo norte.

[Risos]

Mara: É muito frio, não se pode ir. Queres é ir ter com o Pai Natal.

Professora Estagiária Joana: Vá, diz os países que te faltavam dizer Luís.

Luís: Eu também França ... e também gosto da China porque eu nunca fui lá porque eu queria ir a muralha da China e ver o panda chinês e comer comida chinesa.

Professora Estagiária Joana: Se cada um de vós fosse visitar um país diferente, e alguém vos perguntasse como era Portugal o que é que vocês diziam ou mostravam?

Ricardo: Portugal tem o fado, também tem os Xutos e Pontapés, e também queria dizer que havia francesinhas....

Professora Estagiária Sofia: Que é típica do...

Ricardo: Porto.

Professora Estagiária Sofia: E mais características de Portugal?

Professora Estagiária Joana: Daqui de Aveiro o que é que vocês levavam?

Ricardo: Moliceiros.

Mara: Ovos moles!

Professora Estagiária Joana: Agora pus-me a pensar, vocês já fizeram perguntas ao Cristiano sobre o Brasil?

Vários: Não...

Luís: Eu já!

Professora Estagiária Joana: Não perdiam nada em conhecer mais aspetos de outra cultura e de outro país, pois não?

Vários: Pois não.

Professora Estagiária Sofia: Vamos continuar. De todo o projeto o que é que vocês gostaram mais?

Mara: Eu gostei de tudo!

Professora Estagiária Joana: Mas o que mais gostaste?

Mara: Fazer o avô, fazer o butai, a Jomina.

Professora Estagiária Sofia: Qual dos butais?

Mara: O da turma.

Telmo: De tudo. Dos butais.

Professora Estagiária Sofia: E a Carla?

Carla: Dos butais.

Professora Estagiária Sofia: Da turma ou com a família?

Carla: Turma.

Professora Estagiária Sofia: Então gostaste de trabalhar em grupo.

Carla: Sim.

Professora Estagiária Sofia: E tu Ricardo?

Ricardo: Fazer o butai, escrever a história, ... Gostei de toda a experiência

Professora Estagiária Sofia: E o Luís?

Luís: Das ilustrações.

Professora Estagiária Joana: E o que é que gostaram menos de fazer?

Mara: Gostei de menos nada. Gostei de tudo!

Ricardo: Nada! Nada de nada.

Professora Estagiária Joana: Cristiano gostavas de ter participado neste projeto?

Carla: (acena com a cabeça)

Professora Estagiária Joana: Acham que falamos suficiente sobre as línguas?

Ricardo: Demasiado.

Professora Estagiária Joana: Então porquê?

Professora Estagiária Sofia: Ou queriam saber mais?

Mara: Eu gostei de aprender como se diziam as línguas, não era preciso mais.

Professora Estagiária Sofia: Acham que quando trabalharam em grupo, por exemplo, na construção do butai, foi difícil, foi fácil...

Mara: Foi um bocadinho difícil, porque no início nos não sabíamos o que íamos fazer, mas depois alguém tinha dito que já sabia e depois conversamos e começamos a saber o que fazer mais.

Ricardo: eu gostava que isto nunca acabasse.

Professora Estagiária Joana: O que é que gostavam de ter aprendido mais sobre este projeto de línguas e culturas?

Ricardo: Eu gostava de saber... acho que estou demasiado contente.

Mara: Eu gostava de saber como na história, o que é que os outros meninos veem da sua janela, o que estavam mesmo a fazer.

Professora Estagiária Joana: Muito bem

Mara: Eu queria saber mais do que eles faziam no seu dia a dia.

Professora Estagiária Joana: E tu Telmo?

Telmo: Gostava de saber o que estavam a fazer em casa.

Professora Estagiária Joana: Por exemplo, vocês podiam perguntar ao Cristiano essas coisas, visto que ele é do Brasil e é de uma cultura diferente.

Mara: Pois é!

Professora Estagiária Sofia: Têm mais alguma coisa a dizer-nos?

Ricardo: Nothing!

Professora Estagiária Sofia: E se nós propuséssemos a realização de outro kamishibai plurilingue, voltariam a realizar?

Todos: Siiiiim!

Professora Estagiária Joana: Porquê?

Mara: Porque, por mim, eu acho que ao longo do ano gostamos todos do projeto que nós fizemos. Eu quando comecei não sabia praticamente nada do que estava a fazer, mas depois fui começando a aperceber que afinal era tudo muito fácil descobrir.

Professora Estagiária Sofia: E o Ricardo, voltarias a realizar este projeto?

Ricardo: Até à universidade! Ao menos não fazia testes.

Professora Estagiária Joana: Já terminamos, obrigada pela vossa opinião!

Grupo focal

Grupo: Dinis, Lia, Liliana, Mário, Paulo

Professora Estagiária Rita: Então, nós vamos começar por vos perguntar sobre o kamishibai plurilingue. Vocês lembram-se?

Mário: Sim.

Professora Estagiária Rita: Nós fizemos um projeto, comecei eu e a professora Joana certo? Fizemos uma história e as ilustrações da história, certo? Depois, nós fomos embora e a professora Sofia e a professora Clara e fizeram o quê convosco?

Paulo: O butai.

Professora Estagiária Rita: Se vocês tivessem de explicar aos vossos amigos ou à vossa família o que é um Kamishibai Plurilingue como é que vocês explicavam?

Paulo: Explicava que era uma caixa de madeira.

Mário: Não é só de madeira, também é de cartão.

Professora Estagiária Rita: Certo! Pode ser de vários materiais.

Professora Estagiária Clara: Mas para que serve a caixa?

Professora Estagiária Rita: Mas a caixa é o Kamishibai?

Paulo: É.

Professora Estagiária Rita: Como é que se chama essa caixa de madeira que vocês fizeram?

Paulo: Butai.

Professora Estagiária Rita: É um butai e para que serve?

Paulo: Para contar histórias.

Professora Estagiária Rita: Como é que se contam histórias? Com um livro?

Paulo: Não.

Professora Estagiária Rita: Então?

Paulo: Com pranchas.

Professora Estagiária Rita: E tu, Mário? Como explicavas a um amigo o que é um Kamishibai Plurilingue?

Mário: As pranchas têm texto e também têm as ilustrações.

Professora Estagiária Rita: Boa! E como é que se apresenta a história?

Mário: Tirando as pranchas.

Professora Estagiária Rita: E como é que lemos? Só tem ilustrações?

Mário: Não, também tem a história.

Professora Estagiária Rita: E porquê que é plurilingue?

(....)

Professora Estagiária Rita: Vamos pensar na forma como construímos a nossa história? Lembram-se da personagem principal?

Dinis: Jomina e o Avô.

Professora Estagiária Rita: Pronto, e o quê que eles fizeram?

Paulo: Construíram um avião de cartão.

Dinis: Saíram a voar, na imaginação.

Paulo: Por vários países.

Professora Estagiária Rita: Então nós escrevemos a história só em português, foi?

Todos: Não!

Professora Estagiária Clara: Não tinha nenhuma palavra estrangeira na história?

Todos: Tinha!

Professora Estagiária Rita: Se calhar não é um kamishibai normal, se calhar é especial porque não tinha só português também tinha outras línguas.

Dinis: Também tinha chinês.

Paulo: Tinha mandarim, espanhol.

Professora Estagiária Rita: Então tinha várias línguas, não é?

Paulo: Tinha inglês.

Professora Estagiária Rita: Então tinha inglês, mandarim, castelhano e mais alguma?

Professora Estagiária Clara: Vocês até têm uma colega de turma que conhece bem essa língua.

Lia: Alemão.

Professora Estagiária Rita: Muito bem, então se tem várias línguas então diz-se o que é um kamishibai plurilingue. Ok?

Professora Estagiária Rita: Então quais foram as línguas que vocês gostaram mais de contactar no projeto?

Mário: Eu, gostei de uma palavra, mas não me lembro muito bem, ah já sei “arco de la federacion”.

Professora Estagiária Rita: Mais alguma palavra que se lembrem? Como se diz por exemplo, menino em inglês? E avô? Como se diz avô em alguma das línguas utilizadas na história?

Paulo: “Abuelo”.

Professora Estagiária Rita: Muito bem, “abuelo” em castelhano. Já falamos das línguas, mas aqui o Dinis disse que as personagens viajaram por vários países. Por exemplo, o Inglês, a que país é que ela foi para falar Inglês?

Paulo: Reino Unido.

Professora Estagiária Rita: E o castelhano?

Paulo: Venezuela.

Professora Estagiária Rita: Qual era a outra língua? Já não me lembro...

Paulo: Era castelhano.

Lia: E falta alemão que se fala na Alemanha.

Professora Estagiária Rita: Mário, tu achas que as línguas são todas importantes? Ou achas que existem línguas que são mais importantes que outras?

15 e Lia: São todas.

Paulo: Porque todas têm o mesmo valor, as línguas são todas importantes porque todas se aprendem.

Professora Estagiária Rita: E agora vamos focar-nos na parte da elaboração da história e das ilustrações ok? O que é que vocês se lembram de terem aprendido?

Lia: Não sabia outras línguas.

Dinis: E eu não sabia falar essas línguas, mas aprendi um pouco a falar.

Paulo: Aprendemos algumas palavras.

Professora Estagiária Clara: e para além das línguas? O que aprenderam mais?

Professora Estagiária Rita: Vamos relembrar o eu fazíamos, nos dizíamos assim: hoje vamos visitar a Alemanha e o que que fazíamos? Íamos ao computador, e...

Mário: Íamos ao mapa.

Paulo: Íamos ao google maps.

Professora Estagiária Rita: Lembram-se que ainda estivemos a ver outras coisas não foi? Colámos um mapa no caderno e tivemos a ver a que continente pertencíamos.

Paulo: Sim, lembro, ainda tenho no meu caderno os mapas.

Mário: Eu também tenho.

Professora Estagiária Rita: Lembra-se que nós estivemos a localizar no mapa alguns países, vocês sabiam onde ficavam todos esses países que nos falamos?

Paulo: Não, isso foi uma coisa nova que aprendemos.

Professora Estagiária Rita: E mais coisas novas que tenham aprendido?

Dinis: Palavras novas.

Professora Estagiária Rita: Aprendemos como se construía uma história.

Mário: E também tivemos a ver no quadro interativo como se escrevia uma palavra noutra língua.

Paulo: É o google tradutor e ouvimos músicas a dizer números em chinês.

Professora Estagiária Clara: Nós fizemos o trabalho e depois apresentamo-lo, não foi? A quem é que o apresentamos?

Paulo: Aos pais.

Professora Estagiária Clara: Como é que os pais souberam da apresentação?

Paulo: Eu levei um kamishibai de cartão com um convite a dizer para irem no dia 29.

Professora Estagiária Clara: O convite também era especial não era, porquê?

Paulo: Porque era realizado em várias línguas.

Professora Estagiária Rita: Se tivessem de explicar alguém como é um butai como é que vocês explicavam?

Paulo: Que era um quadro só que mais pequenino que os quadros normais, mas tem portas e é realizado com pranchas.

Professora Estagiária Clara: Mas só o butai, o palco?

Paulo: É uma caixa que tem portas e uma coisa para pegar em cima para eu levar para onde quiser.

Professora Estagiária Rita: Como é que vocês depois organizaram a apresentação aos pais?

Paulo: Com a ajuda das professoras, contamos o que aconteceu na história.

Mário: Também dissemos “mukashimukashi”.

Paulo: Dissemos para começar a história.

Mário: E batemos as maracas.

Professora Estagiária Rita: Como se chamam essas maracas?

Mário: Abanam-se as maracas para chamar as pessoas.

Professora Estagiária Clara: O que acham que aprenderam que ainda não sabiam com a elaboração do convite e do butai?

Lia: As línguas.

Paulo: Eu aprendi umas ilustrações novas que não conhecia.

Professora Estagiária Clara: Quais foram as ilustrações novas que aprenderam?

Paulo: Era um palito e lápis de cera em cima de uma folha e depois tinta preta e depois raspar com um bocadinho de força.

Professora Estagiária Clara: Sabes o nome dessa técnica?

Paulo: Sim, raspagem.

Professora Estagiária Clara: E a outra?

Mário: Com cotonetes e tintas.

Professora Estagiária Rita: Tendo em conta quer a primeira fase e a segunda, ao longo do percurso vocês acham que os vossos interesses eram ouvidos? Vocês acham que no desenvolvimento das atividades as vossas ideias e sugestões foram tidos em conta? Ou acham que não?

Mário: Mais ou menos.

Professora Estagiária Clara: O que gostavas de ter feito que não fizeste?

Paulo: Eu queria fazer a técnica dos pontinhos em todas as imagens.

Professora Estagiária Rita: Como é que foi a elaboração da história? Eu e a professora Joana trouxemos a história escrita e dissemos: “olhem aqui está a história!” Foi?

Mário: Não, fizemos todos. Fizemos no quadro e copiávamos no caderno.

Paulo: Fizemos um desenho num dado, lançamos o dado e vimos qual foi a imagem que calhou e depois desenhámos isso.

Professora Estagiária Rita: E a personagem, vocês acham que foi criada de acordo com as vossas opiniões com as vossas ideias? Ou gostavam que tivesse sido feita de outra forma?

Paulo: Eu acho que estava bem assim.

Professora Estagiária Rita: Como selecionamos a personagem para a história?

Paulo: Fizemos uma votação?

Professora Estagiária Rita: E vocês lembram-se quando estávamos a falar dos países, falamos da Alemanha e o que aconteceu quando falamos sobre esse país?

Paulo: A Eduarda ensinou-nos algumas palavras alemãs.

Professora Estagiária Rita: E foi só a Eduarda?

Mário: Não, a mãe dela veio cá falar.

Professora Estagiária Rita: Boa! E mais algum pai veio à nossa sala?

15, Lia: O pai das gémeas.

Lia: Veio fazer arepas.

Paulo: Falámos sobre umas coisas da Venezuela.

Professora Estagiária Rita: Vocês gostaram que os pais tivessem vindo cá a escola?

Paulo: Eu gostei, porque fizemos coisas que nunca fizemos e que nunca ouvimos.

Professora Estagiária Rita: Aprenderam coisas que ainda não sabiam, o quê?

Paulo: Fiquei a saber coisas da Alemanha.

Professora Estagiária Rita: E em casa vocês falavam com as vossas famílias sobre o nosso projeto kamishibai plurilingue?

Vários: Sim.

Paulo: Eu mostrei à minha mãe só que ela não percebeu nada.

Mário: Eu mostrei à minha mãe o meu mini-butai e li o convite.

Paulo: Eu mostrei o bilhete à minha mãe só que ela não percebeu nada e depois viu os butais e perguntou-me porque é que eu não fiz o butai.

Lia: Eu contei à minha mãe a história com várias línguas.

Professora Estagiária Rita: Se vocês pudessem, como a Jomina, visitar outros países, a que países gostavam de viajar?

Lia: China, para conhecer um sítio diferente.

Mário: Eu também queria porque gostava de comer comidas novas.

Professora Estagiária Rita: Vocês lembram-se de uma comida da china que nós comemos aqui?

Mário: Francesinha.

Paulo: Isso é uma comida típica de Portugal.

Lia: Braktatofen.

Dinis: Já sei, os bolinhos da sorte.

Professora Estagiária Rita: Quem é que se pudesse ia a outro país?

Mário: Eu ia ao Brasil.

Paulo: Eu gostava de ir a Alemanha porque gostei daquela igreja muito grande.

Professora Estagiária Rita: O castelo de neuschwanstein.

Mário: Eu gostava de ir a Venezuela porque eu queria ver o monstro de Loch Ness.

Professora Estagiária Rita: Era de onde esse monstro?

Paulo: Reino Unido.

Mário: Eu queria ir à Venezuela porque queria ver o arco de la federacion.

Professora Estagiária Rita: Paulo, se fosses à Alemanha o que levavas de Portugal para dar a conhecer o nosso país ou a nossa cultura?

Paulo: Ovos moles.

Professora Estagiária Rita: De todo o projeto, o que que vocês gostaram mais de fazer?

Paulo: As ilustrações e escrever os convites.

Mário: Copiar textos, gostei de copiar os textos que estavam no quadro.

Lia: As ilustrações, o butai da turma, os mini-butais e de copiar os textos.

Mário: Eu gostei de contar o kamishibai quando foi a apresentação.

Lia: Ilustrar, fazer a história.

Dinis: Gostei mais de criar as personagens, foi muito divertido.

Professora Estagiária Rita: Quando nós fizemos as personagens, como surgiu o nome da Jomina?

Paulo: Tínhamos umas sílabas estávamos a juntar as sílabas para ver qual era o nome.

Professora Estagiária Rita: Como é que nos contruímos o avozinho?

Paulo: Com um pacote de sumo.

Mário: Com rolhas.

Professora Estagiária Clara: O que gostaram menos do projeto?

Vários: Nós gostamos de fazer tudo.

Dinis: Eu não gostei de fazer o texto.

Mário: Eu não gostei de fazer confusão na sala.

Professora Estagiária Clara: Vocês gostaram de trabalhar em grupo?

Mário: Mais ou menos, porque algumas coisas eram difíceis.

Professora Estagiária Rita: Vocês ouviam as opiniões uns dos outros? Tiveram conflitos no trabalho em grupo?

Mário: Eu preferia trabalhar individualmente.

Professora Estagiária Rita: Porquê?

Mário: Porque eu quero aprender mais.

Lia: Eu gostei de trabalhar em grupo.

Paulo: Eu gosto de trabalhar em grupo porque aprendo mais coisas.

Professora Estagiária Rita: O que gostavam de ter prendido no projeto que não aprenderam?

Paulo: Todas as palavras em alemão.

Mário: Eu gostava de saber outros países, gostava de saber as comidas que há no Brasil e gostava de saber mais coisas sobre a Holanda.

Professora Estagiária Rita: Há alguma coisa que gostavam de nos dizer sobre o projeto que ainda não tiveram oportunidade de dizer?

Dinis: Eu gostei de fazer o butai.

Professora Estagiária Rita: Gostavam de voltar a fazer outro butais ou outro kamishibai? Porquê?

Lia: Sim.

Professora Estagiária Clara: O que fazias de diferente se fosse agora?

Mário: Enfeitava o butai de outra maneira e criava outra história.

Paulo: Fazia outra história.

Mário: Eu punha todas as línguas do mundo na história.

Professora Estagiária Clara: Quantas línguas há no mundo?

Mário: Umas 100

Professora Estagiária Rita: Agradecemos a vossa disponibilidade.

Anexo 8 – Unidades de Registro por Categoría/Subcategoría

Categoria	
Educação culturalmente responsiva a todos	
Subcategoria: Integração das culturas de origem dos alunos no projeto	
Indicador: Evidências de que no desenvolvimento do projeto foram tidas em conta as culturas de origem dos alunos	<p style="text-align: center;">FG 1</p> <p>Professora Estagiária Rita: Boa! Então e porque é que escolhemos essas línguas? Lembram-se como é que escolhemos essas línguas?</p> <p>Biana: Foi tipo a Ema os pais dela vieram da Venezuela.</p>
	<p style="text-align: center;">FG 3</p> <p>Professora Estagiária Joana: Nós então escolhemos o alemão, o castelhano, o inglês, o mandarim. Porquê?</p> <p>[...]</p> <p>Ricardo: Então, porque cada um onde nós falava por exemplo, as gémeas e eu falávamos um bocadinho de castelhano, e por exemplo a Júlia também já falou algumas palavras em inglês, e também a Eduarda: o alemão, o mandarim [...]</p> <p>(...)</p> <p>Ricardo: Eu já sabia tudo de português e também de castelhano porque eu tenho a minha mãe que é venezuelana.</p>
	<p style="text-align: center;">OC</p> <p>Professora Estagiária Joana: Considera que o projeto permitiu a valorização das culturas de origem dos alunos? Se sim, de que forma?</p> <p>Orientadora Cooperante: Eu acho que sim, que considero [...] agora falando na Alemanha, e o orgulho, o orgulho mesmo, que a Eduarda: tem de ter estado na Alemanha, falar na Alemanha e de nós termos trabalhado a cultura alemã, e a mãe vir cá, eu acho que sim, que isso foi uma forma de valorizar a cultura da criança. Claro que a maioria é portuguesa, mas eu acho que sim, que valorizou a cultura própria. Claro que não temos aqui nenhum chinês, mas [...] é algo que agora me recorda outras, outro trabalho que fiz com alunos, por exemplo, ciganos. Por isso, o ser trabalhado logo a cultura deles, seja um costume, uma festa, ... estamos a valorizar, por isso o Kamishibai Plurilingue fez, contribui também para valorizar a cultura de cada criança.</p>

Categoria	
Competências Interculturais	
Subcategoria: Conhecimento sobre as línguas e sobre as culturas	
<p>Indicador: Evidências de que os alunos possuem conhecimentos sobre as línguas e as culturas trabalhadas no projeto</p>	<p>FG 1</p> <p>Professora Estagiária Rita: Então e vocês lembram-se quais foram as línguas que escolheram para entrar no Kamishibai Plurilingue?</p> <p>Biana: Alemão....</p> <p>Ema: Chinês!</p> <p>Biana: Venezuela!</p> <p>Professora Estagiária Rita: E qual é a língua que se fala na Venezuela?</p> <p>Ema: Castelhana!</p> <p>Professora Estagiária Rita: Boa! Então já temos o alemão que falamos então em que país Eduarda?</p> <p>Biana: Alemanha!</p> <p>Professora Estagiária Rita: O Castelhana que falamos em que país Ema?</p> <p>Ema: Na Venezuela!</p> <p>Professora Estagiária Rita: Usamos mais alguma língua?</p> <p>Biana: Sim! Chinês que é mandarim que se fala na China.</p> <p>Professora Estagiária Rita: E ainda faltam duas línguas!</p> <p>Fábio: Português!</p> <p>Professora Estagiária Rita: Muito bem, português! E mais?</p> <p>Daniela: Inglês!</p> <p>(...)</p> <p>Professora Estagiária Rita: Pois foi, a mãe veio cá e também ajudou! Então e vocês lembram-se de alguma palavra que tenham aprendido com a mãe da Eduarda: e com a Eduarda?</p> <p>Fábio: O abecedário!</p> <p>Professora Estagiária Rita: Muito bem Fábio! Porque quando a mãe da Eduarda: esteve cá explicou-nos que o abecedário Alemão é exatamente igual ao nosso é isso?</p> <p>Fábio: Quase, tem algumas letras diferentes.</p> <p>Biana: Hallo! É olá em Alemão!</p> <p>Biana: Nǐ hǎo, em mandarim!</p> <p>Professora Estagiária Rita: Boa! Alguém se lembra de mais alguma?</p> <p>Professora Estagiária Clara: Também aprendemos essa palavra em inglês, que é Hello!</p> <p>Professora Estagiária Rita: Então vá, o inglês fomos visitar a que país?</p> <p>Biana: Ao Reino Unido.</p>

Professora Estagiária Rita: Boa! Castelhana, fomos visitar que país?
 Ema: Venezuela!
 Professora Estagiária Rita: Alemão visitamos....
 Vários: Alemanha!
 Professora Estagiária Rita: Português!
 Vários: Portugal!

(...)

Professora Estagiária Rita: Por exemplo os mapas que colaram nos cadernos...
 Biana: Marcamos a Alemanha, a China....
 Professora Estagiária Rita: E vocês já sabiam onde ficavam esses países?
 Vários: Não!

(...)

Biana: Aprendemos a fazer arepas!

(...)

Biana: Dar-nos palavras em alemão para o nosso Kamishibai Plurilingue.
 Professora Estagiária Rita: E, então, o que é que vocês aprenderam com a vinda da mãe da Eduarda: à sala?
 Biana: Aprendemos algumas palavras...
 Daniela: Aprendemos o abecedário.
 Professora Estagiária Rita: E que outro pai é que veio cá também?
 Fábio: O pai das gémeas!
 Professora Estagiária Rita: E o que é que aprenderam com o pai das gémeas?
 Daniela: E trouxe um quadro...

(...)

Biana: Sim, aprendemos o panda que é Chinês e o Buda [...]

FG 2

Professora Estagiária Joana: Na Alemanha fala-se...
 Todos: Alemão...
 Professora Estagiária Joana: Na Inglaterra...
 Frederica: Inglês.

	<p>Professora Estagiária Joana: E na China?</p> <p>Melissa: Mandarinim...</p> <p>(...)</p> <p>Luciana: A mãe da Eduarda: veio aqui só para falar algumas palavras em alemão.</p> <p>Iris: Mas quem é que veio aqui?</p> <p>Luciana: Veio o pai das gêmeas e veio a mãe da Eduarda.</p> <p>Professora Estagiária Joana: Boa! Para falarem de cada um dos países que nós visitámos, dos países que tentámos conhecer, não foi?</p> <p>(...)</p> <p>Professora Estagiária Sofia: Então, vamos relembrar os países que falam as línguas presentes na história. O alemão fala-se em que país?</p> <p>Melissa: Na Alemanha.</p> <p>Professora Estagiária Sofia: O Mandarin?</p> <p>[...]</p> <p>Iris: Eu sei, na Venezuela.</p> <p>Professora Estagiária Sofia: Não.</p> <p>Melissa: Na China!</p> <p>[...]</p> <p>Professora Estagiária Sofia: O espanhol ou castelhano?</p> <p>Melissa: Não, na Espanha não.</p> <p>Professora Estagiária Sofia: Na Espanha também se fala castelhano, mas queremos saber o país presente na nossa história que fala espanhol.</p> <p>Iris: Na Venezuela.</p> <p>Professora Estagiária Sofia: E por fim, o inglês?</p> <p>Melissa: Na Inglaterra.</p> <p>Professora Estagiária Sofia: Muito bem.</p> <p>[...]</p> <p>Professora Estagiária Joana: Vocês lembraram-se de algumas palavras que aprenderam nessas línguas?</p> <p>Iris: Sim.</p> <p>Professora Estagiária Joana: Podem dizer?</p> <p>Melissa: Pilot.</p> <p>Professora Estagiária Joana: Muito bem.</p> <p>Iris: Hello.</p> <p>Professora Estagiária Joana: Como se diz avô em espanhol?</p> <p>Iris: Isso é que não sei.</p> <p>Melissa: Eu lembro-me de window.</p> <p>Professora Estagiária Joana: E o que quer dizer?</p> <p>Melissa: Janela.</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>Professora Estagiária Joana: Muito bem!</p> <p>[...]</p> <p>Professora Estagiária Joana: Mais, vocês lembram-se da palavra avião? Como é?</p> <p>Luciana: Ávion</p> <p>Professora Estagiária Joana: Muito bem!</p> <p>(...)</p> <p>Iris: Aprendemos mais sobre outros países e cidades.</p> <p>Melissa: Línguas.</p> <p>Professora Estagiária Joana: Lembram-se de localizarmos vários países no mapa e no globo? Isso também é estudo do meio.</p> <p>Todos: Sim.</p> <p>Melissa: Como estão organizadas as cidades. Até vimos as de Aveiro.</p> <p>(...)</p> <p>Melissa: Eu esqueci-me de dizer que quando escrevemos a notícia estávamos a aprender novas culturas. Noutras partes do projeto também aprendi outras culturas. Quando estávamos na Venezuela aprendemos a personalidade dos Venezuelanos.</p> <p>Professora Estagiária Joana: Então o que aprendemos sobre os Venezuelanos?</p> <p>Frederica: Comidas.</p> <p>Professora Estagiária Joana: Vamos passar um pouco à frente. O que aprenderam em estudo do meio?</p> <p>Melissa: Continuamos a aprender mais sobre as línguas e culturas que já tínhamos falado antes.</p> <p>(...)</p> <p>Professora Estagiária Joana: O quadro “Bem-vindos ao nosso mundo” e o que tinha lá?</p> <p>Frederica: Aviões</p> <p>Iris: A Jomina, o avô.</p> <p>Melissa: Os países, as bandeiras dos países.</p> <p>Professora Estagiária Joana: Mas tinha imagens daquilo que dávamos sobre as culturas e sobre os países.</p> <p>[...]</p> <p>Melissa: Tinha o panda que era chinês.</p> <p>Frederica: O arco de la Federación.</p> <p>Professora Estagiária Joana: Boa, muito bem!</p> <p>(...)</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>Professora Estagiária Joana: O que veio cá fazer o pai das gémeas?</p> <p>Iris: Veio mostrar como se fazia arepas e a mãe da Eduarda: veio mostrar-nos como se diziam algumas palavras em alemão.</p> <p>Melissa: E não só, como era o abecedário lá deles.</p>
	<p style="text-align: center;">FG 3</p> <p>Professora Estagiária Sofia: E recordam-se de algumas palavras nessas línguas? Na história, na notícia, no convite, lembram-se? Palavras que tenhamos utilizado no projeto?</p> <p>Professora Estagiária Joana: Cada um pode dizer uma palavra então.</p> <p>Ricardo: Por exemplo, Monster of Loch Ness</p> <p>Professora Estagiária Joana: Muito bem!</p> <p>Mara: O Arco de la Federacion</p> <p>Professora Estagiária Joana: Muito bem</p> <p>Luís: Ávion.</p> <p>Carla: Hello!</p> <p>Professora Estagiária Joana: E tu?</p> <p>[...]</p> <p>Professora Estagiária Joana: Lembram-se como se dizia avô?</p> <p>Ricardo: Grandfather.</p> <p>Professora Estagiária Joana: Alguém se lembra da palavra “abuelo”?</p> <p>Telmo: Sim, avô.</p> <p>Professora Estagiária Joana: Piloto?</p> <p>Mara: Pilot!</p> <p>Professora Estagiária Joana: Nós já vimos em que países se falavam essas línguas? Mandarim em que país?</p> <p>Luís: China.</p> <p>Professora Estagiária Joana: Castelhana?</p> <p>Mara: Venezuela.</p> <p>Professora Estagiária Joana: Inglês?</p> <p>Telmo: Inglaterra, Reino Unido.</p> <p>Professora Estagiária Joana: Alemão?</p> <p>Telmo: Alemanha.</p> <p>(...)</p> <p>Mara: Aprendemos que nós podemos transformar aquelas palavras noutras línguas</p> <p>Professora Estagiária Sofia: Passar do português para outras línguas, muito bem. E vocês sabiam o significado de todas as palavras?</p>

	<p>Mara: Antes não, quando nós começamos a aprender já começámos a saber mais dessas nacionalidades e do que existe nos países, como é que eles falam, quais são os pratos típicos.</p> <p>(...)</p> <p>Mara: Na window, nós usamos um quadrado para a desenhar que é uma forma geométrica.</p> <p>Professora Estagiária Joana: E em estudo do meio? O que trata estudo do meio? [...] Lembram-se de termos os mapas, a localização, temos...</p> <p>Mara: Os países!</p> <p>Professora Estagiária Joana: Mais...</p> <p>Luís: As palavras e pratos típicos.</p> <p>Ricardo: As curiosidades.</p> <p>Luís: O panda que é chinês.</p> <p>Mara: O panda que é chines também tem formas geométricas.</p> <p>Professora Estagiária Sofia: E os animas de diferentes países.</p> <p>Professora Estagiária Joana: E quando estivemos a ver no google maps...</p> <p>Mara: As ruas das cidades.</p> <p>Luís: Nós vimos umas rochas redondas que tinham sido queimadas.</p> <p>Professora Estagiária Joana: Sim, isso foi no Reino Unido, muito bem. Nós explorámos os países também nos mapas e no...?</p> <p>Carla: Globo!</p> <p>Mara: E tínhamos no caderno um mapa que púnhamos uma cruz no país que íamos conhecendo.</p> <p>Luís: Eu tenho um livro que tem lá o monstro do Loch Ness e lembrei-me do kamishibai plurilingue.</p> <p>(...)</p> <p>Professora Estagiária Sofia: E a estudo do meio o que aprendemos? Continuamos a trabalhar o quê?</p> <p>Mara: As línguas, pratos típicos dos países...</p> <p>(...)</p> <p>Professora Estagiária Joana: Nós para conhecermos a Alemanha, tivemos a ajuda de quem?</p> <p>Mara: A mãe da Eduarda!</p> <p>Professora Estagiária Joana: E quando estávamos a conhecer a Venezuela?</p> <p>Ricardo: O pai das gémeas!</p> <p>Professora Estagiária Joana: Muito bem, e o que é que vocês aprenderam com a visita desses pais?</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Mara: Com o pai das gémeas, aprendemos a fazer arepas.
 Professora Estagiária Joana: E o que aprendemos com a mãe da Eduarda?
 Luís: Aprendemos coisas da Alemanha.
 Professora Estagiária Sofia: Como por exemplo?
 Ricardo: “Braktaton”, uma palavra alemã.
 Professora Estagiária Joana: Sim, muito bem.
 Luís: O dia do Halloween, os padres iam pela rua.
 Professora Estagiária Joana: E o que é que a mãe da Eduarda fez em relação ao abecedário que tínhamos lá na sala?
 Ricardo: O abecedário alemão

(...)

Professora Estagiária Sofia: E vocês em todas as fases do projetos foram contando aos vossos pais?
 Mara: Eu dizia que quando nos estávamos a aprender coisas dos países, chegava a casa e dizia o que aprendi.

FG 4

Professora Estagiária Clara: Não tinha nenhuma palavra estrangeira na história?
 Todos: Tinha!
 Professora Estagiária Rita: Se calhar não é um kamishibai normal, se calhar é especial porque não tinha só português também tinha outras línguas.
 Dinis: Também tinha chinês.
 Paulo: Tinha mandarim, espanhol.
 Professora Estagiária Rita: Então tinha várias línguas, não é?
 Paulo: Tinha inglês.
 Professora Estagiária Rita: Então tinha inglês, mandarim, castelhano e mais alguma?
 Professora Estagiária Clara: Vocês até têm uma colega de turma que conhece bem essa língua.
 Lia: Alemão.

(...)

Professora Estagiária Rita: Mais alguma palavra que se lembrem? Como se diz por exemplo, menino em inglês? E avô? Como se diz em avô em alguma das línguas utilizadas na história?
 Paulo: “Abuelo” .
 Professora Estagiária Rita: Muito bem, “abuelo” em castelhano. Já falamos das línguas, mas aqui o Dinis disse que as

	<p>personagens viajaram por vários países. Por exemplo, o Inglês, a que país é que ela foi para falar Inglês?</p> <p>Paulo: Reino Unido.</p> <p>Professora Estagiária Rita: E o castelhano?</p> <p>Paulo: Venezuela.</p> <p>Professora Estagiária Rita: Qual era a outra língua? Já não me lembro...</p> <p>Paulo: Era castelhano.</p> <p>Lia: E falta alemão que se fala na Alemanha.</p> <p>(...)</p> <p>Professora Estagiária Rita: E agora vamos focar-nos na parte da elaboração da história e das ilustrações, ok? O que é que vocês se lembram de terem aprendido?</p> <p>Lia: Não sabia outras línguas.</p> <p>Dinis: E eu não sabia falar essas línguas ma aprendi um pouco a falar.</p> <p>Paulo: Aprendemos algumas palavras.</p> <p>Professora Estagiária Clara: E para além das línguas? O que aprenderam mais?</p> <p>Professora Estagiária Rita: Vamos relembrar o que fazíamos, nos dizíamos assim: hoje vamos visitar a Alemanha e o que que fazíamos? Íamos ao computador, e...</p> <p>Mário: Íamos ao mapa.</p> <p>Paulo: Íamos ao google maps.</p> <p>Professora Estagiária Rita: Lembram-se que ainda estivemos a ver outras coisas não foi? Colámos um mapa no caderno e estivemos a ver a que continente pertencíamos.</p> <p>Paulo: Sim, lembro, ainda tenho no meu caderno os mapas.</p> <p>Mário: Eu também tenho.</p> <p>Professora Estagiária Rita: Lembram-se que nós estivemos a localizar no mapa alguns países, vocês sabiam onde ficavam todos esses países que nós falamos?</p> <p>Paulo: Não, isso foi uma coisa nova que aprendemos.</p> <p>Professora Estagiária Rita: E mais coisas novas que tenham aprendido?</p> <p>Dinis: Palavras novas.</p> <p>Professora Estagiária Rita: Aprendemos como se construía uma história.</p> <p>Mário: E também tivemos a ver no quadro interativo como se escrevia uma palavra noutra língua.</p> <p>Paulo: É o google tradutor e ouvimos músicas a dizer números em chinês.</p> <p>(...)</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Professora Estagiária Rita: E vocês lembram-se quando estávamos a falar dos países, falamos da Alemanha e o que aconteceu quando falamos sobre esse país?

Paulo: A Eduarda: ensinou-nos algumas palavras alemãs.

Professora Estagiária Rita: E foi só a Eduarda?

Mário: Não, a mãe dela veio cá falar.

Professora Estagiária Rita: Boa! E mais algum pai veio à nossa sala?

Mário, Lia: O pai das gémeas.

Lia: Veio fazer arepas.

Paulo: Falámos sobre umas coisas da Venezuela.

Professora Estagiária Rita: Vocês gostaram que os pais tivessem vindo cá a escola?

Paulo: Eu gostei, porque fizemos coisas que nunca fizemos e que nunca ouvimos.

Professora Estagiária Rita: Aprenderam coisas que ainda não sabiam, o quê?

Paulo: Fiquei a saber coisas da Alemanha.

(...)

Lia: Eu contei à minha mãe a história com várias línguas.

(...)

Professora Estagiária Rita: Vocês lembram-se de uma comida da China que nós comemos aqui?

Mário: Francesinha.

Paulo: Isso é uma comida típica de Portugal.

Lia: Braktatofen.

Dinis: Já sei, os bolinhos da sorte

OC

J: Na sua perspetiva, quais foram as principais aprendizagens do ponto de vista linguístico e cultural realizadas pelas crianças sobre os países e as línguas do KP? Pode dar exemplos de aspetos que tenham sido mais referidos pelas crianças?

Orientadora Cooperante: Olha, mais referido se calhar, monumentos, o panda, as curiosidades, outras palavras... Eu acho que foi essencialmente as curiosidades, como é o país, como é, isto é, a nível da paisagem como é o natural desse país, [...] os alimentos se calhar eles não ligaram tanto, a comida ainda não lhes diz assim muito. Mas eu penso que foi mais ao nível das

	<p>curiosidades e ao nível da língua, de quererem saber sempre mais.</p> <p>(...)</p> <p>Orientadora Cooperante: De mais positivo eu acho que o projeto todo ele foi positivo pela interculturalidade, conhecer outros países, conhecer outras línguas... porque nós no primeiro ciclo muitas vezes não trabalhamos isto. (...) Sabem que há outros países e o projeto KP teve esta mais valia de levar as crianças a conhecer outras coisas que não a sua casa, que não a sua escolinha.</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Categoria	
Competências Interculturais	
Subcategoria: Dar-se a conhecer	
<p>Indicador: Inclui todas as unidades de registo que evidenciam que os alunos demonstram vontade de dar a conhecer a sua cultura e que elementos associam à sua cultura.</p>	<p>FG 1</p> <p>Professora Estagiária Rita: Olhem e se tivessem que levar alguma coisa de Portugal, ou encontrassem alguém que vos pedisse que mostrassem qualquer coisa que caracterizasse Portugal, o que levavam ou mostravam?</p> <p>Fábio: Um mapa de Portugal!</p> <p>Biana: Nós vimos o vídeo de uma menina que estava a passar noites mal e dias maus, porque estava a fugir da guerra e levou com ela a sua almofada!</p> <p>Professora Estagiária Rita: E tu Bianca o que é que levavas de Portugal?</p> <p>Biana: Um livro!</p> <p>Professora Estagiária Clara: E mais?</p> <p>Daniela: Eu mostrava fotos de Portugal!</p> <p>Biana: Quando eu fui lá para a Alemanha eu levei muitas fotos de Portugal</p> <p>Ema: Levava também, um álbum com fotos!</p> <p>Professora Estagiária Clara: E mais? Ninguém quer levar a bandeira nacional, pastéis de nata...</p> <p>Fábio: Eu mostrava o Cristiano Ronaldo!</p>
	<p>FG 2</p> <p>Professora Estagiária Sofia: Se fosses visitar os países que a Jomina visitou o que davas a conhecer da tua cultura/país?</p>

	<p>Melissa: A bandeira, a comida, um vídeo de Aveiro.</p> <hr/> <p style="text-align: center;">FG 3</p> <p>Professora Estagiária Joana: Se cada um de vos fosse visitar um país diferente, e alguém vos perguntasse como era Portugal o que é que vocês diziam ou mostravam?</p> <p>Ricardo: Portugal tem o fado, também tem os Xutos e Pontapés, e também queria dizer que havia francesinhas....</p> <p>Professora Estagiária Sofia: Que é típica do...</p> <p>Ricardo: Porto.</p> <p>Professora Estagiária Sofia: E mais características de Portugal?</p> <p>Professora Estagiária Joana: Daqui de Aveiro o que é que vocês levavam?</p> <p>Ricardo: Moliceiros.</p> <p>Mara: Ovos moles!</p> <hr/> <p style="text-align: center;">FG 4</p> <p>Professora Estagiária Rita: (Paulo), se fosses à Alemanha o que levavas de Portugal para dar a conhecer o nosso país ou a nossa cultura?</p> <p>Paulo: Ovos moles.</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Categoria	
Competências Interculturais	
Subcategoria: Interesse e curiosidade por outras línguas e culturas	
Indicador: Evidências de que os alunos demonstram interesse, curiosidade por outras línguas e culturas	FG 1 <p>Professora Estagiária Rita: E a China, que já vimos, o mandarim. E que língua é que vocês gostaram mais de aprender?</p> <p>Fábio: Alemão!</p> <p>Professora Estagiária Clara: Porquê o alemão?</p> <p>Daniela: Eu gostei do inglês, porque aprendemos coisas novas!</p> <p>Eduarda: Mandarim!</p> <p>Professora Estagiária Rita: Então e porque é que gostaste mais do mandarim?</p> <p>Eduarda: Porque uma amiga minha vivia lá e ela veio para aqui e ela falava mais mandarim do que português e eu não estava a perceber nada do que ela dizia, agora já percebo um bocadinho.</p> <p>Professora Estagiária Rita: E tu Ema?</p> <p>Ema: O inglês!</p> <p>Professora Estagiária Rita: E tu Bianca?</p> <p>Biana: O alemão, porque conheci novas palavras.</p> <p>(...)</p> <p>Professora Estagiária Rita: E tu Eduarda: Gostaste da tua mãe ter vindo cá?</p> <p>Eduarda: Achei uma boa ideia [...]</p> <p>Biana: Para aprendermos com eles!</p> <p>(...)</p> <p>Professora Estagiária Rita: Então e se vocês fossem a Jomina e viajassem por outros países onde é que iam?</p> <p>Biana: A Espanha! Para conhecermos as palavras de lá, a comida de lá...</p> <p>[...]</p> <p>Professora Estagiária Rita: E tu Eduarda:</p> <p>Eduarda: Alemanha! Para ir visitar a minha família e os meus amigos de lá.</p> <p>Professora Estagiária Rita: E tu Ema?</p> <p>Ema: Para a Venezuela! Porque ainda não fui lá!</p> <p>Professora Estagiária Rita: E tu Daniela?</p> <p>Daniela: Alemanha!</p> <p>Professora Estagiária Rita: E tu Fábio, para onde viajavas?</p> <p>Fábio: Brasil, porque está muito calor e posso estar na praia!</p>

(...)

Biana: Eu gostava de aprender sobre outros países e outras línguas e saber onde eram esses países se eram no mesmo continente que Portugal ou não.

FG 2

Professora Estagiária Sofia: Que língua gostaram mais de aprender?

Iris: Inglês.

Frederica: Castelhana.

[...]

Luciana: O alemão.

Melissa: Inglês.

Teresa: Castelhana.

Professora Estagiária Sofia: E porquê?

Iris: Porque estive na Inglaterra e gostei muito.

Frederica: Porque gostei do som das palavras.

Luciana: Porque gostava de visitar a Alemanha.

Melissa: Porque a minha mãe estava a pensar viajarmos até à Inglaterra e eu queria aprender a língua para poder falar lá com os outros.

Professora Estagiária Joana: Mas gostas da língua?

Melissa: Sim.

Teresa: Eu também queria ver o país [Venezuela].

Melissa: É normal, ela nasceu lá.

Iris: Eu nasci na Inglaterra só que depois vim para cá.

(...)

Professora Estagiária Joana: E vocês que perguntas faziam aos pais?

Iris: Por exemplo: como se diz Inês em Alemão?

(...)

Professora Estagiária Sofia: O que aprenderam com a vinda dos pais à sala/escola?

Luciana: Fazíamos perguntas ao pai das gémeas.

Professora Estagiária Joana: Acerca de quê?

Iris: Acerca das arepas. de como se faziam as arepas.

Luciana: A perguntar como se falavam palavras.

(...)

Professora Estagiária Joana: Se vocês fossem a Jomina e pudessem ir a um destes países a qual iriam? E porquê?
[...]
Iris: À Inglaterra porque é um país melhor.
Professora Estagiária Joana: Não existem países melhores nem piores.
[...]
Frederica: Rússia.
Iris: Que país é esse?
Professora Estagiária Joana: É aquele muito grande que tem muita neve.
Teresa: Venezuela.
Professora Estagiária Joana: Não têm curiosidade de conhecer a China? E Inglaterra? E Alemanha?
Melissa: Eu gostava de ir à Venezuela e à Alemanha. À Alemanha porque tem muitos parques infantis e porque fiquei curiosa de saber mais sobre as culturas.
Luciana: Venezuela porque quis provar comidas diferentes.

(...)

Professora Estagiária Sofia: Acham que falámos o suficiente sobre as línguas?
Melissa, Iris: Sim.
Professora Estagiária Joana: Gostavam de saber mais?
Todos: Sim.

(...)

Professora Estagiária Joana: O que gostarias de ter aprendido para além do que aprendeste com este projeto sobre outras línguas e culturas?
Melissa: Gostava de conhecer outras cores de pele.
Iris: Gostava de saber se existem plantas diferentes de Portugal.
Luciana: Outras músicas.

FG 3

Professora Estagiária Joana: Muito bem, e é originaria de que país?
Ricardo: Do Japão, o país que eu gosto muito.

(...)

	<p>Professora Estagiária Joana: O mandarim foi porquê? [...] Todos tinham curiosidade de saber não era? Lembram-se das biografias linguísticas que fizemos?</p> <p>Mara, Ricardo, Carla: Sim!</p> <p>Professora Estagiária Joana: Pronto, foi a partir daí que ficamos a saber que vocês tinham curiosidade em conhecer o mandarim.</p> <p>Ricardo: Eu também queria japonês</p> <p>(...)</p> <p>Luís: Eu queria ir a todos[os países]!</p> <p>(...)</p> <p>Professora Estagiária Joana: Muito bem, se fosses a Jomina e pudesses ir a um destes países, qual escolhias e porquê?</p> <p>Luís: Eu ia à China.</p> <p>Professora Estagiária Joana: Porque é que ias à China?</p> <p>Luís: Porque eu gosto muito.</p> <p>Professora Estagiária Joana: Gostaste de conhecer aspetos da China?</p> <p>Luís: Sim. Não era só isso também gosto de Inglaterra, a Alemanha...</p> <p>Professora Estagiária Joana: Estás curioso em conhecer mais?</p> <p>Luís: Venezuela! Portugal!</p> <p>Ricardo: Eu não preciso de conhecer Venezuela porque eu já ouvi muito falar da minha mãe, mas gostava de ir visitar a Venezuela e gostava de visitar... Japão, como se chama? Fala-se inglês.</p> <p>Professora Estagiária Joana: Estados Unidos da América?</p> <p>Ricardo: Sim! E Japão!</p> <p>Professora Estagiária Joana: Mas porquê?</p> <p>Ricardo: Porque são os meus países favoritos. E Portugal.</p> <p>(...)</p> <p>Professora Estagiária Sofia: E o Telmo?</p> <p>Telmo: Queria ir a china</p> <p>Professora Estagiária Joana: Porquê?</p> <p>Telmo: Porque eu gosto.</p> <p>Professora Estagiária Joana: De quê?</p> <p>Ricardo: Porque é fixe?</p> <p>Telmo: Sim.</p> <p>Professora Estagiária Sofia: Com a história ficaste a conhecer mais um pouco sobre a China não foi?</p> <p>Professora Estagiária Joana: E querias saber mais?</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>Telmo: Sim.</p> <p>Mara: Eu queria visitar a Inglaterra, porque sempre quis ver como é que se vivia lá e sempre quis visitar...</p> <p>Luís: A rainha?</p> <p>Ricardo: A tua tia?</p> <p>Mara: Sim.</p> <p>Professora Estagiária Sofia: E a Carla?</p> <p>Carla: Alemão.</p> <p>Professora Estagiária Joana: A Alemanha? Porquê?</p> <p>Luís: De certeza que eu sei! A salsicha alemã.</p> <p>Professora Estagiária Joana: Porquê Carla?</p> <p>Ricardo: Ela quer ir por causa da salsicha. Eu também gostava de ir ao polo norte.</p> <p>[Risos]</p> <p>Mara: É muito frio, não se pode ir. Queres é ir ter com o Pai Natal.</p> <p>Professora Estagiária Joana: Vá, diz os países que te faltavam dizer Luís.</p> <p>Luís: Eu também França ... e também gosto da China porque eu nunca fui lá porque eu queria ir à muralha da China e ver o panda chinês e comer comida chinesa.</p> <p>(...)</p> <p>Professora Estagiária Joana: Não perdiam nada em conhecer mais aspetos de outra cultura e de outro país, pois não?</p> <p>Vários: Pois não.</p> <p>(...)</p> <p>Professora Estagiária Joana: Acham que falamos suficiente sobre as línguas?</p> <p>Ricardo: Demasiado.</p> <p>Professora Estagiária Joana: Então porquê?</p> <p>Professora Estagiária Sofia: Ou queriam saber mais?</p> <p>Mara: Eu gostei de aprender como se diziam as línguas, não era preciso mais.</p> <p>(...)</p> <p>Ricardo: eu gostava que isto nunca acabasse.</p> <p>Professora Estagiária Joana: O que é que gostavam de ter aprendido mais sobre este projeto de línguas e culturas?</p> <p>Ricardo: Eu gostava de saber... acho que estou demasiado contente.</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Mara: Eu gostava de saber como na história, o que é que os outros meninos veem da sua janela, o que estavam mesmo a fazer.

Professora Estagiária Joana: Muito bem

Mara: Eu queria saber mais do que eles faziam no seu dia a dia.

Professora Estagiária Joana: E tu Telmo?

Telmo: Gostava de saber o que estavam a fazer em casa.

Professora Estagiária Joana: Por exemplo, vocês podiam perguntar ao Cristiano essas coisas, visto que ele é do Brasil e é de uma cultura diferente.

Mara: Pois é!

FG 4

Mário: Eu, gostei de uma palavra, mas não me lembro muito bem, ah já sei “arco de la federación”.

(...)

Professora Estagiária Rita: Se vocês pudessem, como a Jomina, visitar outros países, a que países gostavam de viajar?

Lia: China, para conhecer um sítio diferente.

Mário: Eu também queria porque gostava de comer comidas novas.

(...)

Professora Estagiária Rita: Quem é que se pudesse ia a outro país?

Mário: Eu ia ao Brasil.

Paulo: Eu gostava de ir a Alemanha porque gostei daquela igreja muito grande.

Professora Estagiária Rita: O castelo de Neuschwanstein.

Mário: Eu gostava de ir a Venezuela porque eu queria ver o monstro de Loch Ness.

Professora Estagiária Rita: Era de onde esse monstro?

Paulo: Reino Unido.

Mário: Eu queria ir à Venezuela porque queria ver o arco de la federación.

(...)

Professora Estagiária Rita: O que gostavam de ter prendido no projeto que não aprenderam?

Paulo: Todas as palavras em alemão.

Mário: Eu gostava de saber outros países, gostava de saber as comidas que há no Brasil e gostava de saber mais coisas sobre a Holanda.

(...)

Mário: Eu punha todas as línguas do mundo na história.

Orientadora Cooperante: Ora bem, eu acho que sim. O “intercultural” eu acho que sim. Que com [...] a vinda à escola, por exemplo, da mãe da Eduarda: que esteve na Alemanha e todo o envolvimento que a turma teve, toda a forma como a turma esteve a ouvir a mãe a falar sobre a educação naquele país, sobre a alimentação, sobre os monumentos, quer dizer, tudo isso foi algo que as crianças aprenderam valorizaram, porque estiveram tão... tão... empenhados em ouvir e fazer perguntas, não é? Estiveram tão envolvidos que eu acho que sim, que eles desenvolveram esta atitude de ouvir e de aprender mais sobre o outro país. E depois com a Venezuela, que o próprio pai se prontificou a fazer as arepas e todo o envolvimento das crianças em aprender e de quererem provar, eu penso que houve esse envolvimento.

(...)

Orientadora Cooperante: Sim, eu acho que sim. E depois há [...] em algumas situações, não sei se aconteceu convosco, mas muitas vezes, houve conversa, embora não fosse em alemão ou castelhano ou mandarim, muitas vezes aqui na sala acontecia que estávamos a falar outra língua. Um deles começava a falar inglês e eu respondia em inglês, e logo ali tinha as crianças “O que é que tu disseste professora?” quer dizer, eles estavam já predispostos a outras línguas e por isso este envolvimento, quer dizer, o Kamishibai Plurilingue, veio desenvolver nas crianças o querer saber como se dizem palavras noutras línguas, claro que eu não sei mandarim, alemão, o que eu sei é francês e inglês, mas muitas vezes era quase como uma brincadeira, eu responder numa língua que não era o português. Pronto.

(..)

Orientadora Cooperante: (...) E por isso o projeto teve esta parte positiva, sensibilizar as crianças para fora do seu eu. Acho que isto é bastante positivo é levar a criança para fora do seu mundinho, eles não têm noção do quão grande é o nosso planeta. (...)

Categoria	
Competências Interculturais	
Subcategoria: Reconhecer a importância das línguas	
Indicador: Evidências que demonstrem que os alunos reconhecem a importância das línguas	FG 1 Professora Estagiária Rita: Então e vocês acham que essas línguas são todas importantes? Ou há umas que são mais importantes do que as outras? Biana: Eu acho que são todas importantes! Professora Estagiária Rita: Porquê? Biana: Para nós aprendermos e podermos falar com os outros que não falam a nossa língua. Professora Estagiária Rita: E tu Daniela? Daniela: Acho que são todas! Porque se aprendermos coisas novas já conseguimos entender as outras pessoas. Professora Estagiária Rita: E tu Fábio, achas que as línguas são todas importantes ou achas que não? Fábio: Acho que não! Professora Estagiária Rita: Então, das línguas que tu aprendeste qual é que achas que é a mais importante então? Fábio: O alemão. Professora Estagiária Rita: Porquê? Professora Estagiária Clara: Para falares com a Eduarda: sem ninguém perceber? Fábio: Sim! Professora Estagiária Clara: E tu Ema? Professora Estagiária Rita: Achas que as línguas são todas importantes? Ema: Sim! Porque assim nós podemos falar com todas as pessoas! Eduarda: Eu gosto de todas menos de português! Professora Estagiária Rita: Então porquê? Eduarda: Porque português eu já sabia mais! (...) Professora Estagiária Rita: Sim, muito bem! Com o mapa da Venezuela. Foi importante para vocês eles terem vindo? Biana: Sim! Para começarmos a falar com pessoas e aprender algumas palavras.
	FG2

Professora Estagiária Joana: Acham que todas as línguas do mundo são igualmente importantes? Porquê?
Iris, Frederica, Melissa: Sim!
Professora Estagiária Joana: Todas são importantes?
[...]
Melissa: Eu acho que todas as línguas são importantes porque [...] depende [...] se nós formos a um lado as línguas são importantes para as outras pessoas... podem não ser importantes para nós, mas são para os outros porque eles comunicam naquela língua.
Frederica: Porque também se alguma pessoa da nossa família for para outro país e depois voltar não sabemos falar com ela.

FG 3

Professora Estagiária Sofia: E vocês acham que todas as línguas são igualmente importantes no mundo?
Telmo: Sim!
Professora Estagiária Sofia: Porquê?
Mara: Porque toda a gente tem direito a ter uma língua que saiba [...] Toda a gente tem direito a ter a sua própria língua.
Ricardo: Porque toda a gente deve saber falar uma língua e deve ter uma nacionalidade.
Professora Estagiária Joana: Muito bem! E tu Carla, concordas?
Carla: Sim.
Professora Estagiária Sofia: e o Telmo?
Telmo: Também.
Professora Estagiária Joana: E tu Cristiano? Concordas que o russo, o árabe, o japonês, o inglês, o português, são todos importantes?
Cristiano: Sim.

FG 4

Professora Estagiária Rita: Mário, tu achas que as línguas são todas importantes? Ou achas que existem línguas que são mais importantes que outras?
Mário e Lia: São todas.
Paulo: Porque todas têm o mesmo valor, as línguas são todas importantes porque todas se aprendem.